

Gustave Geley

***Resumo da
Doutrina Espírita***

Seguido de

- **Introdução ao estudo prático da Mediunidade**
- **Reencarnação**
- **Vocabulário Metapsíquico**



Livraria Allan Kardec Editora

Biblioteca de Ciências Psíquicas
(Metapsíquica e Parapsicologia)

Resumo da Doutrina Espírita

Gustave Geley

3ª edição – 1975

Tradução de
Isidoro Duarte Santos

Núcleo Espírita Caminheiros do Bem
Departamento Editorial
Lake - Livraria Allan Kardec Editora
R. do Lavapés, 805 – São Paulo – SP

Site: www.lake.com.br/

Orfanato:
Casa da Criança de S. João Batista do Glória
Rua Curitiba, 98
S. João Batista do Glória – MG

Índice

Nota da 2ª Edição	6	
Quem é o autor	7	
Prefácio da terceira edição francesa.....	17	
Preâmbulo	23	
1ª Parte – Resumo da Doutrina Espírita	28	
A Doutrina Espírita		
Elementos principais da doutrina espírita – Não há inteligência sem matéria – Não há matéria sem inteligência – Evolução progressiva da alma – Encarnações e desencarnações – Pluralidade das existências – O corpo psíquico ou perispírito – Causas e conseqüências da evolução da alma – Papel das emoções, das sensações e do livre arbítrio – As encarnações nos diversos mundos – Estudo das fases da encarnação – O corpo – O perispírito – A alma – O perispírito evoluciona com a alma – Ação do corpo sobre o perispírito e do perispírito sobre o corpo – A exteriorização do perispírito – A alma é uma síntese complexa de elementos diversos – Consciência e subconsciência – Hereditariedade e vidas anteriores – O esquecimento aparente – O eu real – Os elementos da subconsciência postos em evidência por certos estados patológicos, hipnóticos ou mediúnicos – Estudo das fases da desencarnação – Diferença de situação dos desencarnados – A desencarnação é um processo de síntese – A encarnação é um processo de análise		28
Os fatos		
Os sábios que têm estudado os fatos – Condições para a produção dos fenômenos – Os médiuns e o seu papel – Duas categorias de fatos: sua enumeração e descrição – Explicação dos fatos pela doutrina espírita – Do conteúdo intelectual das comunicações e da sua interpretação – A teoria anímica – Seu perfeito acordo com o Espiritismo – As duas teorias são inseparáveis uma da outra – Os fenômenos mediúnicos, qualquer		

que seja a sua causa real, estão em franca oposição com o “mecanicismo” e o materialismo niilista – Ocultismo e Teosofia ... 42

Provas indiretas

Acordo da Doutrina Espírita com todas as ciências – Acordo com as ciências naturais – O transformismo – Acordo com a Astronomia – Acordo com a Física e a Química – Acordo com a Fisiologia – Uma página de Claude Bernard – Acordo com a Psicologia teórica e experimental – Acordo com o hipnotismo – Os desdobramentos da personalidade – O sonambulismo – A clarividência – As leituras de pensamentos – A telepatia – A possibilidade do esquecimento momentâneo – Acordo com a Patologia – Acordo com a Filosofia – União do Espiritualismo e do Materialismo – Espírito, força e matéria são fases da unidade criadora – Involução e evolução – Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo – O Monismo 76

Conseqüências da Doutrina

Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais – Comparação entre a opinião tradicional e a opinião nova acerca dos nossos destinos – Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas – As recompensas e os castigos são conseqüências matemáticas das nossas ações e consistem apenas no estacionamento do ser em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores – A felicidade, resultado natural e necessário do progresso evolutivo – A moral nova: trabalho, amor, solidariedade – Necessidade do livre desenvolvimento individual – Liberdade moral proporcional à evolução do indivíduo – Perigo das restrições e imposições inúteis – Injustiça dos juízos humanos – Muita ignorância e pouca culpa na Terra – Prazeres da vida – Influência do evolucionismo na vida social – Extinção das divisões fictícias da humanidade – Socialismo e anarquia – A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições – Anarquia relativa – Deveres para com os animais 93

Conseqüências morais 100

Conclusão 111

2ª Parte – Introdução ao estudo prático da Mediunidade	114
1 – Caráter geral das experiências	115
2 – O médium.....	117
3 – Condições para o bom rendimento do médium.....	121
4 – Os experimentadores	124
5 – O controle.....	128
6 – As fraudes.....	134
3ª Parte – A Reencarnação	144
Vocabulário Metapsíquico.....	169

Nota da 2ª Edição

Após alguns anos de espera, volta a circular este livro em edição da LAKE, de São Paulo. A 1ª edição em língua portuguesa suscitou o maior interesse no setor espírita luso-brasileiro, atenta à figura do autor e à sua imparcialidade, largamente manifestada em assuntos de tão grande transcendência.

Temos a certeza de que se esgotará rapidamente, porque o labor de Gustave Geley na organização deste livro impõe-se em cada página, através da maior isenção que um metapsiquista pode demonstrar na análise crítica do Espiritismo. Não se esqueçam disto: o autor era metapsiquista e foi sob esse prisma que escreveu a obra.

Assim como *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, atravessou um século incólume, apesar dos ataques incongruentes de católicos e materialistas, também esta obra de Geley atravessará os tempos, cheia de frescor, porque cheia de verdade.

Lisboa, setembro de 1957.

Isidoro Duarte Santos

Quem é o autor

Embora o nome de Gustave Geley seja bem conhecido nos meios espíritas e metapsíquicos, não queremos deixar de escrever algumas palavras de antelóquio à primeira obra que *Estudos Psíquicos Editora* lança no mercado.

É necessário que o leitor conheça previamente quem subscreve a obra, para melhor a analisar e compreender determinadas circunstâncias, sem o conhecimento das quais seria impossível avaliar o conteúdo deste livro.

Antes de tudo, uma afirmação: Gustave Geley não era espírita. Foi o grande animador do movimento científico da Metapsíquica.

Pouco depois de adquirir o grau de doutor em medicina, estabeleceu-se em Annecy, onde conquistou merecida fama, sendo considerado o melhor clínico da região. Como interno dos hospitais de Lyon, soube igualmente distinguir-se de maneira notável.

Apesar de tudo, o seu grande amor pelo estudo dos fenômenos psíquicos levou-o a abandonar a medicina. E a Metapsíquica e a investigação dominaram-no inteiramente.

Começou a observar os fenômenos de lucidez, de sonambulismo, de premonição, etc., e a sua ligação fraternal com o Professor Santolíquido contribuiu muitíssimo para o concurso que ele posteriormente daria à Metapsíquica.

Foi o primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, e da *Revue Metapsychique*, a cuja frente esteve durante quatro anos, até ao desastre que o vitimou, em 15 de julho de 1926, quando regressava de Varsóvia, onde fora assistir a experiências mediúnicas.

Eis o que dele escreve o doutor Charles Richet:

“Competência absoluta em todos os domínios objetivos e subjetivos da Metapsíquica, saber profundo das condições psicofisiológicas e médicas da mediunidade, cortesia elegante, capacidade incomparável de trabalho. Geley possuía todas as qualidades exigidas e ainda as ultrapassava. Tinha, sobretudo, o ardor, o entusiasmo, a fé na ciência, a paixão da investigação científica. E embora a sua sagacidade e a sua perseverança fossem grandes, considero-as menores do que o seu zelo admirável. Foi graças a esse zelo ardente que ele pôde, durante seis anos, assumir a direção real do movimento metapsíquico, não só em França, mas no mundo inteiro.”

Geley era homem de largas vistas e susceptível de grandes realizações. Mas continuemos com Richet:

“Uma vez que se decidia a investigar, lançava-se à empresa com rigorosa prudência e não se limitava a controles ridículos ou imperfeitos: queria verificar tudo, explorar tudo. Não dispensava o mínimo pormenor. Como a repetição das experiências é condição indispensável à certeza, não hesitava em retomar, *ad nauseam*, a mesma experiência. Nunca dizia: “Pronto. É bastante. Estamos satisfeitos. A nossa convicção está assente. É inútil fazer sempre a mesma coisa”. Não! Não se limitava à repetição, por vezes infinitamente monótona, dos mesmos fenômenos, porque a múltipla e prolongada experimentação é condição primordial da nossa ciência.”

* * *

Geley não cabia na Metapsíquica. Por isso contribuiu extraordinariamente para fortalecer os postulados espíritas.

René Sudre, ferrenho metapsiquista, a quem Bozzano refutou magistralmente, na sua *Metapsíquica Humana*, assim escreveu a respeito de Gustave Geley:

“Depois de termos lido a sua obra é que, pela reflexão, verificamos que Geley era espírita, visto aceitar a imortalidade da alma, a reencarnação e a comunicação com os mortos. A diferença era que encarava esses postulados como verdades racionais e não como verdades reveladas. Conhecendo bem a força afetiva que se liga às palavras, renovava o vocabulário. Não falava da “alma”, mas do “ser”, e substituía a reencarnação pela “palingenesia”.

Se a filosofia de Allan Kardec pode ser considerada como ensino primário do Espiritismo, a filosofia de Geley é o ensino superior, que representa o mais belo esforço do racionalismo para satisfazer os velhos desejos do coração humano: desejo de sobrevivência, desejo de justiça, desejo de amor. É uma construção metafísica grandiosa que merece toda a nossa admiração.”

De fato, Geley aceitava todos esses postulados. Aceitava a existência da alma, mas não admitia que Deus predestinasse tal alma para tal corpo e vice-versa. Assim, diz ele no *Resumo da Doutrina Espírita*:

“Tudo nos leva a crer que não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria. Na molécula mineral, vegetal ou animal; na planta; no animal; no homem; no universo, visto em conjunto; em tudo o que é, a matéria e a inteligência estão unidas em proporções diversas.”

René Sudre disse que Geley não falava da “alma”. De fato, assim era:

“A consciência normal do ser encarnado não constitui toda a individualidade pensante. De acordo com as idéias da ciência, a doutrina espírita admite que a síntese psíquica seja mais extensa. A alma compreende uma parte consciente e outra inconsciente, ou melhor, subconsciente, esta última muito mais importante que a primeira. E assim deve ser, pois se admitirmos a teoria da pluralidade das existências, a subconsciência compreenderá enorme quantidade de recordações veladas momentaneamente, mas gravadas no perispírito; por sua vez, a consciência normal apenas compreende a noção duma consciência mais ou menos vasta de certas faculdades inatas, o que for adquirido pela personalidade atual e a memória dos principais acontecimentos da atual encarnação. Logo, é incontestável que a consciência total, isto é, o *eu* real, produto de todos os progressos alcançados, há de ser muito superior ao *eu* aparente, nos seres adiantados.”

Geley considerava, assim, a individualidade, o princípio pensante que anima o homem. E embora discordasse de certas particularidades da Doutrina Espírita, comportou-se de maneira tal, que mereceu a simpatia dos adeptos da nossa filosofia.

* * *

Que assim era, demonstra-o o seguinte estudo psicológico que, a respeito do autor, escreveu o Dr. Luiz M. di Cristóforo, redator-correspondente de Estudos Psíquicos em Buenos Aires e professor da Universidade Popular de Urquiza:

“Embora metapsiquista, Geley foi quem mais e melhor soube fazer pelo Espiritismo, como novo sentido e novo culto da vida. Viu realizada a sua mais cara vocação: integrou o elemento vivificante do fenomenismo espírita num classicismo de cujas raízes soube extrair a seiva necessária para a sua interpretação moderna do Espiritismo.

A obra de Geley contribuiu sempre para a formação dum clara e definida consciência idealista entre os homens, especialmente nos que se dizem espíritas, sem a noção de responsabilidade que tal qualificativo encerra.

Com a sua obra e o seu exemplo, sustentou que à escola espírita incumbe a tarefa de reformar a estrutura dum mundo eivado de erros que tudo asfixiam.

Em oposição à rotina, Geley trouxe experimentação nova; e, contra os preconceitos alheios, ergueu a reta decisão que encerra o triunfo e a causa dos grandes valores.

Por cima do seu apurado cientifismo, toda a obra de Geley deve ser encarada como ação de objetivos práticos.

Através das dificuldades das várias interpretações, Geley fez brilhar a luz da sua convicção, transformada em fenómeno e definição, entre um mundo de interesses e pseudo-sábios, eivados de tartufismo. Estudou alguns caracteres obscuros e relevantes do Espiritismo, relacionando-os com o futuro promissor que lhes reservavam os novos métodos de investigação a que seriam sujeitos, futuro cheio de ardentes possibilidades, segundo o permitisse a audaz serenidade da nova doutrina, escudada pelos seus lídimos representantes.

Melhor do que ninguém, Geley soube determinar as condições necessárias e a própria essência dos fatos materiais mais aparentes, explicando o que muitos não conseguiram explicar, sendo este um dos seus melhores títulos de glória.

Como verdadeiro sábio, legou-nos a mais nobre das atitudes: manter a significação moral que encerra toda a investigação.

É possível que seja esta a mais adequada interpretação da verdadeira essência da doutrina espírita. Também nos legou uma característica da sua indubitável capacidade, consubs-

tanciada na quase fria serenidade com que encarava todas as questões que lhe passavam pelo cadinho da análise. Estas condições tornaram Geley o protótipo da capacidade. Assim era, porque tudo quanto via e experimentava era por ele aclarado e fundamentado. Explicava tudo o que via e sentia. Eis uma linha espírita que nasce e morre com Geley.”

* * *

“Antes de tudo, Geley foi uma capacidade intrépida que conseguiu encontrar o conceito exato, a linguagem leve, o princípio vivificante e a expressão genial.

A sua capacidade venceu os detratores e, com desprezadora imutabilidade, destruiu as objeções feitas ao sistema que apresentava à consideração dos mais idôneos. A sua sagacidade venceu a maioria e todos os “Sudres” que pululavam em torno das suas magníficas vitórias.

Pôs ao serviço do Espiritismo as suas notáveis faculdades de investigador sincero, bem como a sua lógica de ferro e a sua grande habilidade para deduzir princípios dos fatos, integrando-os nas principais idéias em que baseava a sua interpretação doutrinária.

Aparentemente insensível, os seus irreduzíveis inimigos ideológicos jamais lhe conseguiram denegrir a capacidade e a retidão doutrinária de sempre.

Geley conhecia perfeitamente as várias escolas da vanguarda espírita e por isso constituiu uma bandeira – e das mais valiosas – dentro e fora dessas escolas. Foi um homem sincero consigo mesmo, imperturbável e capaz de usar os mais vigorosos processos para apurar a verdade e examinar uma convicção; foi um homem que procurou avidamente as produções fenomênicas de novo aspecto científico e a sua a-

ção exerceu-se com grande intensidade, como conquista de laboratório.

Descreve sempre pormenorizadamente e muitas vezes ao correr da pena, imprimindo verdadeira elegância poética ao seu estilo. Artífice do fenômeno, experimentador exímio, a sua palavra transformou-se logo em conceito penetrante.

As suas obras insuperáveis estão ligadas pelo mesmo sopro renovador. O fio com que inicia o primeiro ciclo de *As Provas do Transformismo e os Ensinamentos da Doutrina Evolucionista* – a sua estréia – é o mesmo com que finaliza as deduções filosóficas incompletas da *Origem e Significação dos Fenômenos Metapsíquicos*. A sua obra magnífica revela exuberantemente a elevada noção que ele tinha duma doutrina, novo virtuosismo com que se distinguiu na nossa escola. Essa foi, em verdade, a sua obra, o seu fruto e a sua elevada contribuição em prol dum novo movimento humanista. Assim, Geley foi também um homem de extraordinária compreensão.

A sua trajetória revela uma grande capacidade e a sua opinião nunca foi de balde consultada. A sua concepção do Espiritismo é, sobretudo, uma concepção contrária a todo o sistema religioso.

Toda a sua investigação científica demonstra sonho esplêndido que se interrompeu de forma radical. Todos os seus esforços se baseavam e orientavam num plano de intercompreensão, de esclarecimento entre o conceituado como clássico e aceito nos estudos naturais psicológicos e o novo traço que caracteriza o Espiritismo como ciência de integralidade humana. Nem outro significado pode encerrar a sua obra revisionista do classicismo estudioso.”

“Como capacidade, evidencia grande talento criador de uma profunda habilidade. Nas fileiras espiritualistas, é o mais categorizado protótipo de teórico e construtor, sem detrimento das duas condições tão difíceis de reunir. É que Geley, como verdadeira capacidade, não só compreende, como também realiza.

Tudo concorre, com o seu assentimento, para que se transforme em campo de ação, visto que, somente realizando se conseguem as grandes capacidades.

Em Geley não encontramos, felizmente, nem estilo rebuscado, nem apostolicismo ou pessimismo. Era simples, claro e otimista, como os próprios fatos que estudava. Geley nasceu pedagogo para o Espiritismo: todas as suas investigações são pedagogia. Experimentou como escreveu, isto é, sem idéias preconcebidas, analisando e controlando tudo, sem exceção.

Nunca provocou polêmicas, mas também lhes não fugiu. À discussão das palavras e dos papéis, preferiu a dos princípios e dos fenômenos, podendo afirmar-se que foi sempre experimentador e filósofo de nascença. Deste modo, principiou cedo, tendo sido espicaçado pela dúvida religiosa, como os gigantes são espicaçados por simples grãos de areia. O seu despertar foi um impulso – e que impulso! – que só acabou em transição, quando capotou o avião que o conduzia, enegrecendo a lembrança duma partida escamoteadora.

Espírito de vanguarda, Geley ergueu o Espiritismo à altura da sua época. Recebeu de Kardec uma doutrina e transmitiu-nos uma escola.

Por isso, reputamos Geley a melhor realização de Kardec, visto que só uma grande capacidade podia interpretar uma grande vontade. É que a magnificência espírita necessitou, primeiramente, da característica vontade kardeciana, e depois

da capacidade geleana, como a sua melhor e mais qualificada continuação.

Kardec foi farol que iluminou até onde pôde. Geley foi o barco que aportou onde quis.¹

É por isso que um e outro são homens-sínteses do Espiritismo. Assinalam duas épocas, são dois estádios diferentes que se completam. Sem Kardec não se justifica Geley, mas a obra de Geley é a melhor explicação e continuação da de Kardec. Descrever o Espiritismo sem eles era inconcebível, como inconcebível seria descrever a força vital que constitui a essência do nosso movimento. É que Geley é a realização duma obra da qual Allan Kardec foi o justo prefácio.

Apesar de muitos esforços contrários, Geley ilumina e continuará a iluminar as dúvidas que se apresentam aos estudiosos da Doutrina.”

* * *

Eis a figura mental e moral do autor desta obra que, além do resumo do Espiritismo, contém “Introdução ao Estudo Prático da Mediunidade” e “Reencarnação”, devidas à pena do doutor Geley.

Estão na memória de todos os estudiosos as célebres experiências que realizou com os médiuns Stanislawa, Kluski, Guzik, Erto,

¹ Lembramos ao leitor que esse comparativo entre Kardec e Geley é uma opinião pessoal do tradutor.

Não nos parece adequado o comparativo entre esses dois grandes homens, que tiveram aptidões e trabalhos essencialmente diversos:

– Allan Kardec foi um educador e pedagogo, com uma capacidade ímpar de organização e síntese de idéias; por isso foi escolhido para a missão de Codificador da Doutrina Espírita. Já Gustave Geley, como metapsiquista, foi um dos grandes sábios que permitiram a comprovação científica dos fenômenos espíritas. (Nota do revisor)

etc., para as quais convidou sábios, médicos, engenheiros e professores de Universidades. O método e o rigor científico que imprimia às suas observações tornaram-no credor do maior respeito. Nunca impunha aos outros a sua opinião. Procurava convencer os contraditores, através do mais perfeito raciocínio; e de tal modo se desempenhava na sua tarefa, que os críticos viam-se em sérias dificuldades para lhe responder.

Terminamos o exórdio com as palavras do engenheiro inglês Stanley de Brath, a respeito do vulto eminente que tão alto soube erguer a investigação psíquica:

“Todos os que o conheceram lhe apreciavam a bondade do coração, a valentia na perquirição da verdade e a imparcialidade no julgamento científico. Convencido da importância da Metapsíquica, fez grandes sacrifícios por ela e consagrou-se-lhe inteiramente. Deixa-nos um grande exemplo de coragem, de precisão, de moderação em presença dos ataques injustos que suportou. A sua obra permanecerá e as descobertas futuras serão, indubitavelmente, interpretadas à luz dos princípios que ele apresentou, com inteligência e lógica irrefutável.”

I. D. S.

Prefácio da terceira edição francesa

Se há livros que dispensam prefácio, este é um deles, pois o autor exprime tão claramente a sua idéia, que o mais leve comentário seria diminuir-lhe a importância.

Outra razão me leva a falar aqui do autor, do amigo ausente, do saudoso Dr. Geley, que escreveu esta pequena obra numa época afastada, em 1897, sob o pseudônimo de Dr. Gyel.

Foi esse escritor distinto, esse sábio, esse grande pensador que eu devia encontrar vinte anos mais tarde.

Atraídos um para o outro por aspirações semelhantes, resolvemos tentar qualquer coisa de prático, de positivo, no domínio das ciências psíquicas. Instalou-se então um laboratório em 1917, na Avenida de Suffren, e o Dr. Geley relatou os seus primeiros trabalhos numa conferência feita na Sorbonne, em 28 de janeiro de 1918.

Em 1919, o Instituto Metapsíquico Internacional foi inaugurado no majestoso edifício da Avenida Niel. Realizava-se assim a esperança que o Dr. Geley formulara em 1905, em sessão da Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra, na qual se aprovou uma proposta sua tendente à criação de um instituto prático de investigações psíquicas, bem organizado, bem dirigido e provido de recursos suficientes.

Quantas vezes, desde então, exprimiu ele a sua alegria de ver o sonho antigo inteiramente concretizado! Possuindo no mais elevado grau o sentimento da sua nobre missão, alegrou-se por dispor dos meios que o ajudassem a cumpri-la, embora às vezes lhe pairasse na alma, como ligeira nuvem, certa impressão de melancolia, filha do receio ou talvez pressentimento de não poder concluir a sua tarefa! Só os que o acompanhavam sabem com que ardor, com

que tenacidade, com que amor fiel à verdade ele trabalhava na resolução dos difíceis problemas da ciência metapsíquica, que mal acabava de nascer!

Toda a sua individualidade revelava impaciência de fazer jorrar a luz, de ver quais eram os fatos autênticos e os fatos errôneos.

Delimitar a parte da verdade e da ilusão; da sinceridade e do charlatanismo; dar aos fatos tidos como reais uma explicação racional e extrair deles as necessárias conseqüências filosóficas; edificar uma ciência nova, ao lado da miscelânea das práticas e teorias ocultas, tal era o leal objeto, o ideal generoso que animava infatigavelmente o Dr. Gustave Geley.

A sua obra é imensa e mundial a sua repercussão. Os livros que lega à posteridade são obras-primas, em que a ciência anda aliada à fé: de fato, no pensamento íntimo do autor, a Ciência e a Fé devem completar-se mutuamente e caminhar de mãos dadas em qualquer criação humana verdadeiramente viva e fecunda.

No decurso destas vigorosas páginas, Geley afirma a sobrevivência com lógica, extraordinário poder de análise e elevação de espírito que nos impressionam singularmente, atenta a sua autoridade de experimentador.

Diz ele, em sua obra *Do Inconsciente ao Consciente*:

“Para o homem suficientemente evoluído, a morte quebra ruidosamente o círculo em que a vida material tinha encerrado uma consciência que ultrapassava os limites da profissão, da família e da pátria. O ser é levado para além dos pensamentos e das recordações habituais, do amor e do ódio, das paixões e dos hábitos.

Na cadeia das existências, uma vida terrestre é semelhante a um dia desta vida. Uma vida e um dia têm, na evolução humana, importância similar e verdadeira analogia.”

Estava firmemente convencido do papel que, na evolução humana, desempenhavam as vidas sucessivas. Muitas vezes me contava as lembranças que tinha da sua vida passada; apesar disso, eu ignorava que ele, em 5 de outubro de 1916, tivesse confiado essas lembranças, por escrito, ao Professor Santolíquido, Presidente do Instituto Metapsíquico Internacional, que nos leu o seguinte documento na sessão comemorativa da morte do saudoso diretor daquele estabelecimento científico:

Sonho ou recordação

“A minha primeira infância foi obsidiada por uma visão com todos os caracteres de recordação. Embora mais tarde atenuada, esta visão nunca se apagou do meu espírito e ainda tem para mim o valor dum fato. Antes de a descrever, devo dizer que está ligada a uma recordação autêntica das seis primeiras semanas da minha vida.

Nessa altura, meus pais viviam na cidade de Montceaux-Mines, perto da linha férrea que passava diante da nossa casa e deixaram esta cidade para viver em Genebra, tinha eu então mês e meio.

Anos decorridos, quando eu passava em frente duma linha térrea, vinha-me sempre, irresistivelmente à imaginação, a linha que passava junto à nossa casa de Montceau. Como é natural, contei essa recordação a meus pais e eles ficaram surpreendidos e confirmaram que, de fato, aquela nossa casa estava situada ao lado da linha férrea.

Quando, porém, lhes disse que a visão ligada a essa recordação era anterior à minha estadia em Montceau, responderam-me, com todas as aparências de verdade, que era absurdo.

Contudo, para mim, a visão era clara e precisa e impunha-se ao espírito como recordação indiscutível, ainda que eu fosse incapaz de explicá-la e de compreendê-la.

Essa visão constituiu para mim um enigma em que eu pensava constantemente, até o dia em que comecei a estudar os fenômenos psíquicos. Vi, então, espontaneamente, que a visão era a lembrança do meu nascimento, lembrança que me ficara gravada no espírito.

Conheço as objeções que se podem fazer à minha idéia, objeções de toda espécie e que eu também faço a mim próprio. No entanto, o raciocínio lógico obriga a declarar que só se pode tratar dum sonho talvez provocado por qualquer incidente esquecido.

Seja. Mas a minha impressão íntima, irresistível, é outra. Apesar de tudo, creio na realidade duma recordação.

Dito isto, eis o fato:

1º – Vejo-me nitidamente a preparar-me para uma grande viagem e rodeado de amigos que me dizem adeus. Não tenho a menor recordação da sua fisionomia, nem da sua personalidade, nem dos *pensamentos trocados*. *Todos nós estamos vestidos de branco e em plena luz* (os pormenores que sublinho gravaram-se indelevelmente no meu espírito). Mas é preciso separarmo-nos. E todos eles se aproximam mais de mim e me rodeiam.

2º – Ato contínuo, sinto-me cair num precipício negro, em plena escuridão, como que arrastado por um ciclone. Toda a luz desapareceu. Caio, rolo, irresistivelmente e dolorosamente.

3º – Depois, bruscamente, vejo luz, mas luz vaga, indistinta. Experimento uma impressão de abatimento, de dor, de so-

frimento. Depois, esqueço por completo o que se segue. Esta terceira cena é muito curta e menos precisa do que as outras.

(3 de outubro de 1916).

Com a publicação da *Ectoplasmie et Clairvoyance*, em 1924, Geley agrupou mais uma vez os fatos em que apoiava as suas convicções e a sua filosofia.

Ao mesmo tempo em que, nesta obra capital, estabelecia a autenticidade da ectoplasma e da clarividência, lançava as bases duma filosofia idealista e racional. Os fatos que ele atesta são verdadeiros e cedo ou tarde desaparecerão os seus opositores, visto que contra fatos não há argumentos. A interpretação geral que o Dr. Geley deles extrai apresenta-se ainda em forma de esboço; mas, como ele escreve em *Do Inconsciente ao Consciente*, o mérito é indicar, deixar entrever o que será um dia o monumento da filosofia científica, a harmonia do seu conjunto e a sua beleza integral.

Essa beleza e harmonia, símbolo de verdade, permite mais que um prazer do espírito e do coração: permite mais do que emoções científicas ou metafísicas, permite emoções profundamente e intensamente religiosas, em toda a extensão e significação da palavra.

Escreveu Averrhoes:

“A religião particular dos filósofos é estudar o que é, porque o mais sublime culto que podemos prestar a Deus é esforçarmo-nos por conhecer as suas obras, o que nos levará a conhecê-lo inteiramente. É essa a mais nobre das ações aos olhos de Deus. Pelo contrário, vileza seria apelidar de erro e estulta pretensão aquilo que, perante a divindade, enobrece esse culto mais que os outros cultos, aquilo que o adora através desta religião, a melhor de todas as religiões.”

Sob a égide dessas belas palavras, recomendo confiadamente aos crentes, aos filósofos e aos sábios o livro do amigo querido. Como as suas outras obras imortais, o *Essai de Revue Générale et d'Interpretation Synthétique du Spiritisme* (Resumo da Doutrina Espírita) dirige-se a todos os que cultivem um ideal superior. A sua difusão tornará ainda mais viva a memória daquele que foi arrebatado muito cedo à estima dos seus amigos, à ciência e à humanidade.

Só mais tarde se poderá apreciar em toda a extensão o edifício cujas bases foram lançadas por esse grande investigador da Verdade.

Jean Meyer

Preâmbulo

Estas linhas são a exposição de um profano acerca dos princípios elementares da doutrina espírita. E digo de um profano, porque a minha experiência prática do Espiritismo não é suficiente para convencer ninguém, nem sequer para me convencer a mim próprio.

O que pretendo fazer neste livro é uma espécie de “revista geral” de uma questão que entrou agora no domínio científico e que, em todo o caso, apresenta grande interesse, qualquer que seja a sorte que lhe reserve o futuro.

Toda a gente fala de Espiritismo, mas a verdade é que, exceto reduzido número de iniciados e alguns sábios filósofos que se deram ao trabalho de estudá-lo, a massa, o vulgo, mantém a mais completa ignorância a respeito desse ramo de ciência.

Uns apenas vêem nele uma religião nova; outros encontram-se ainda na lamentável fase dos princípios da nova ciência, isto é, nas explicações, pouco menos que infantis, do balbuciar do Espiritismo: alucinações, fenômenos inconscientes, ranger de tendões, fraudes, etc.

Para a enorme maioria das pessoas, o Espiritismo reduz-se a práticas bizarras de infelizes ou alucinados que, de boa-fé, julgam falar com os parentes mortos ou receber a visita de grandes homens desaparecidos do mundo dos vivos...

Mas quando se estuda o Espiritismo pela primeira vez, experimenta-se verdadeira estupefação, porque se vê então que os fenômenos espiritistas ou chamados espiritistas se reduzem, em suma, a determinados tipos principais, de caracteres fixos e de grande precisão; que esses tipos de fenômenos estão solidamente estabelecidos e justificados pelo inegável testemunho de milhares e

milhares de investigadores; que têm sido escrupulosamente observados e comprovados, com todo o rigor dos métodos experimentais, por ilustres sábios de todos os países; e, finalmente, que a sua negação pura e simples equivale hoje a uma confissão de ignorância.

E com não menos surpresa se vê então que esses fatos foram o ponto de partida e a base de uma doutrina racional e verdadeiramente científica; uma filosofia ao mesmo tempo fácil, muito fácil e muito bela.

Esses fatos e essa doutrina estão extensamente expostos na bibliografia especial do Espiritismo, que encerra numerosas obras de valor incalculável e de grande interesse.

Vou tentar expor de modo claro e sucinto tais fatos e tal doutrina, procurando fazer uma síntese, ao mesmo tempo breve e completa, como ainda não encontrei nas minhas investigações acerca do Espiritismo.

Escrevi este pequeno trabalho sem pretensões e com o único fim de esclarecer e fixar as minhas idéias. Depois, pensei que talvez pudesse interessar a alguns dos meus amigos.

Em resumo: ainda que a doutrina espírita apenas fosse uma ilusão (o que não creio), é demasiado original e demasiado bela para chamar a atenção dos pensadores e merecer séria discussão.

Quantos sistemas filosóficos que apaixonaram muitíssimas gerações não eram, em todos os sentidos, inferiores ao Espiritismo!

Para apreciar esta doutrina em toda a sua extensão, é conveniente por de lado, momentaneamente, qualquer outra idéia filosófica ou religiosa que se tenha. O Espiritismo apresenta, com efeito, uma série de intensos contrastes com os outros sistemas metafísicos ou religiosos.

O Espiritismo difere das religiões pela ausência total de misticismo, não invocando revelações, nem *sobrenatural*. O Espiritismo só admite fatos experimentais, com as deduções que deles se desprendem.

Também se distingue da Metafísica, ao repelir todo o raciocínio *a priori* e toda a solução puramente imaginativa.

Só aspira ao título de *Ciência* e a ser considerado como ramo da História natural.

Só em nome da ciência aspira a dar a chave dos grandes problemas, a despeito dos anátemas dos Brunetière e dos sub-Brunetière.

As deduções científicas que revolucionaram as velhas idéias e os velhos preconceitos levaram o Espiritismo a unir os dois adversários aparentemente irreconciliáveis, que se chamam Espiritualismo e Materialismo, cuja antiga disputa residia num simples *mal-entendido*.

E, por fim, a última originalidade: o Espiritismo não tem a pretensão, um tanto enfática, de explicar tudo, inerente às religiões e às filosofias.

É verdade que o Espiritismo admite a existência da Divindade; mas nada afirma acerca da sua natureza exata e contenta-se em fazer dela a alma inteira do Universo. “Definir Deus – diz magistralmente o ilustre Léon Denis² – seria limitá-lo, circunscrevê-lo e quase negá-lo”.

O Espiritismo afirma que a alma subsiste à destruição do nosso organismo, da nossa matéria, da mesma forma que já preexistia antes do nosso nascimento na Terra; que a alma está submetida à grande lei da evolução progressiva; mas reserva prudentemente a

² Léon Denis, *Depois da Morte*.

questão do princípio e do fim. Somos parte integrante, parte *exteriorizada* ou criação pura e simples da Divindade?... Qual será o termo da evolução? E essa evolução terá, mesmo, algum termo?

Tudo isso compreenderemos – diz o Espiritismo – quando chegarmos a um estado superior.

Por agora, os seus ensinamentos impedir-nos-ão de nos perdermos nos intrincados caminhos de Metafísica, ou de estratificarmos nas teias paralisantes das religiões. O Espiritismo só pretende lançar um pouco mais de luz em nossa rota, para frente e para trás dos nossos passos.

No curso da nossa evolução progressiva – diz ele –, uma única existência terrestre nada mais é que mero instante.

Encerrar toda a nossa vida material e intelectual no âmbito de meio século passado no planeta é tão infantil como o pensamento dos antigos, que julgavam que todo o Universo se limitava à Terra.

Mas a nossa existência não pode compreender-se, considerando-a sob esse aspecto tão mesquinho; tentar fazê-lo seria tão insensato como pretender conhecer ou compreender um livro, lendo uma só linha de qualquer página aberta ao acaso. Mas demo-nos ao trabalho de ler algumas páginas, antes e depois do lugar em que o abrimos, e então poderemos adivinhar em grande parte o sentido geral da obra.

Dito isto, já não devemos preocupar-nos com o prefácio deste livro, nem com a sua conclusão... nem mesmo com o próprio autor.

Duas observações importantes, antes de começar este estudo:

- 1^a) Só tratarei da grande doutrina do Espiritismo Evolucionista, sem me ocupar das doutrinas divergentes, que nenhuma importância têm, quer do ponto de vista científico, quer do ponto de vista filosófico;

- 2ª) No decorrer deste estudo, a palavra *Espiritismo* designará sempre o conjunto da doutrina (teoria, fatos e conseqüências) e não somente a questão das relações entre os vivos e os mortos.

Primeira Parte

Resumo da Doutrina Espírita

A Doutrina Espírita

Elementos principais da doutrina espírita – Não há inteligência sem matéria – Não há matéria sem inteligência – Evolução progressiva da alma – Encarnações e desencarnações – Pluralidade das existências – O corpo psíquico ou perispírito – Causas e conseqüências da evolução da alma – Papel das emoções, das sensações e do livre arbítrio – As encarnações nos diversos mundos – Estudo das fases da encarnação – O corpo – O perispírito – A alma – O perispírito evoluciona com a alma – Ação do corpo sobre o perispírito e do perispírito sobre o corpo – A exteriorização do perispírito – A alma é uma síntese complexa de elementos diversos – Consciência e subconsciência – Hereditariedade e vidas anteriores – O esquecimento aparente – O *eu real* – Os elementos da subconsciência postos em evidência por certos estados patológicos, hipnóticos ou mediúnicos – Estudo das fases da desencarnação – Diferença de situação dos desencarnados – A desencarnação é um processo de síntese – A encarnação é um processo de análise.

Para os verdadeiros crentes na doutrina espírita, esta é uma ciência positiva, baseada no estudo experimental dos fenômenos psíquicos e nos ensinamentos dos espíritos elevados.

Ciência perfeitamente maleável e susceptível de aperfeiçoamento, só deve avançar passo a passo, repelindo as deduções distantes e as observações apressadas e duvidosas, limitando-se a expor os fatos e os pontos bem estabelecidos.

Esses pontos são os seguintes:

1º – No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos admitir o puro materialismo, nem o puro espiritualismo, pois tudo nos leva a crer que *não há matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria*. Na molécula mineral, vegetal ou animal; na planta, no animal, no homem; *no espírito desencarnado*, mesmo de grande elevação; no universo, considerado no seu conjunto; numa palavra, em tudo quanto existe, a matéria e a inteligência estão unidas em proporções diversas.

2º – O Universo, no sentido de totalidade, uma vez considerado em partes isoladas, está submetido à *evolução progressiva e contínua*, tendo em conta que há evolução para o princípio material e evolução para o princípio psíquico.

Esta dupla evolução é homogênea. Uma não pode verificar-se sem a outra. Na base da evolução, a alma é simples elemento de vida, inteligência que, mercê de tempo, será poderosa. É a chamada *força difusa*, que associa e mantém as moléculas minerais em forma definida.

No período maduro da evolução, a alma é um *princípio vivente, consciente e livre*, que só conserva da sua associação com a matéria o mínimo de aspecto orgânico estritamente necessário à manutenção da sua individualidade.

3º – No curso da sua evolução progressiva, a alma passa através de organismos cada vez mais perfeitos. Desse modo, sofre uma série infinita de *encarnações e desencarnações*.

A memória dos estados precedentes dormita mais ou menos no fundo da alma, durante cada encarnação, para reaparecer depois da morte, tanto mais extensa quanto mais elevado for o ser.

4º – A alma, com efeito, mantém intacta a individualidade, graças à sua *união indissolúvel com um organismo fluídico* chama-

do corpo psíquico, corpo astral ou perispírito, que evoluciona com ela.

O perispírito é o princípio intermediário entre a matéria e o espírito. É a *força* necessária, que tem um tríplice objetivo:

- manter a individualidade indestrutível e intacta;
- servir de substrato ao corpo, durante a encarnação;
- ser o traço de união entre a alma e o corpo, para a transmissão recíproca das sensações e das ordens da vontade.

A morte é o abandono do corpo pela alma e pelo perispírito, como se abandona um vestido velho.

O nascimento é a posse do novo organismo para a progressão contínua do ser.

De modo que a história natural do ser vivente deve compreender os seguintes pontos:

- a) as causas e conseqüências da evolução, no sentido orgânico e no sentido psíquico;
- b) as fases da encarnação;
- c) as fases da desencarnação.

Consideremos agora, sucessivamente, esses três pontos:

Causas e conseqüências da evolução

Não é aqui o lugar para falar das condições da evolução orgânica, a saber: influência do meio ambiente, luta pela vida e seleção natural.

Como se depreende, estas condições presidem também à evolução anímica, pelo menos nas suas fases inferiores.

A evolução do corpo e da alma exerce-se reciprocamente. Assim, as necessidades orgânicas e as sensações necessitam de exer-

cício contínuo e, conseguintemente, do desenvolvimento das nossas faculdades conscientes ou instintivas. Por outro lado, o exercício cada vez mais extenso das faculdades trás consigo o aperfeiçoamento dos órgãos materiais.

O sofrimento e o prazer físico não servem, pois, somente para assegurar a conservação e a transformação progressiva do organismo; a alma desenvolve-se pouco a pouco, na luta pela vida, pelas dores e penas de que necessita a existência material, assim como pelos raros prazeres que a vida encerra.

A evolução anímica tem a sua causa primária no trabalho, que é indispensável à satisfação das nossas necessidades corporais, no esforço para fugir às sensações desagradáveis e procurar as que nos dão prazer.

No ser verdadeiramente superior, as *emoções* e o *livre exercício da vontade* juntam-se às *sensações*, cujo papel é coisa secundária para o homem elevado.

A evolução psíquica exerce-se, sobretudo, pela influência das emoções, pela cultura intelectual e moral, pelo desenvolvimento consciente das faculdades e pelo exercício da liberdade moral, não esquecendo que estes últimos são sempre proporcionais à evolução do indivíduo.

Mas chega um momento em que o corpo humano já não pode servir ao aperfeiçoamento da alma e ser, mesmo, obstáculo a esse aperfeiçoamento.

Com efeito, a sensibilidade física e moral suficientemente desenvolvida é incompatível com as condições miseráveis da existência terrestre, condições que obrigam o indivíduo a sofrer tanto mais, quanto maior for o seu grau de aperfeiçoamento e elevação, como, por exemplo, o homem que, na sua ascese, consegue ultrapassar o nível médio da maior parte da humanidade terrestre.

Desse modo, quando os trabalhos e os sofrimentos têm exercitado convenientemente a individualidade pensante de um ser, os mundos superiores estão abertos à sua atividade.

Desde então, as encarnações realizam-se nos planetas mais adiantados,³ onde o mal, que é medida da inferioridade dos seres e dos mundos e condição necessária para o seu aperfeiçoamento, se encontra consideravelmente reduzido; onde a liberdade consciente do *eu* sofre menos a influência do organismo material; onde, enfim, a felicidade resulta necessariamente da dupla condição seguinte cada vez mais perfeitamente realizada:

- Aumento do campo da consciência, das faculdades intelectuais, morais, afetivas e sensitivas e diminuição do mal.

O ser vivente já não é, pois, esta personalidade efêmera das doutrinas materialistas, que sai do nada para a ele voltar quase imediatamente, sofrendo esta curta existência, sem a compreender. É, pelo contrário, uma individualidade indestrutível, continuando, *pelos seus próprios esforços*, em série imensa de encarnações e desencarnações, a evolução progressiva que o libertará das sujeições materiais e lhe dará consciência, liberdade, amor e felicidade.

A encarnação

Consideremos agora o ser vivente durante uma fase de encarnação.

Todo ser encarnado apresenta três elementos dignos de consideração: o *corpo*, o *perispírito* e a *alma*.

³ É possível que encarnações inferiores se não façam exclusivamente na Terra.

– O corpo

Ponhamos de lado o que diz respeito ao corpo e frisemos apenas que a doutrina espírita está perfeitamente de acordo com a teoria científica geralmente admitida, segundo a qual cada célula é um ser elementar.

– O perispírito

O corpo astral, ou perispírito, tem muita importância para a doutrina espírita.

Constitui, como já dissemos, o princípio intermediário entre a matéria e o espírito, o meio de união entre a alma e o corpo, a condição necessária para as relações entre o moral e o físico.

É composto da quintessência dos elementos combinados das encarnações anteriores. Evoluciona e progride com a alma e é tanto mais “sutil” e menos “material” quanto mais elevado e perfeito for o indivíduo.

O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já realizados e sintetiza o estado de adiantamento do ser.

Serve de molécula, de substrato orgânico para as novas encarnações. Condensando-se no embrião, agrupa em certa ordem as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação seria um tumor informe.

O perispírito assegura também na mesma ordem a manutenção do corpo e suas reparações, durante a perpétua renovação das células (sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns meses. Sem a força do perispírito, a personalidade do ser variaria constantemente em cada mudança).

Ao mesmo tempo em que contribui para a formação do corpo, o perispírito modifica-se de certo modo durante a encarnação, em consequência dos novos elementos que lhe transmite o germe orgânico e, sobretudo, dos progressos efetuados por esta encarnação.

O perispírito não está absolutamente preso ao corpo do encarnado; irradia mais ou menos fora dele, segundo a sua pureza⁴ (essa irradiação constitui a *aura*). Adicionalmente, pode às vezes, ainda que em pequena proporção, separar-se momentaneamente do corpo físico, ao qual fica ligado por leve fluido.

Nesse estado de desencarnação relativa, o ser pode tomar conhecimento de fatos ocorridos longe dele e demonstrar que possui faculdades anormais. Se, no seu êxodo, o perispírito arrasta consigo numerosas moléculas materiais, poderá exercer influência a distância e influenciar a vista e os outros sentidos de pessoas que encontre no seu caminho. Representa, então, o *duplo* exato do seu corpo.

Na maioria dos casos, a exteriorização do *duplo* é acompanhada de um estado particular do ser encarnado, chamado *transe* e apresentando muitas semelhanças com a hipnose profunda. Durante o *transe* a personalidade normal é inconsciente e, geralmente, ao despertar não se recorda de coisa alguma.⁵

As pessoas susceptíveis desse desdobramento da personalidade chamam-se *médiuns*, isto é, indivíduos que servem de intermediária-

⁴ Ver *Eflúvios Ódicos*, de Reichenbach, prefácio de A. de Rochas (Paris, 1893, Flammarion, editor); *Anais das Ciências Psíquicas*, 1894, estudo de A. de Rochas acerca da “Objetividade dos Eflúvios”. Ver também as investigações do Doutor Baraduc a respeito da “Força Vital” e as investigações de Boirac.

⁵ Ver o *Estudo Experimental* de A. de Rochas, acerca dos “Fantasmas dos Vivos” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1895).

rios aos desencarnados desejosos de comunicar-se conosco e lhes emprestam o fluido vital e os elementos materiais libertados pelo êxodo parcial da força do perispírito.

Acabamos de falar do corpo e do perispírito. Agora vamos estudar a situação da alma durante a encarnação.

– A alma

Segundo os dados modernos da psicologia, a doutrina espírita considera a personalidade pensante, não já como unidade simples, mas, ao contrário, como síntese muito completa.⁶

Esta síntese compreende numerosos elementos, que podem dividir-se em duas categorias:

- 1ª) elementos adquiridos nas encarnações anteriores;
- 2ª) elementos adquiridos na atual encarnação.

Os elementos adquiridos nas encarnações anteriores são os seguintes:

a) *A lembrança das personalidades passadas* e o conhecimento de todos os fatos importantes das existências sucessivas.

Esses elementos não estão na consciência normal. Aparentemente esquecidos, são integralmente conservados pelo perispírito.

b) *A consciência total*, isto é, o produto dos progressos realizados desde o começo da evolução.

É a parte essencial da *individualidade*, que constitui o seu verdadeiro grau de aperfeiçoamento; é o *eu real*, que a *personalidade* atual mais ou menos encobre e que as novas encarnações dissimulam momentaneamente, em virtude dos elementos que levam consigo.

⁶ Ver Janet, *Automatismo Psicológico*.

Os elementos adquiridos na atual encarnação são provenientes:

a) *Da hereditariedade*, que é dupla: *física e psíquica*.

A hereditariedade física é evidente e muito importante, pois que dela depende em parte o bom estado do instrumento orgânico.

A hereditariedade psíquica deve ser, provavelmente, uma ilusão. É indireta e resulta da conformação do cérebro, semelhante, materialmente, ao dos pais.

Por outro lado, vê-se que não há qualquer assimilação possível entre a hereditariedade física, quase sempre muito nítida, e a hereditariedade intelectual e moral, quase sempre ausente em absoluto.

b) *Das condições materiais*

Não há necessidade de insistir na importância das condições materiais para o exercício das nossas faculdades.

O meio ambiente (riqueza, miséria, educação, exemplos, etc.) desempenha também grande papel no desenvolvimento da consciência.

c) Finalmente, e sobretudo, as novas aquisições vêm dos nossos esforços, da experiência da vida diária, da luta pela vida, *das sensações e das emoções e do exercício da nossa liberdade moral*.

Tais são os elementos que constituem a personalidade pensante do ser encarnado, os quais, como se compreende, variam muito em cada indivíduo e são dificilmente analisáveis. Assim, por exemplo, compreende-se que um organismo defeituoso possa obscurecer transitoriamente o progresso do ser, ou que um espírito relativa-

mente inferior tenha faculdades brilhantes, pelo fato de possuir um organismo aperfeiçoado.⁷

Pelo exposto, se vê claramente que a *consciência normal do ser encarnado não constitui toda a sua individualidade pensante*. Segundo os dados da ciência, a doutrina espírita admite que a síntese psíquica seja muito mais extensa.

A alma compreenderia *parte consciente e parte inconsciente*, ou melhor, *subconsciente*.

Esta última seria, sem dúvida alguma, a mais importante.

Com efeito, admitindo a teoria das existências múltiplas, a subconsciência compreenderia uma quantidade enorme de recordações transitoriamente veladas, mas gravadas no perispírito. A subconsciência compreenderia, sobretudo, a consciência total, o *eu real*, produto de todos os progressos passados, e *muito superior, nos seres aperfeiçoados*,⁸ ao seu *eu aparente*.

A consciência normal, pelo contrário, apenas compreende a noção duma inteligência mais ou menos vasta e de certas faculdades reveladas ao nascer, bem como o que se chama a personalidade atual e a memória dos principais fatos da presente encarnação.

Os elementos da subconsciência podem ser postos em evidência *por certos estados hipnóticos, mediúnicos ou simplesmente patológicos*. Então o ser poderá manifestar-se numa das suas personalidades anteriores, ou mostrar faculdades e revelar conhecimentos absolutamente ignorados da sua consciência normal.

⁷ Bom critério para apreciar o grau de elevação do ser é a sua maior ou menor capacidade para compreender as idéias gerais. Por elas poder-se-á julgar perfeitamente do nível intelectual do indivíduo.

⁸ Mas só nos seres adiantados.

Vê-se, pois, de que modo a doutrina espírita explica claramente a complexidade do nosso *eu* pensante, a extensão da subconsciência e os desdobramentos da personalidade, enigmas insolúveis, se não se admitirem as existências anteriores.⁹

A desencarnação

Na morte, a alma abandona o corpo, revestida pelo seu corpo astral; e depois de um período de perturbação, que varia em tempo e intensidade, acaba por tomar conhecimento do seu novo estado.

Em que consiste esse novo estado?...

Apenas podemos fazer dele uma ligeira idéia. Isto, por duas razões:

- 1º) porque as condições da nossa vida material diferem tanto das da vida espiritual, que nos é impossível compreender claramente esta última;
- 2º) porque, nesse ponto, as comunicações dos desencarnados são freqüentemente contraditórias e obscuras (depois veremos a razão desse fato); com efeito, é muito raro e difícil obter informações de espíritos elevados, que abandonaram definitivamente a nossa humanidade inferior.

Eis o que, não obstante, julgamos saber:

⁹ Ver nos *Anais das Ciências Psíquicas*, 1897, o notável estudo de F. Myers intitulado *Da Consciência Subliminal*. O autor conclui que os fenômenos da subconsciência, tomados independentemente do Espiritismo, “apóiam fortemente a hipótese de uma alma preexistente e sobrevivente.

Ver também *A Morte e seu Mistério*, de Camille Flammarion, e *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne.

O estado de desencarnação constitui uma espécie de produto sintético dos elementos diversos das personalidades anteriores.

A diversidade cede o lugar à unidade.

Já não há órgãos diversos e múltiplos, mas um organismo homogêneo, fluídico – o perispírito.

Já não há sentidos especiais, mas um sentido único que os condensa a todos e generalizado por toda a superfície do perispírito.

Já não existe, enfim, diversas faculdades, mas uma só faculdade que as engloba em sua totalidade: é a *consciência*, mais ou menos extensa e mais ou menos livre.

Por último, já não existe mais que uma espécie de emoções, que permitem compreender e apreciar mais ou menos a beleza e o bem.

Em resumo: o espírito desencarnado é provido de um organismo homogêneo, com um sentido único, e desfruta de extensão variável de consciência, de liberdade e de amor (amor, tomado em sentido amplo e que, à falta de melhor termo, teria a significação de *capacidade afetiva e emotiva*).

Por conseqüência, se compararmos as duas fases sucessivas da existência do ser, diremos:

A desencarnação é um processo de *síntese*, síntese orgânica e síntese psíquica.

A encarnação é um processo de *análise*. *É a subdivisão da consciência em faculdades diversas e do sentido único em sentidos múltiplos para facilitar o seu exercício e conduzir ao seu desenvolvimento.*

Compreende-se que a situação dos desencarnados seja muito diferente, conforme a elevação de cada um.

Nos seres inferiores, o perispírito é muito obscuro, porque a privação dos sentidos orgânicos equivale à semi-inconsciência.

Há reencarnação rápida, porque a alma quer de novo obrar livremente.

Nos animais superiores e no homem pouco elevado o perispírito não está ainda liberto de impurezas. A consciência é vaga e pouco desenvolvida, as recordações são confusas e nebulosas. O desencarnado compreende mal ou não compreende absolutamente nada da sua situação.

Permanece no meio em que vivia e esforça-se em geral por cumprir maquinalmente os atos e os misteres que costumava executar no fim da existência. Mas depressa o obscurecimento tende a aumentar: é que se opera a reencarnação.

Depois da morte e em grau mais elevado, o espírito já terá consciência desenvolvida, memória mais ou menos exata das últimas existências e conhecimento dos aperfeiçoamentos futuros. A reencarnação tornar-se-á até certo ponto livre e, em todos os casos, consciente.¹⁰

Os seres relativamente elevados esforçar-se-ão, como é lógico, por reencarnar nas condições mais propícias ao seu futuro desenvolvimento. Auxiliados pelos conselhos dos espíritos superiores, terão, quanto possível, em conta todas as provas que os aguardam na nova reencarnação e tomarão firmes resoluções.

Os desencarnados superiores têm a consciência e a liberdade muito desenvolvidas. Conhecem em alto grau o passado e o futuro. Não havendo, para eles, obstáculos materiais, transportam-se com a

¹⁰ É necessário que haja sempre, pelo menos do ponto de vista orgânico, assimilação possível entre a evolução do desencarnado e a dos seus futuros pais.

rapidez do pensamento. O seu perispírito quintessenciado parece-lhes resplandecente.

Já não estarão sujeitos a penosas reencarnações e poderão continuar a elevar-se, de progresso em progresso, nas sucessivas fases das existências superiores.

Os fatos

Os sábios que têm estudado os fatos – Condições para a produção dos fenômenos – Os médiuns e o seu papel – Duas categorias de fatos: sua enumeração e descrição – Explicação dos fatos pela doutrina espírita – Do conteúdo intelectual das comunicações e da sua interpretação – A teoria anímica – Seu perfeito acordo com o Espiritismo – As duas teorias são inseparáveis uma da outra – Os fenômenos mediúnicos, qualquer que seja a sua causa real, estão em franca oposição com o “mecanicismo” e o materialismo niilista – Ocultismo e Teosofia.

O movimento espírita moderno foi iniciado nos meados do século dezenove.

Nascido na América, bastaram-lhe alguns anos para se estender ao mundo inteiro.

A persistência e a força desse movimento, numa época de ceticismo como a nossa, é coisa digna de séria meditação.

Mas o que leva a razão do mais incrédulo a vacilar é a lista interminável de sábios, homens de ciência e artistas de todos os países que professaram ou professam a religião espírita e que comprovam os fatos com longa e conscienciosa experiência.

A história do Espiritismo moderno preenche já uma série respeitável de volumes. Limitar-me-ei a fazer aqui parca enumeração dos sábios ilustres que hão contribuído, com seus favoráveis testemunhos, para o esclarecimento desta doutrina e que têm feito investigações metódicas para provar a veracidade do Espiritismo.

A primeira coisa que nos cumpre manifestar é o fato de que, depois de qualquer estudo, por muito pequeno que fosse, *nem um só homem de ciência negou jamais a realidade dos fenômenos.*

Pelo contrário, são muitos os que, tendo principiado com ceticismo completo, acabaram por se converter ao Espiritismo.

Na França, Allan Kardec foi o primeiro que estudou largamente os fenômenos e estabeleceu os elementos essenciais da nova doutrina.

Os principais estudos metódicos do Espiritismo feitos pelos sábios ou grupos de sábios são os seguintes:¹¹

- as investigações experimentais levadas a efeito com o auxílio de instrumentos de precisão, pelo professor Robert Hare, de Filadélfia, de 1851 a 1854;
- as experiências do conde de Gasparin em 1854;
- os trabalhos da Sociedade Dialética de Londres, em 1869;
- os estudos de William Crookes, acerca da *força psíquica*, dos movimentos sem contato e das materializações, de 1870 a 1874;
- as misteriosas investigações de R. Wallace;
- as do astrônomo Zoellner, que o levaram a descobrir a quarta dimensão da matéria;
- as de Aksakof e do professor Gibier;
- as de Donald Mac-Nab, em 1888; as de M. Pelletier, em 1891, e as do doutor Paul Joire, em 1895;
- as recentes e numerosas experiências feitas com a médium napolitana Eusápia Paladino por numerosos grupos de sábios de Nápoles, Milão, Roma e Varsóvia e, por último, na França, pelos senhores Richet, Sabatier, de Rochas, Darioux, de Gramont, Maxwel, de Watteville, etc.

¹¹ Vide a obra de M. Erny, intitulada *Psicologia Experimental*, donde tiramos muitos dados para escrever o presente livro.

Entre os principais sábios que afirmam a autenticidade dos fenômenos, podemos citar:

- *na Inglaterra* – Os professores Morgan e Gregory; os doutores Chambers, Lockhart-Robertson; o professor Oliver Lodge,¹² da Sociedade Real de Londres; o professor William O. Barret, de Dublin; os senhores Challis e Myers, ambos professores da Universidade de Cambridge; A. Russel Wallace, o ilustre naturalista e êmulo de Darwin, William Crookes, Varley, etc.;
- *na Alemanha e na Áustria* – O professor Zoellner; o doutor Carl du Prel, de Munich; o doutor Ciriak; os professores Ulrichi, Weber e Fechner, de Leipzig; Schrenck-Notzing, etc.;
- *na Suíça* – O doutor Perty, de Berna; os senhores Metzger e Flournoy, de Genebra;
- *na Suécia* – Os doutores Tarneboem e Esland;
- *na Rússia* – Os professores Boutlerow e Wagner; o senhor Bodisco; o doutor Ochorowicz, etc.;
- *na Itália e na Espanha* – O professor Otero; Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Ermacora e Finzi; os professores Brofferio e F. de Amicis, etc.;
- *na França* – O doutor Paul Gibier, diretor do Instituto Pasteur, de Nova York; Flammarion; o professor Richet; o doutor Dariieux; o conde de Rochas, administrador da Escola Politécnica; o professor Sabatier, de Montpellier; o doutor Ségard, médico principal da marinha, etc.

¹² Vide a interessante obra *A Evolução Biológica e Espiritual do Homem*, de Sir Oliver Lodge.

Ao terminar essa lista, muito incompleta, vou citar algumas reflexões bastante sugestivas de experimentadores que, cépticos a princípio, acabaram firmes crentes na doutrina espírita:

“Poucos sábios têm havido no mundo tão incrédulos como eu nas doutrinas chamadas espíritas. Para se convencerem disso, basta consultar a minha obra *Os loucos e os anormais (Pazzi ed Anormali)*, bem como os meus estudos *Sobre o Hipnotismo*, nos quais cheguei, mesmo, a insultar os espíritas...” (Lombroso – *Anais das Ciências Psíquicas*).

“Mas agora estou confundido e lamento ter combatido com tanta insistência os fatos chamados espíritas. E digo os fatos, porque ainda continuo oposto à teoria...” (Lombroso – *Carta a Siolfi*).

“Quando me lembro de que em certa época admirava a coragem de William Crookes ao sustentar a realidade dos fenômenos mediúnicos; e quando penso, sobretudo, que lia as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos seus colegas ao ouvir estas coisas, sinto uma grande vergonha por mim e pelos outros...” (Doutor Ochorowicz).

“Terei que negar o testemunho dos sentidos, ou que renunciar a todos os meus conhecimentos relativos à gravitação, à inércia, à força-motriz e a todos os atributos da matéria. Não posso calar-me perante esses fatos (os fenômenos mediúnicos), porque seria verdadeira cobardia moral.” (Professor Elliot Coues).

“Depois de ter assistido em pessoa a diversas experiências feitas com a médium Eusápia Paladino, posso afirmar sem reticências a inteira veracidade dos fenômenos observados.” (Professor De Amicis, da Universidade de Nápoles).

“Não tive outro remédio senão demolir todo o edifício das minhas convicções filosóficas, às quais havia consagrado grande parte da minha vida.” (Doutor Masucci).

“Até ao dia em que, pela primeira vez, presenciei os fatos do Espiritismo, eu era um materialista refinado... Era um céptico, um materialista tão completo, que nem sequer podia conceber a existência espiritual... Mas os fatos acabaram por me convencer. Obrigaram-me a aceitá-los *como fatos*, muito antes de eu poder admitir a explicação espírita. Nessa altura, ainda não havia no meu pensamento lugar para semelhante ordem de idéias. Mas, pouco a pouco, a evidência dos fatos criou um lugar no meu pensamento...” (R. Wallace – *O Moderno Espiritualismo*).

Mais abaixo, o autor acrescenta que foi levado, assim, “a crer, primeiramente, na existência de muitíssimas inteligências extra-humanas de graus diversos e, depois, a crer na faculdade que certas inteligências têm de agir sobre a matéria e de influenciar os nossos pensamentos.”

Entre as obras mais recentes que podemos consultar, citaremos as seguintes:

1º) Para a parte experimental:

- De Rochas – *Exteriorização da Motricidade*;
- Metzger – *Ensaio de Espiritismo Científico*;
- Erny – *Psicologia Experimental*,¹³

¹³ Ver nos *Annales des Sciences Psychiques* (abril de 1897) a resposta de Erny ao artigo de E. Faguet, publicado na *Revue Bleue* (13-3-1897). Entre as revistas, especialmente literárias, que não desdenhavam de tratar de assuntos psíquicos, está o *Mercure de France* e *La Revue du Siècle* (ver artigo *Uma fronteira contestada*, nº de abril de 1897).

- Doutor Gibier – *Espiritismo ou Faquirismo Ocidental*;
- Aksakof – *Animismo e Espiritismo e Um caso de desmaterialização parcial*;
- Delanne – *O Fenômeno Espírita*;
- Poder-se-ão igualmente consultar com proveito os estudos mais antigos de Crookes: *Investigações acerca dos Fenômenos Espíritos* e os de Wallace: *Milagres e o Espiritismo Moderno*.

2º Para a parte teórica:

- Doutor Gibier – *Análise das Coisas*;
- Léon Denis – *Depois da Morte*;
- Delanne – *Evolução Anímica e O Espiritismo perante a Ciência*;
- Também podem utilizar-se com grande proveito os *Anais das Ciências Psíquicas*.

Condições para a produção de fenômenos

As condições para a produção dos fenômenos espíritos são muito delicadas.

Pode bem dizer-se que são relativas ao número de assistentes (preferencialmente, de seis a dez); à composição do grupo (deve ser constituído, tanto quanto possível, por homens e mulheres, sendo conveniente certa passividade dos assistentes, harmonia de pensamentos, que todos sejam pessoas sãs, etc.); à regularidade das sessões (em dia fixo e sempre com as mesmas pessoas, etc.).

Quanto ao modo de operar, lembrem-se de que a luz dificulta a intensidade dos fenômenos. Em compensação, a obscuridade aumenta a sua intensidade. Mas como a experiência na obscuridade pode apresentar certos perigos e prestar-se à fraude, é bom conser-

var-se alguma luz. Para obviar a esta dificuldade, é costume colocar o médium num pequeno gabinete, ou num armário próximo da sala das sessões. O ponto de partida dos fenômenos está então no pequeno gabinete negro onde o médium se encontra, isto é, no gabinete que está completamente às escuras (vide, mais adiante, o capítulo das materializações).

Durante as sessões, os assistentes devem manter-se calmos e não interromper o fenômeno iniciado. Devem conformar-se com as indicações dos “espíritos”, não tentando impor-lhes condições.

É muito raro que se não obtenham mais ou menos fenômenos, desde que certo úmero de indivíduos experimentem com todas estas precauções.

Os movimentos da mesa com contato produzem-se logo desde as primeiras sessões; depois, observam-se golpes na mesa, escrita automática, movimentos sem contato e, finalmente, fenômenos superiores (materializações, *apports*,¹⁴ escrita direta, incorporações, etc.).

Observação importante: *Os fenômenos, mesmo os mais simples, nunca se obtêm voluntariamente.*

Outra observação: *Nenhuma das condições acima citadas é indispensável para a produção dos fenômenos.*

Para obterem-se fenômenos de ordem elevada é necessária a presença de um bom médium.

Que é então um médium?

Segundo a teoria espírita, é uma pessoa que, graças a faculdades naturais e por treino apropriado, é susceptível de fornecer aos desencarnados quantidade suficiente do seu fluido nervoso ou da

¹⁴ Vide vocabulário metapsíquico ao final do volume.

sua *substância orgânica*, a fim de que estes possam manifestar-se materialmente.

Segundo a teoria anímica, admitida por diversos experimentadores, o médium seria a causa exclusiva dos fenômenos, em virtude do desdobramento da sua personalidade material e intelectual e da exteriorização das suas faculdades.

Mais adiante, veremos como estas duas teorias se conciliam perfeitamente.

Os médiuns são, em geral, neuropatas superiores ou inferiores.¹⁵

Facilmente hipnotizáveis, perdem quase sempre a consciência normal e, durante a produção dos fenômenos importantes, caem num sono especial chamado *transe*. Obedecem mais facilmente às sugestões, inclusive mentais, dos assistentes, donde se deduz a importância da passividade destes últimos, levada ao maior grau possível.

Inconscientemente, podem refletir os pensamentos de uma ou de muitas pessoas do grupo. E também inconscientemente são levados a simular os fenômenos, quando estes se não produzem,¹⁶ pois todas as pessoas que conhecem Espiritismo sabem que os médiuns não produzem os fenômenos a seu bel-prazer. As fraudes inconscientes são freqüentemente infantis e fáceis de notar no curso da experiência. Não obstante, *o médium deve ser cuidadosamente vigiado, seja qual for a confiança que mereça*.

¹⁵ De resto, não há qualquer razão direta entre a mediunidade e o nervosismo, pois há muitas pessoas nervosas que não têm faculdades mediúnicas. É provável que os médiuns sejam simplesmente indivíduos susceptíveis de hipnotização.

¹⁶ A propósito das fraudes mediúnicas, vide o notável estudo de Ochrowicz nos *Anais das Ciências Psíquicas*, 1894.

As faculdades do médium são freqüentes, sobretudo no seu grau elementar. Necessitam, porém, de treino prolongado, se se quiser chegar à obtenção dos fenômenos superiores. E não se deve esquecer de que estão sujeitas, mesmo no próprio indivíduo, a grandes variações.

A fadiga física ou moral, a enfermidade e o uso de narcóticos ou bebidas alcoólicas são fatores que entorpecem as faculdades de um bom médium.

Os fenômenos

Os fenômenos espíritas podem dividir-se em duas categorias:

- 1ª) quando os fenômenos se exercem no próprio médium ou com o seu contato.
- 2ª) quando os fenômenos se exercem fora do médium e sem o seu contato;

– Primeira categoria

Os fatos da primeira categoria são menos inesperados que os da segunda e menos probantes na aparência. Mas os fenômenos de ambas as classes estão estreitamente ligados na sua produção e dão lugar a comunicações idênticas, relativamente à sua pretensa origem.

Em todo caso, qualquer pessoa que os tenha observado reconhecerá que a origem dos fenômenos de ambas as categorias é ou pode ser a mesma.

A primeira série compreende:

a) *Os movimentos de objetos* (pêndulo, vara, mesa), que se produzem ao contato das mãos, sem impulsão consciente dos assistentes. É o fenômeno mais fácil de se obter. Para isso, basta que quatro pessoas, pelo menos, se reúnam em volta de uma pequena

mesa, colocando as mãos desnudas sobre o tampo (neste caso, é conveniente estabelecer a *cadeia*, isto é, o contato de cada mão com a mão próxima). Às vezes, logo desde a primeira sessão, a mesa move-se rapidamente, range, volta-se, ergue um ou mais pés, executa movimentos compatíveis com a sua estrutura, obedece às ordens que lhe dão, etc. E chega a responder inteligentemente, desde que se haja estabelecido um código de sinais.

É bem conhecida a explicação clássica deste fenômeno, pelo impulso inconsciente das mãos dos assistentes, tal como o explicaram Faraday, Chevreul e Babinet.

É provável que essa explicação seja verdadeira em certos casos, embora não o seja sempre.

Prosseguindo as experiências, ver-se-á repetir o fenômeno com tal potência (às vezes, com violência inquietante, sobretudo na obscuridade), que obrigará a reconhecer a intervenção de forças desconhecidas.

b) *Pancadas*, dadas na mesa ou nos pés da mesa, na cadeira do médium ou de algum assistente. Isto chama-se *tiptologia*, com o auxílio da qual se podem obter comunicações inteligentes.

Essas pancadas, às vezes muito nítidas e fortes, não podem ser atribuídas aos movimentos inconscientes. E quanto às teorias de Schiff e de Jobert, que atribuíam aquelas pancadas ao rugido dos tendões, é coisa que não resiste à mais simples experimentação.

c) *Escrita automática* – Um lápis empunhado pelo médium, ou fixo numa prancheta em que ele coloca a mão, escreve sem o seu impulso consciente.

Em geral e durante esse tempo, o médium não sente a mão, nem sabe absolutamente nada acerca do que escreve, encontrando-se amiúde em estado de inconsciência ou de semi-inconsciência.

A escrita é muito clara, quando o médium está suficientemente desenvolvido. E por vezes é feita com extraordinária rapidez.

A forma dos caracteres, o estilo, a ortografia, a língua, os conhecimentos e o fundo geral da comunicação podem não recordar em coisa alguma a personalidade do médium.

O lápis pode ser usado até por médiuns analfabetos. E já se conseguiu obter escrita automática pela mão de crianças de tenra idade.

Muito freqüentemente e no seu conjunto, bem como pela análise dos pormenores que a informam, tais como estilo, caligrafia, assinatura, etc., a comunicação é absolutamente característica da individualidade morta que a transmite e fornece uma prova de identidade absolutamente convincente.

O espírito comunicante pode ser completamente desconhecido do médium e dos assistentes à sessão.

d) Mediunidade auditiva, intuitiva e visual – Na mediunidade auditiva, o médium ouve a voz do espírito ou adivinha o sentido das suas palavras e serve-lhe de intérprete.

Na mediunidade visual, o médium vê o corpo astral do espírito e pode descrevê-lo com grande exatidão.

Em certos casos, vê e descreve cenas diversas de acontecimentos, quer se trate de alucinações sugestivas provocadas pelo espírito comunicante, quer de fenômenos de visão a distância ou de clarividência.

e) Mediunidade vocal - incorporação - transfiguração – Na mediunidade vocal, a comunicação é dada pela voz do médium.

Os resultados são idênticos aos da escrita automática. O timbre, a expressão, a linguagem, os conhecimentos, etc., não são do médium e correspondem em tudo aos do defunto, que pretende falar pelos órgãos daquele.

Durante a produção do fenômeno, o médium está em transe.

A incorporação é o fenômeno segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium, e não apenas dum membro ou dum órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior, o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Esse fenômeno, embora pouco freqüente, parece ser dos mais impressionantes.

– Segunda categoria

Nesta segunda série, os fenômenos produzem-se a distância do médium e fora do seu contato.

a) *Pancadas dadas a distância* – Nos móveis ou nas paredes, que subministram comunicações inteligentes.

b) *Movimento de objetos sem contato - Levitação* – A mesa executa toda a classe de movimentos, sem ser tocada por qualquer dos assistentes.

Alguns objetos são transportados sem apoio visível, através da sala onde se realiza a sessão.

A mesa pode chegar a ser levantada completamente do solo.

O médium ou qualquer assistente podem ser levantados até ao teto.

A este fenômeno está ligada a diminuição ou o aumento de peso (apreciável por meio de balança) de um móvel ou do médium.

Observemos, além disso, que às vezes os instrumentos de música situados na sala das experiências chegam a tocar sozinhos; e

lápiz e canetas abandonados em qualquer mesa escrevem sem auxílio algum material.

A escrita direta apresenta sempre grande interesse.¹⁷ Obtém-se geralmente na escuridão e sem necessidade de qualquer lápis ou caneta, o que parece inacreditável.

O modo habitual de operar é o seguinte: o médium segura, na obscuridade (debaixo da mesa, por exemplo), uma pequena lousa, sobre a qual foi colocado um lápis, e logo se ouve o ruído da escrita na lousa. Pode-se obter esse fenômeno entre duas lousas lacradas e seladas.

Ultimamente, têm-se obtido mensagens por intermédio da máquina de escrever, sem operador visível.¹⁸

c) *Aparições luminosas* – São aparições fosforescentes, comumente de pouca duração, visíveis através da sala onde se realiza a sessão.

d) *Apports - penetração da matéria* – Diversos objetos, tais como flores e até seres vivos, são trazidos à sala da sessão, através das paredes, das portas ou das janelas hermeticamente fechadas.

Podem ouvir-se sons musicais, sem instrumento visível, e sentir-se perfumes estranhos, sem que no aposento se derrame a menor gota de essência. A esse fenômeno está ligada a penetração da matéria sólida através da matéria sólida.

Como exemplo, temos a formação de nós numa corda sem pontas, observados pelo ilustre Zoellner.

Mais adiante veremos a explicação desses fenômenos, pelas materializações e desmaterializações.

¹⁷ Ver o interessante estudo *Espiritismo, Faquirismo Ocidental*, do Dr. Paul Gibier.

¹⁸ *Anais das Ciências Psíquicas*, 1896.

e) *Materializações e desmaterializações* – Este fenômeno é o mais importante de todos e pode observar-se nos seres vivos ou nos objetos.

A materialização é a formação aparentemente espontânea e efêmera de qualquer coisa que representa, mais ou menos exatamente, o todo ou a parte de um organismo vivo ou um objeto material.

A desmaterialização é o fenômeno contrário. Consiste na desaparecimento passageira, total ou parcial, de um organismo ou um objeto.

Tratemos primeiro das materializações e desmaterializações de seres vivos. O fenômeno tem vários graus, a saber:

1) No seu primeiro grau, a materialização apresenta-se com luminosidade mais ou menos intensa e faz lembrar uma forma orgânica definida.

2) No seu grau médio, a forma já é representada exatamente, mas muito instável e só permite investigações rápidas. Desaparece num instante.

Ver-se-á, por exemplo, a mão que sai do gabinete escuro, vai tocar um dos assistentes e se retira imediatamente; ou então uma vaga aparição fantasmática que se esboça para desaparecer quase em seguida.

Além disso, os assistentes poderão experimentar a sensação de *certos contatos*, sem ver a forma que os produz.

3) No seu grau superior, a materialização produz cópia exata, completa, de um membro ou um corpo inteiro.

Na aparição, ou ser materializado, os assistentes podem então reconhecer um parente ou amigo falecido. Já não é um fantasma: *é uma criatura viva, com corpo completo, ossos, músculos, vísceras, coração que lateja, pulmões que respiram, que fala, se agita, se move, que, numa palavra, em nada se diferencia de um ser vivo.*

O seu vestuário pode ser variável.

A sua existência é sempre efêmera: ao cabo de alguns instantes desaparece, do mesmo modo que se apresentou.

Entre o primeiro grau de materialização e a sua realização perfeita, há algumas manifestações intermediárias.

Este fenômeno não pode ser explicado pela alucinação.

A forma material do fantasma pode ser *fotografada*.

O fantasma pode deixar impressões tangíveis da sua aparição, em farinha, cinza de cigarro, etc., e pode ser pesado, medido, comparado, etc.

Já se tem conseguido que, na sua desapareção, o fantasma abandone alguns objetos que lhe pertençam: madeixas de cabelo, retalhos de vestuário, etc. Mas esses objetos desmaterializam-se muito rapidamente, desaparecendo, como o fantasma que os produziu.¹⁹

As moldagens e as fotografias, obtidas em condições que tornem a fraude impossível, são provas absolutas da realidade do fenômeno.²⁰

¹⁹ Nas materializações de “Noiva”, realizadas no Rio de Janeiro e narradas por Pedro Amar em *Mundo Espírita*, da mesma cidade, o espírito ofereceu madeixas de cabelo e retalhos de véu ao articulista, afirmando que não se desagregariam e se conservariam perenemente. “Já se passaram 46 dias – acrescenta P. Amar – e esses objetos continuam em meu poder”.

Como este, há outros exemplos que invalidam a opinião de Gustave Geley. Emitida há mais de quarenta anos, não admira que haja de ser retificada de acordo com os fatos. (N.T.).

²⁰ Como se sabe, a chapa fotográfica pode ser impressionada por formas pouco materializadas, para que sejam perceptíveis à vista desarmada. Desse modo se tem obtido grande número de fotografias de espíritos ou de desenhos feitos por eles, com auxílio de moléculas materiais

A maneira como se produzem as materializações apresenta considerações importantes:

- a) A obscuridade é indispensável. Contudo, quando está completamente materializada, a força pode suportar certa claridade, embora não resista à luz viva ou intensa, dissolvendo-se, nessas condições, de modo muito rápido. Em geral, o fenômeno produz-se no gabinete escuro, donde saem as aparições.
- b) A forma materializada parece escapar-se do próprio corpo do médium, que lhe facilita os elementos, mas não pode afastar-se muito dele, ficando-lhe sempre ligada por uma espécie de *cordão fluídico*, às vezes visível para os assistentes e que pode comparar-se ao cordão umbilical que *une o feto à mãe*.

A aparição assemelha-se quase sempre, mais ou menos, ao médium.²¹ Todavia, pode diferir dele por caracteres importantes (sexo, estatura, cor dos cabelos, etc.). A semelhança com o médium não é completa, o que permite reconhecer-se na aparição a pessoa defunta que se manifesta.

fornecidas pelo médium. A fotografia do espírito ou desencarnado pode ser obtida em plena obscuridade, visto que a forma materializada emite certo resplendor (vejam-se os pormenores desse maravilhoso fenômeno na interessante obra *Animismo e Espiritismo*, do ilustre Aksakof).

²¹ A semelhança observa-se no conjunto e em todos os pormenores. Aksakof cita o exemplo seguinte: em determinadas sessões empregava-se um médium de idade avançada e a materialização representava uma mulher jovem e bela. Mas a sua mão, ainda que tivesse o aspecto da mão de uma mulher jovem, apresentava, no dorso, os sinais característicos da idade.

No fim da sessão, a forma do aparecido parece penetrar no corpo do médium e fundir-se nele.

Se, durante a sessão, fizermos experimentalmente qualquer sinal com tinta no corpo da aparição, o mesmo sinal se encontrará depois no corpo do médium, embora, às vezes, em local diferente daquele em que foi feito, no fantasma.

Igualmente, se se der um golpe na aparição, este repercutirá imediatamente no corpo do médium. Finalmente – esta observação é muito importante – *toda a materialização é acompanhada de desmaterialização proporcional do médium.*²²

O médium torna-se invisível quando a aparição está completamente materializada. Se se pesarem ao mesmo tempo a aparição e o médium, ver-se-á que este perde exatamente o peso que aquele ganha. E depois da sessão o médium adquire o seu peso normal, menos algumas centenas de gramas.

Destes fatos se depreende claramente que *as moléculas materiais da aparição são fornecidas pelo médium.*

Não se pode negar que as condições necessárias para a eclosão do fenômeno aumentam ainda mais a incredulidade dos cépticos e a crítica que nega a veracidade do fato. Essas condições são, por exemplo, a obscuridade; a necessidade de grande prudência para investigar e controlar as manifestações do próprio fenômeno e até para evitar que o médium possa ser ferido ou morto; a presença, no corpo deste, de sinais existentes no corpo do fantasma; finalmente, poucas vezes se vê o médium e a aparição ao mesmo tempo.

O certo é que o fato tem sido observado tantas vezes, com tantas precauções e provas irrefutáveis dignas de crédito, que *a sua realidade é indubitável.*

²² Veja-se a obra de Aksakof: *Um caso de desmaterialização parcial.*

As materializações e desmaterializações de objetos observam-se com grande freqüência nas sessões espíritas.²³ A penetração da matéria e o deslocamento de objetos ou de corpos necessitam da desmaterialização, seguida de rematerialização.

Explicação dos fatos

Tratemos agora da interpretação dos fenômenos.

A teoria espírita atribui-os à ação dos desencarnados.

Estes últimos, para agir no campo material e comunicar-se conosco terão de subtrair ao médium o fluido vital ou substância orgânica, sem a qual não podem manifestar-se.

E uma objeção surge imediatamente: a doutrina espírita ensina que um ser encarnado exerce a sua ação no corpo, por intermédio do perispírito, donde se deduz que os desencarnados conservam o seu perispírito.

E agora, como explicar que os desencarnados não possam *agir sobre a matéria bruta*, por meio do seu perispírito, como os encarnados *sobre a matéria* que forma o seu corpo?...

A resposta é muito simples.

O perispírito só pode “apoderar-se” da matéria que esteja próxima da sua constituição.

A força perispiritual, uma vez evoluída, só pode agir *sobre a matéria também evoluída*, ou seja, *sobre a matéria organizada e animada*.

²³ Aksakof cita casos de materializações de plantas e crescimento rápido de vegetais obtidos em sessões espíritas, que fazem lembrar os fenômenos atribuídos aos faquires. Essas materializações conseguem-se a expensas de outras plantas colocadas na sala e que murcham rapidamente.

Por outras palavras: o espírito só pode manifestar-se no campo material, sobre ou por meio de um organismo animado.

Agirá sobre um organismo vivo, sugestionando o médium, que obedecerá ao seu magnetizador desencarnado e falará, escreverá, etc., sob a influência e vontade daquele.

E o espírito agirá através de um organismo animado, quer encarnando-se no todo ou em parte do corpo do médium, quer formando um organismo momentâneo, a expensas do organismo e do corpo daquele.

Com estas noções, é fácil explicar todos os fenômenos.

Começemos pelo mais importante: a materialização.

A materialização de um espírito compreende muitas fases, a saber:

- a) Magnetização do médium e exteriorização mais ou menos completa, mas nunca total, do seu perispírito;
- b) Domínio, obtido pelo desencarnado, das moléculas orgânicas que o médium exteriorizado abandonou;
- c) Separação consecutiva do espírito materializado do corpo do médium, que então se encontra proporcionalmente desmaterializado.

A materialização de um espírito é, pois, uma verdadeira *reencarnação* que se opera num organismo constituído à custa do organismo do médium.

Os dois fenômenos admitidos pelo Espiritismo, isto é, a materialização e a reencarnação, são absolutamente comparáveis.

Desse modo podemos descrever a materialização, dizendo: *“É uma reencarnação anormal, relativa, rápida e momentânea.”*

E a reencarnação pode ser definida assim:

“Materialização normal, completa, lenta e durável.”

Com efeito, as analogias abundam:

1ª – *Para a reencarnação*, a força perispiritual vai buscar os elementos essenciais do seu corpo ao germe orgânico fecundado; depois, por assimilação, aos produtos da nutrição, aos elementos colhidos exteriormente, mas quase exclusivamente na *matéria suficientemente evoluída* dos vegetais e dos animais (os minerais, como é sabido, não são assimiláveis).

Para a *reencarnação*, as moléculas que o perispírito do desencarnado agrupa em seu redor são tomadas ao próprio corpo do médium, ou, acessoriamente, aos assistentes, aos animais ou aos vegetais.²⁴

2ª – A aparição materializada fica unida ao corpo do médium por uma espécie de laço fluídico, como o filho está unido à mãe pelo cordão umbilical, que lhe facilita os elementos necessários à vida.

3ª – O ser reencarnado é semelhante aos pais, que lhe deram o corpo.

O espírito materializado parece-se com o médium, que lhe fornece os elementos materiais necessários à manifestação.

4ª – A reencarnação lança um véu de esquecimento sobre o passado.

A materialização é acompanhada de obscurecimento considerável, duma espécie de perturbação ou desaparecimento da consciência e da memória (ver adiante).

²⁴ Parece que seria possível obter certo grau de materialização, tomando simplesmente algumas partículas orgânicas vegetais e vapor d'água. Assim se explicariam algumas aparições fantasmáticas sem médium. Mas, na realidade, isto seria um imperfeito simulacro do fenômeno.

Existem, portanto, muitas analogias entre a reencarnação e a materialização.

Mais ainda: uma e outra se explicam mutuamente e fornecem, pela sua realidade, uma prova recíproca notabilíssima.

Continuemos a explicação dos fatos.

A *desmaterialização* consiste na anulação relativa e parcial da força perispiritual que associa ao desencarnado as moléculas componentes da força perispiritual superior.

Os *apports* consistem no transporte, operado pelo desencarnado, do objeto assim decomposto e sua reconstituição completa, na sala onde se realizam as sessões ou em qualquer outro lugar.

As *aparições luminosas* são materializações que não chegam a realizar-se; o seu contato dá a impressão de dedos ou mãos.

A escrita direta, as variações de peso de um objeto, os movimentos sem contato e as pancadas vibradas a distância são produzidos por órgãos cuja materialização não é suficiente para os tornar visíveis.

A levitação completa é talvez facilitada por certo grau de desmaterialização do corpo ou do objeto levitado.

Os fenômenos da primeira categoria (isto é, na pessoa que serve de médium ou em contato com ele), explicam-se desta forma simplíssima:

A encarnação e a transfiguração operam-se pelo perispírito do desencarnado ao apoderar-se do corpo do médium, cujo perispírito esteja em parte exteriorizado.

A mediunidade vocal, visual, auditiva, intuitiva, a escrita automática, etc., são produzidas, quer por *encarnações parciais* do desencarnado, quer simplesmente por *sugestão* dada ao médium em transe.

Finalmente, os movimentos da mesa com contato explicam-se pela impulsão inconsciente do médium (às vezes sob a influência da sugestão de um desencarnado) ou dos assistentes, quer por materializações elementares, quer, simplesmente, por influência magnética das mãos sobre a mesa. Talvez que, sob esta influência, a matéria vegetal que constitui a mesa seja momentaneamente assimilada pela matéria animal, tornando-se, deste modo, acessível à ação perispiritual do desencarnado, ou à ação do perispírito exteriorizado do médium.

Do conteúdo intelectual das comunicações

Nesta análise dos fenômenos espíritas, falta-nos agora tratar de um ponto importante: o do conteúdo intelectual das comunicações.

As manifestações de ordem intelectual podem ser consideradas sob dois pontos de vista:

- da sua origem;
- do seu valor.

1º – Origem das comunicações

Na maioria das comunicações há certo número de caracteres que nos ministram preciosas indicações acerca deste ponto. Esses caracteres são os seguintes:

a) As personalidades comunicantes manifestam-se *quase sempre* como *espíritos dos mortos*, afirmando categoricamente que são desencarnados que conservaram o seu *eu* consciente.

b) Toda personalidade que se manifesta, psíquica ou fisicamente, o faz sempre de maneira idêntica.

Os diversos elementos da sua individualidade são absolutamente os mesmos, qualquer que seja o modo de comunicar com ela ou o médium empregado.

A personalidade dos chamados espíritos é tão fixa e permanente como a dos vivos.

c) Na maioria dos casos, esta personalidade faz lembrar exatamente a do defunto que ela fiz personificar.

Apresenta as suas características completas, suas qualidades e defeitos, suas particularidades originais, tais como linguagem, conhecimentos, timbre de voz, caligrafia, etc.; numa palavra, todos os elementos que pertenciam ao vivo e que *podem ser totalmente ignorados pelo médium*.

d) Nas suas manifestações, o *espírito* mostra-se tal como era nos *últimos tempos* da sua existência terrestre.

Um velho ou um menino mortos, por exemplo, mostram-se nas condições físicas e psíquicas próprias da sua idade.

Contudo, essa lei tem numerosas exceções.

e) *A característica do defunto é às vezes modificada* na comunicação do espírito e pode atingir tal grau, que permita reconhecer a impostura do comunicante, ao pretender apresentar-se como determinada entidade.²⁵

Outras vezes, a característica do defunto manifesta-se por um *misto curioso de elementos originais, evidentemente tomados ao médium e aos assistentes*, em proporções muito variáveis.

Em certos casos e apesar da melhor boa-vontade, só se encontra na comunicação um reflexo do pensamento e dos conhecimentos dos evocados (estes casos são muito raros, apesar do que tenham dito em contrário os adversários do Espiritismo).

²⁵ É inútil insistir aqui nas clássicas imposturas dos que pretendem obter comunicações ridículas firmadas por grandes nomes.

Finalmente, embora a personalidade comunicante faça lembrar com suficiente exatidão a do defunto que diz ser, pode mostrar-se superior ou inferior ao que era na vida terrestre.

f) As provas de identidade mais completas são dadas, amiúde, por “espíritos” desconhecidos do médium e dos assistentes e comprovadas, posteriormente, como perfeitamente exatas.

Muitas vezes não é fácil *atribuir ao médium, nem a forma, nem o conteúdo* das comunicações.

2º – Valor das comunicações

O valor intelectual das comunicações é muito variável.

Podem ser verdadeiras ou falsas; todavia, num ou noutro caso, o seu conteúdo é freqüentemente banal, ou sem grande importância. Interessam sobretudo pelas provas de identidade pessoal dadas pelos comunicantes e pela satisfação particular que nos podem trazer.

Não se devem pedir esclarecimentos difíceis, nem conselhos, nem predições do futuro, ou, se o fizermos, devemos sempre empregar muita reserva e prudência.

Às vezes, as comunicações são banais e até grosseiras e injuriosas, ou então obscuras e incoerentes.

É preciso reconhecer o caráter insignificante ou de relativa inferioridade do conteúdo intelectual de um grande número de comunicações que chocam os experimentadores novíços, inclinados a tomar os “espíritos” dos *mortos* como verdadeiros semideuses, sobretudo quando se trata de seus amigos e parentes.

Mas – digamo-lo – também às vezes se obtêm comunicações muito elevadas, reveladoras de conhecimentos e inteligência superiores aos do médium e dos assistentes. Nestes casos, podem dar-

nos preciosos e inesperados ensinamentos, conselhos úteis e até magníficas predições do futuro.

Essas comunicações elevadas é que têm servido de base à Doutrina Espírita.

As manifestações intelectuais superiores são, em geral, ministradas espontaneamente e raras vezes depois de um certo número de evocações.

Nunca tratam de assuntos materiais, mas de Filosofia, Moral, etc., dando conselhos aos indivíduos e ensinamentos de grande valor para o progresso da humanidade.

Vejam agora a explicação que o Espiritismo dá acerca do conteúdo intelectual dos fenômenos.

O caráter habitual das comunicações e as suas qualidades e defeitos explicam-se facilmente, se considerarmos os seguintes pontos de vista, conformes à doutrina desta ciência:

- a situação dos desencarnados;
- as condições das suas relações conosco.

1º – Do ponto de vista da situação exata dos desencarnados, não esqueçamos que os mortos devem desfrutar situação de bem-aventurados ou de condenados, conforme as suas crenças religiosas.

Se não houvesse transformação radical e insensível depois da morte, não existiríamos como seres conscientes do que nos espera na outra vida, qualquer que seja a doutrina que professemos.

Segundo a doutrina evolucionista, os desencarnados não são, em realidade, muito diferentes do que eram na última encarnação.

Isto é verdadeiro, principalmente para os espíritos de ordem média, que são os mais numerosos.

Os espíritos muito atrasados, pelo contrário, uma vez no estado de desencarnados, não são superiores ao que eram na última existência, porque ao perder os sentidos materiais sofrem verdadeiro obscurecimento psíquico que pode conduzir, embora momentaneamente, à semiconsciência.

Só os espíritos elevados gozam de consciência e conhecimento muito extensos, síntese dos progressos adquiridos em diferentes encarnações; e depois da morte são infinitamente mais elevados, seja qual for o estado de encarnação que tenham tido anteriormente.

O fato é que esses espíritos verdadeiramente superiores estão muito afastados da humanidade terrestre, onde geralmente não voltarão a encarnar, e com grande dificuldade podem colocar-se em relação conosco.

2º – Quanto ao segundo ponto de vista, só tivemos ocasião de ver um desencarnado que não podia manifestar-se no campo material, a menos que agisse *sobre um organismo vivo ou por meio de um organismo vivo*.

No primeiro caso (sugestão sobre o médium), a capacidade psíquica do espírito seria forçosamente limitada, em proporção considerável, pela capacidade psíquica do médium.

No segundo caso, o espírito, ao sofrer uma espécie de reencarnação relativa, será submetido às conseqüências fatais, embora atenuadas, da reencarnação normal; quer dizer, ao obscurecimento da consciência, ao olvido do passado, às modificações do *eu*, etc., em virtude das novas condições orgânicas. O desencarnado não pode entrar de novo no campo material, pela reencarnação ou qualquer comunicação momentânea, sem se sujeitar, mais ou me-

nos, às leis do esquecimento, que se exercem da mesma forma, relativamente a um minuto, ou a um século.²⁶

Após esse exame da situação dos desencarnados e do mecanismo das suas manifestações, compreende-se que as comunicações recebidas não poderiam ser diferentes do que realmente são.

A freqüência das comunicações inferiores ou pouco elevadas é inevitável, porque a maioria dos espíritos que desejam ou podem pôr-se em relação conosco não estão muito acima do nível médio da humanidade, ou porque as leis que regem essas comunicações levam os espíritos a manifestar-se no seu nível.

É por isso que não podemos obter informações precisas acerca da vida espiritual. Pela mesma razão, a maioria dos desencarnados nos parecem idênticos ao que foram durante a vida terrena.

De resto, os desencarnados apresentam-se tal como eram nos últimos anos da sua vida material, porque a *reencarnação relativa* que a comunicação exige tende, naturalmente, a exercer-se no modelo orgânico mais recente.²⁷

A mistura, nas comunicações, de elementos originais e de elementos tomados de outros seres, nada tem de estranho.

Da mesma forma que a criança tem sempre qualquer traço moral dos pais, que lhe dão o seu corpo, o Espírito terá sempre alguma coisa do moral do médium, que, na realidade, é que permite a manifestação.

²⁶ *La Survie* – apanhado de comunicações mediúnicas publicadas por R. Noeggerath.

²⁷ Contudo, parece que alguns espíritos têm a faculdade de manifestar-se com o caráter de qualquer das personalidades encarnadas sucessivamente; mas nesse caso, só se nos apresentarão, de cada vez, com os caracteres de uma única encarnação.

Além disso e em conseqüência do relativo obscurecimento da sua própria consciência e da diminuição do seu livre-arbítrio, o comunicador, isto é, o médium, sofrerá facilmente as sugestões mais ou menos voluntárias dos assistentes e refletirá amiúde os seus próprios pensamentos.

Em resumo: todas as objeções feitas de modo tão ligeiro ao Espiritismo, a propósito do conteúdo intelectual das comunicações, das obscuridades, vulgaridades, mentiras, contradições, etc., que as comunicações às vezes encerram, todas essas objeções, repetimos, são irracionais.

Pelo contrário, o caráter das comunicações, diferente do que se poderia calcular, *a priori*, no princípio do movimento espírita, em completo antagonismo com as idéias que geralmente se formavam e mantinham a respeito do Além, segundo o espiritualismo religioso, constitui uma prova em favor da doutrina que tão completamente se exteriorizou e explicou.

Terminaremos este capítulo com uma nota importante e de acordo com a interpretação dada ao conteúdo intelectual das manifestações espíritas.

O valor das comunicações, do ponto de vista intelectual, está na razão inversa do seu valor físico. Por isso é que as materializações completas de um espírito são sempre acompanhadas de obscurecimento considerável da sua consciência. Só depois de sofrer numerosas e contínuas materializações, o espírito consegue habituar a inteligência a funcionar num organismo que não é seu, conservando, mais tarde, maior ou menor lembrança do seu estado real. Pelo contrário, as manifestações elevadas são, na maioria dos casos, dadas pela mediunidade vocal ou pela escrita automática.

É provável que o desencarnado se manifeste melhor e mais conforme com as suas faculdades superiores agindo diretamente, por sugestão, sobre o médium.

De resto, os fenômenos físicos do Espiritismo não apresentam caráter elevado e por isso são aproveitados apenas como *provas irrefutáveis* da existência real dos espíritos e como demonstrações práticas que apóiam suas declarações ou demonstrações teóricas.

– A teoria anímica

A explicação que o Espiritismo nos apresenta para os fenômenos mediúnicos está muito longe de ser admitida por todos os experimentadores. Entre os sábios que estudaram a fundo os fatos e afirmam sem restrição a sua autenticidade, muitos há que não consideram a hipótese espírita suficientemente demonstrada e julgam poder atribuir todos os fenômenos à *ação exclusiva do médium*.

Grande número de explicações baseadas nesse princípio²⁸ se têm dado, principalmente nos últimos tempos.²⁹ Todas elas, porém, se referem e conduzem ao que se pode chamar, com Aksakof, a teoria anímica, cujos princípios essenciais são os seguintes:

Tudo pode explicar-se pelo automatismo ou pelo desdobramento do médium...

Os fenômenos espíritas, aparentemente inegáveis (os que se verificam fora do médium e sem contato com qualquer pessoa), resultam do *desdobramento da personalidade do médium e da exteriorização de suas faculdades sensoriais, motrizes e intelectuais*.

²⁸ Só me refiro a explicações sérias, pondo de lado certas teorias incoerentes e incompreensíveis rejeitadas hoje por todo o mundo e que podem chamar-se “o último esforço do diabo”, como se apelidam as interpretações dadas por alguns teólogos às doutrinas cristãs.

²⁹ Esta obra foi escrita em 1897. (N.T.)

Os pretensos espíritos – continua a dizer a teoria anímica – são apenas personalidades fictícias, criadas pelo automatismo ou pelo desdobramento do médium. Os seus elementos psíquicos são extraídos da consciência normal ou da *subconsciência*.

As suas manifestações de ordem intelectual mais elevada, os seus próprios conhecimentos, incluindo os mais inesperados, podem explicar-se pela subconsciência, pelas sugestões, pela leitura do pensamento, pela vista a distância, pela telepatia, pela clarividência, etc., tudo isso fenômenos possíveis, no estado de sonambulismo.

Portanto, não é preciso recorrer à hipótese dos espíritos, demasiado extraordinária para que se admita sem necessidade absoluta.

Que respondem os partidários do Espiritismo?... Isto, simplesmente:

A teoria anímica é realmente verdadeira no tocante à interpretação possível de muitos fenômenos.³⁰ Mas a conclusão exclusiva que se quer tirar dela é ilógica e desprovida de senso.

A teoria anímica está toda compreendida na doutrina espírita e não poderia separar-se dela.

O *Animismo* não é mais do que um ramo desta doutrina – e *só por ela pode ser explicado*.

O chamado Animismo admite o corpo astral e a sua ação a distância; a exteriorização da sensibilidade, da faculdade motriz e da

³⁰ Todos os espíritos admitem sem esforço que boa parte dos fenômenos da nossa ciência são de origem anímica. O corpo astral, ao separar-se momentaneamente do organismo (transe, hipnose e talvez sono natural), pode produzir “todos os fenômenos psíquicos”. E é evidente que os poderá produzir também em estado de desencarnação total. Ao entrar de novo no seu corpo material, o espírito terá então esquecido tudo o que fez.

inteligência; a subconsciência; as personalidades múltiplas; a leitura do pensamento; as sugestões mentais e, por último, a clarividência. *Mas, por si só, não pode explicar nenhum desses fatos.*

Ora, a simples verificação de tais faculdades do nosso *eu* pensante implica a *superioridade evidente do princípio psíquico sobre o princípio material; a independência possível da alma fora do corpo e a probabilidade da sobrevivência.*

Donde se deduz que, em nome do Animismo, é absurdo negar a *possibilidade do Espiritismo*. E mais ainda: visto que o Espiritismo *explica todos os fenômenos* e o Animismo não explica nada, é absurdo apoiarmo-nos exclusivamente neste.

Entre duas hipóteses igualmente possíveis e para nos conformarmos com o espírito científico, devemos escolher a que abarca a outra e explica maior número de fatos. Portanto, se sairmos dos pontos gerais da questão e quisermos tratar dos pormenores, encontraremos muitíssimos que apóiam a doutrina espírita.

Assim, por exemplo, as comunicações mediúnicas fornecem às vezes provas irrefutáveis de autenticidade convincente e ensinamentos inesperados que não podem vir do médium, que, durante a sessão, se encontra na posse da sua *consciência normal* e não de suas faculdades de sonambulismo.

Estes fatos e outros análogos abundam na obra de Aksakof, *Animismo e Espiritismo*, para onde remetemos o leitor desejoso de aprofundar verdadeiramente essas questões delicadas.

A conclusão lógica do Animismo não é, pois, a negação do Espiritismo, mas sim *o reconhecimento das enormes dificuldades que se apresentam para distinguir um fenômeno de origem anímica de outro de origem espírita.*

Não vale a pena ir mais longe. As dúvidas acerca da presença real de tal ou qual espírito, em tal ou qual caso, não desvalorizam a doutrina, visto que, se ela não tem ainda provas absolutas, pode

dizer-se, entretanto, que possui um *maximum* de probabilidades a seu favor.

E há mais: aceite-se ou não a teoria espírita, é evidente que a hipótese materialista que defende o princípio de que o homem, depois da morte, desaparece totalmente no nada, fica completamente derrotada e desfeita. O mesmo ocorrerá se se estudar a psicologia experimental.

Nem só os fenômenos mediúnicos são contrários à teoria materialista, mas também os estudados acerca da telepatia, do hipnotismo, do sonambulismo, dos desdobramentos da personalidade e das manifestações superiores da subconsciência.

Portanto, já não é possível considerar o pensamento como secreção do cérebro, nem a alma como função dos centros nervosos.

Com efeito, é inadmissível que uma secreção anormal, acidental, patológica, possa ser constantemente superior à secreção normal, regular e fisiológica. E é também verdadeiramente inconcebível uma função que não só possa isolar-se do órgão que a produz, mas que, além disso, nestas condições antifisiológicas, possa chegar a adquirir mil vezes maior potência e extensão.

Há, pois, que insistir neste raciocínio: a interpretação dos fenômenos do Espiritualismo Experimental pela doutrina espírita (compreendendo a teoria anímica) é a mais simples, a mais racional e a mais natural.

E não é possível desprezá-la, sem cair num abismo de contradições e, principalmente, sem se ter de aceitar explicações ainda mais extraordinárias do que a própria intervenção dos espíritos.

Desse modo, vemos o grande Hartmann (que, na sua obra *O Espiritismo* pretende dar explicação natural desta doutrina pela força nervosa, a alucinação e a clarividência) concluir por afirmar que “a alma individual possui o dom da sabedoria absoluta”.

A sua argumentação assombrosa obriga-o, assim, a proclamar como onisciente a consciência sonambúlica do médium, a qual se limitaria a pôr-se em comunicação com o Absoluto,³¹ isto é, com Deus! É isto o que Hartmann apelida de *explicação natural!*

Sem cair no misticismo metafísico, muitos sábios não pecam menos contra a lógica, ao repelir preconcebidamente a hipótese espírita, sem procurar o sentido íntimo dos fatos, cuja existência verificam. Contentando-se, para qualquer explicação, com falar de desdobramento psíquico, de subconsciência, de leitura de pensamento e de clarividência, apenas fazem jogo de palavras.

E seria necessário discutir agora a oposição feita ao Espiritismo por certas doutrinas que têm com ele analogias evidentes, mas que dele se afastam por idéias sobrenaturais, ou, pelo menos, desprovidas de qualquer base experimental?... Creio que não.

As teorias ocultistas, a doutrina de Swedenborg, a Teosofia, etc., parece-me constituírem uma espécie de transição entre o caráter religioso do antigo espiritualismo e o caráter científico que revestirá, a partir de hoje, o estudo da alma.

Por outro lado, é de rezear que o espírito humano não demore muito tempo a desembaraçar-se do misticismo e a substituir definitivamente as crenças sobrenaturais pela convicção racional. Coisa curiosa: *a simplicidade e a clareza da doutrina são obstáculos à sua penetração em certas inteligências.*

O pensamento humano, habituado há séculos aos dogmas misteriosos e às obscuridades transcendentais dos sistemas metafísicos, dificilmente concebe a possibilidade de soluções claras e racionais do grande problema do nosso destino.

³¹ Veja a obra de Aksakof, *Animismo e Espiritismo*.

Depois de haver adormecido longos séculos ao som do *Credo quia absurdum*, a humanidade, ao despertar, vacila e murmura instintivamente:

Non credo quia non absurdum!

Provas indiretas

Acordo da Doutrina Espírita com todas as ciências – Acordo com as ciências naturais – O transformismo – Acordo com a Astronomia – Acordo com a Física e a Química – Acordo com a Fisiologia – Uma página de Claude Bernard – Acordo com a Psicologia teórica e experimental – Acordo com o hipnotismo – Os desdobramentos da personalidade – O sonambulismo – A clarividência – As leituras de pensamentos – A telepatia – A possibilidade do esquecimento momentâneo – Acordo com a Patologia – Acordo com a Filosofia – União do Espiritualismo e do Materialismo – Espírito, força e matéria são fases da unidade criadora – Involução e evolução – Os sistemas filosóficos que mais se aproximam do Espiritismo – O Monismo.

O Espiritismo encontra uma prova indireta de apoio à sua doutrina no acordo possível e fácil com todas as ciências e na explicação simples que vem dar de muitos fatos que permanecem obscuros no domínio delas.

Com as ciências naturais o acordo é absoluto.

O *transformismo*, em abono do qual se acumulam diariamente as provas e que já não tem adversários entre os homens verdadeiramente cultos e inteligentes, dá à teoria da evolução anímica, inseparável da evolução orgânica, uma verossimilhança indiscutível.

E mais: impõe aos espiritualistas a aceitação desta evolução da alma:

A natureza nunca dá saltos, quer no campo material, quer no campo psíquico.

Pelo contrário, apresenta nos dois lados o espetáculo de transições insensíveis, desde as formas inferiores da vida e da inteligência, às formas superiores e elevadas.

De modo que é preciso insistir sempre neste ponto:

A doutrina da evolução anímica *suprime todas as objeções aparentes feitas ao Espiritualismo pelas grandes descobertas das ciências naturais*:

- Objeção baseada na semelhança orgânica e fisiológica dos animais e na descendência animal do homem;
- Objeção baseada na correlação estreita entre o desenvolvimento dos centros nervosos e a extensão da consciência;
- Objeção baseada na impossibilidade de conceber o espírito e a matéria como coisas isoladas e distintas.

Por outro lado, a noção de evolução psíquica explica muito bem a conservação dos progressos orgânicos, que a seleção natural não nos explicava suficientemente.

Complementado assim, o transformismo constitui magnífica síntese que pode abarcar todos os nossos conhecimentos e que liga o passado ao presente, resumindo todas as nossas aspirações futuras.

E, singular coincidência: o Transformismo e o Espiritismo apareceram na mesma época.

Doutrinas aparentemente contraditórias, a primeira foi admitida com entusiasmo pelos materialistas, julgando que apoiavam as suas idéias nesta base científica; a segunda foi acolhida como vaga esperança nos meios espiritualistas que sentiam vacilar as suas velhas crenças.

Contudo, ambas as doutrinas se conciliaram na hora atual, precisamente a expensas do materialismo negativista e do espiritismo religioso.

Ao ensinar que a evolução se não faz exclusivamente na Terra, mas também numa série de mundos abertos à nossa atividade, o Espiritismo está de acordo com a Astronomia, que nos prova a

insignificância do nosso planeta no Universo e nos apresenta a hipótese verossímil da pluralidade dos mundos habitados.³²

De acordo também com os dados da Física e da Química, a doutrina espírita faz-nos entrever a unidade de matéria e a unidade de força.

A grande descoberta da matéria radiante permite, aliás, a compreensão fácil da constituição do corpo astral.

Finalmente, os nossos conhecimentos acerca da constituição molecular dos corpos permitem-nos não considerar como absurdos ou impossíveis os fenômenos de materialização e desmaterialização.

Já indicamos o apoio que os ensinamentos dos espíritos encontram no domínio da Fisiologia.

A noção da força perispiritual explica claramente o agrupamento na força orgânica de número infinito de moléculas que constituem o nosso corpo e as relações do físico com o moral.

Doutro ponto de vista, a doutrina permite compreender as diferenças principais que separam o *funcionamento do pensamento no organismo* das verdadeiras *funções orgânicas*.

Mas a teoria do perispírito é que se relaciona admiravelmente com as demonstrações feitas em Fisiologia.

Escutemos o que diz Claude Bernard a respeito da formação orgânica:³³

³² “A persistência da vida intelectual, da consciência e da memória, associa-se maravilhosamente à realidade esplêndida das regiões ultra-terrestres... Com sua luz, cada estrela lança um raio de esperança no meu coração.” (Flammarion – *As Terras do Céu*).

³³ Claude Bernard, *Introdução à Medicina Experimental* (citação tirada da obra do sr. Delanne, *A Evolução anímica*).

“Na evolução do embrião vemos primeiramente aparecer um simples esboço do ser, antes de qualquer organização. O contorno do corpo e os órgãos vêm-se a princípio simplesmente esboçados, começando pelas estruturas orgânicas provisórias, que servirão de aparelhos funcionais do feto. Nenhum tecido se distingue. Toda a massa é constituída exclusivamente por células plasmáticas e embrionárias. Mas nesse esboço vital está traçado o delineamento *ideal* dum organismo ainda invisível para nós que designou a cada parte e a cada elemento a sua estrutura e as suas propriedades. Ali, onde devem estar vasos sangüíneos, nervos, músculos, ossos, etc., as células embrionárias transformam-se em glóbulos de sangue, em tecidos arteriais, venosos, musculares, nervosos e ósseos.”

E noutra parte continua a dizer o ilustre Claude Bernard:

“O que é essencialmente do domínio da vida e que nem pertence à Química, nem à Física, nem a qualquer outra coisa, é a *idéia diretriz* desta ação vital. Em todo o germe vivente há uma idéia diretriz que se desenvolve e manifesta pela organização. E durante toda a sua duração, o ser fica sob a influência dessa *força vital criadora*... Outro tanto pode-se dizer da consciência que o ser vivo conserva, ao reconstituir as partes viventes desorganizadas pelo exercício, ou destruídas pelos acidentes ou pelas enfermidades.”

Se passarmos à Psicologia, o Espiritismo constitui um guia esplêndido, em presença das dificuldades de toda espécie que ela nos apresenta.

A noção das existências sucessivas ajuda a compreender as desigualdades consideráveis que se observam nas consciências humanas; desigualdade de inteligência, de sensibilidade moral e

afetiva, que nem os esforços individuais, nem a influência do meio, nem a hereditariedade bastam para explicar completamente.

As diferenças entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica é tão grande, que só encontra interpretação plausível na hipótese das vidas anteriores do ser humano.

Como compreender de outra maneira a distância intelectual que às vezes separa dois irmãos no mesmo ambiente e nas mesmas condições?... Como compreender a dessemelhança muitas vezes total entre a capacidade psíquica dos pais e a da criança? ³⁴

A reencarnação explica também o fenômeno dos meninos-prodígio, como Pascal e Mozart, e permite interpretar facilmente a complexidade do *eu pensante*, da *síntese psíquica*.

No campo da psicologia experimental é onde encontramos maior número de presunções favoráveis à doutrina espírita.

Os fenômenos do hipnotismo e do sonambulismo, o desdobramento da personalidade, a telepatia, as manifestações elevadas da subconsciência, etc., ainda não estão suficientemente explicados pela ciência. Nada mais admirável, por exemplo, do que a dificuldade de interpretação, pelo materialismo, dos desdobramentos da personalidade e dos fenômenos que lhe são afins.

Assim, se se realizar a observação do doutor Azam em Férida, ver-se-á o autor invocar sucessivamente o funcionamento independente dos dois lóbulos cerebrais (o que, aliás, não se aplica às personalidades múltiplas), o sonambulismo total, o simples fenômeno de vaso-dilatação ou de vaso-constricção na circulação do cérebro; e, por último, teremos de gritar com desânimo: ³⁵

³⁴ Quanto mais adiantado é o espírito – diz Chaigneau –, mais pessoal é o seu caráter e mais independentemente se manifesta das condições de hereditariedade.

³⁵ Azam, *Hipnotismo e Dupla Consciência*.

– Tantas dúvidas! Tantas dificuldades! Isto dá com um homem em doido!

Quanto às experiências do hipnotismo superior, elas são menos penetráveis à fisiologia materialista, porque esta acumula hipóteses sobre hipóteses, sem nos oferecer a mínima prova.

Se, pelo contrário, admitirmos a teoria espírita, tudo se esclarece e ilumina.

A hipnose é apenas o começo da separação entre o princípio psíquico e o corpo.³⁶

No início da *exteriorização*, desaparece a sensibilidade da pele e das mucosas, não se sente fadiga muscular e o indivíduo pode suportar durante muito tempo as mais fatigantes posições do corpo.³⁷

Ao mesmo tempo, a sensibilidade localiza-se fora do corpo, a pequena distância e em linhas de exteriorização muito fixas e regulares (De Rochas).

O *sentido único* torna-se evidente e por meio dele é que o hipnotizado se comunica com o mundo exterior. Vê, ouve e percebe, não já pelos sentidos ordinários, mas por esse sentido único, sem localização, espalhado pela superfície de radiação periorgânica. Daí, as manifestações sensoriais bizarras que os hipnóticos têm comprovado e que em vão alguns pretendem explicar por simples hiperestesia do passivo.

³⁶ Ver as obras *Análise das Coisas*, do Dr. Gibier, e *Exteriorização da Sensibilidade e Estudo acerca dos Fantasmas dos Vivos*, de A. de Rochas. (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1895).

³⁷ O que não quer dizer que os músculos não sofram fadiga, do mesmo modo que a anestesia clorofórmica suprime a dor, não impedindo, contudo, o choque operatório.

A. de Rochas conseguiu estudar nitidamente o desdobramento do passivo nos estados profundos da hipnose e descrever a formação, à direita e à esquerda dele, de um fantasma duplo, que depressa se condensa num fantasma único.

Os fenômenos de ordem intelectual explicam-se claramente por essa exteriorização. A princípio, obscurecimento e perturbação da consciência normal, da inteligência que se separa do seu instrumento cerebral, donde nasce a *facilidade da sugestão*.

Nas fases superiores a exteriorização é suficiente e permite o exercício das faculdades transcendentais:

“Então, já não há cérebro para a percepção ou para o pensamento, mas a percepção e o pensamento podem ser exercidos por todo o organismo do indivíduo. Nesse estado e graças ao éter ambiente, cujas vibrações se exercem em uníssono no seu éter anímico exteriorizado, o passivo pode dar fé duma série de fatos passados, presentes e até me atreveria a dizer também futuros.” (Dr. Gibier: *Análise das Coisas*).

Assim se explicam a vista a distância e as leituras do pensamento.

Durante essa separação relativa do organismo, a personalidade normal desaparece; as recordações reaparecem em tropel e a subconsciência desempenha um papel predominante.

O valor da subconsciência explicar-se-á pelo grande número de existências vividas.

As faculdades superiores, isto é, a própria clarividência, explicar-se-ão pela superioridade do *eu real* exteriorizado sobre a personalidade normal que constitui a sua união com o corpo atual.

Quanto à comprovação das personalidades múltiplas no mesmo indivíduo, quer nos estados hipnóticos, quer na vida ordinária,

principalmente tratando-se de pessoas predispostas, ela nada tem de estranho, segundo a doutrina das vidas anteriores.³⁸

A telepatia, de que tantos exemplos se têm dado,³⁹ poderia apresentar três origens diferentes:

- 1ª) Ação de pensamento a pensamento, ou clarividência;
- 2ª) Vista a distância durante o sono, por êxodo do corpo astral;
- 3ª) Ação espírita ou anímica.

Neste último caso, o perispírito, depois do abandono absoluto ou relativo do corpo, poderia arrastar consigo algumas moléculas materiais, a fim de influenciar uma ou mais pessoas, a quem o desencarnado ou exteriorizado desejasse manifestar-se.

Esta explicação é tanto mais verossímil, quanto é certo que, amiúde, o fenômeno telepático se produz após morte violenta ou acidental. A vítima, depois de abandonar prematuramente um organismo que a doença não esgotou por completo, pode conservar, transitoriamente, alguns elementos materiais do seu antigo organismo.

Se o Espiritismo dá a chave de muitos fenômenos de psicologia teórica ou experimental, em compensação os nossos conhecimentos relativos a esta ciência permitem-nos compreender facilmente certas dificuldades aparentes da teoria espírita.

³⁸ É preciso distinguir essas personalidades verdadeiras, espontâneas e originais das personalidades fictícias que se provocam à vontade nos passivos hipnotizados (experiências de Richet) ligadas geralmente a tipos comuns e bem conhecidos: o tipo do bispo, do ator, do guarda de segurança, etc.

³⁹ Ver *Alucinações Telepáticas*, de Gurney, Myers e Podmore, extraídas dos *Phantasms of the Living*, por L. Maritler.

Há notável semelhança entre certos fatos espíritas e hipnóticos, como, por exemplo, o transe, a sugestão, o automatismo, etc. E às vezes não há apenas semelhança, mas verdadeira assimilação, visto que o efeito produzido é o mesmo, quer a influência causal seja de magnetizador terrestre ou de magnetizador desencarnado.

Os estudos da Psicologia provam-nos também a possibilidade da perda momentânea da memória do passado, que nos impede de recordar as encarnações precedentes.

Os *esquecimentos aparentes* são constantes no decorrer da nossa vida normal.⁴⁰ E ao despertar também não é frequente recordarmos a maior parte dos nossos sonhos.

Por outro lado, ao longo da nossa vida só nos lembramos dos acontecimentos mais importantes. A maioria dos fatos que nos têm impressionado os sentidos desaparecem-nos aparentemente da memória; mas, na realidade, mantêm-se integralmente e podem reaparecer, quando dadas circunstâncias nos excitam as faculdades conscientes, como, por exemplo, a perspectiva de perigo iminente que ponha em perigo a existência.

Notemos ainda o *esquecimento dos fatos verificados durante o sono hipnótico*, que provam claramente a obnubilação da alma que resulta da sua união com o corpo.

A alma, ao entrar de novo no corpo, perde a lembrança dos fatos realizados, da mesma forma que perde a lembrança do passado, quando toma conta de novo corpo.

Insistimos, sobretudo, nas observações relativas a *personalidades múltiplas no mesmo indivíduo*, que se manifestam em períodos sucessivos de duração variável e que de tal maneira se *ignoram*

⁴⁰ Veja-se o notável estudo de P. Janet: *O Automatismo Psicológico*, sobretudo o capítulo “O esquecimento e as diversas existências psicológicas”.

reciprocamente, que o passivo, permanecendo num desses estados, nada sabe do que fez em qualquer dos anteriores. Além disso, apresenta várias consciências e não tem noção da sua situação real.

Ninguém deve, portanto, admirar-se de que, ao apoderarmos-nos de novo organismo, esqueçamos o que vivemos no passado.

No entanto, vamos demonstrar que tal esquecimento é verdadeiramente necessário para nós, pois nos permite, não só o desenvolvimento noutros meios, como também a execução de trabalhos diferentes dos que antes havíamos realizado. Esse esquecimento ainda nos permite não ser molestados nem solicitados por recordações penosas, comparações deprimentes, amizades e rancores passados. Ele é indispensável, a fim de evitar a tendência rotineira de ocupações iguais, afastar-nos dos hábitos adquiridos e favorecer e ativar a nossa evolução.

A própria Patologia utilizará as noções do Espiritismo.

Não se ousam encarar todas as possíveis conseqüências desta doutrina, sobretudo no campo da terapêutica; mas pode-se afirmar simplesmente que ela dissipará muitas obscuridades patogênicas.

Na patologia nervosa, por exemplo, certos fatos de possessão, de alucinação, os fenômenos de incubato e sucubato de neuroses diversas, como alguns casos de loucura, talvez recebam do Espiritismo interpretação plausível.

A histeria poderia explicar-se com verossimilhança através do estudo científico do perispírito.

As perturbações de caráter tão bizarro ligadas à sensibilidade, a motricidade ou as faculdades intelectuais dos histéricos tenderiam ao funcionamento defeituoso da força perispiritual, devido à união da alma com o corpo.

Segundo essa hipótese, os neuropatas inferiores, os histéricos vulgares, seriam individualidades unidas a corpos demasiado per-

feitos para elas e de que se serviriam mal; quer dizer, a máquina seria demasiadamente complicada para o mecânico.

Os neuropatas superiores, pelo contrário, teriam organismos demasiado grosseiros para eles. Neste caso, a máquina não tinha a perfeição correspondente à atividade do mecânico.

Pensem o que quiserem desta explicação. Ela é bem menos repugnante do que a hipótese dos degenerados superiores!

Enfim, se, para completar o acordo da doutrina espírita com as diversas manifestações da atividade intelectual do homem, tentarmos a incursão no campo da Filosofia, poderemos observar coisas interessantes.

Em primeiro lugar, a noção de perispírito suprime a grave objeção feita em todos os tempos ao espiritualismo, relativamente à dificuldade de conceber a própria alma, sem forma alguma definida.

Depois, o Espiritismo oferece campo de conciliação ao materialismo e ao espiritualismo.

Desde que *espírito, força e matéria* andam sempre unidos, sendo incompreensíveis isoladamente, sem se submeterem a definição satisfatória, a doutrina espírita pode ser admitida *pelos que consideram a inteligência produto da evolução avançada da matéria e pelos que consideram a matéria como simples manifestação do Espírito*.⁴¹

No fundo dessa divergência de opiniões deve haver apenas um simples mal-entendido. Desde o momento em que a Criação foi definida como não tendo princípio nem fim, é inútil assinar-lhe ponto de partida.

⁴¹ Quer numa, quer noutra hipótese, a força constitui o princípio intermediário.

Poderíamos, no seu conjunto, figurá-la como um ciclo que a potência criadora, seja ela qual for, percorre eternamente. O espírito ou o *maximum* de espírito, teremos que imaginá-lo em qualquer ponto da trajetória; e no ponto diametralmente oposto, a matéria ou o *maximum* de matéria.

Por sua vez, a força estará no espaço intermediário. Desse modo, as criações far-se-ão por passagens ao infinito, de um a outro ponto dessa trajetória, ou seja, do espírito à matéria; depois, novamente do espírito à matéria e assim por diante.

Noutros termos: as criações serão séries perpétuas de *involução e evolução*.

Espírito, força e matéria, seriam, pois, as fases sucessivas da Unidade criadora, os elementos analíticos essenciais da Síntese absoluta.

E o *processus* da criação encontrar-se-á nas partes, como no todo; tanto no *microcosmo*, como no *macrocosmo*. As fases sucessivas de encarnação e desencarnação dos seres vivos representam, pois, alternativas involutivas e evolutivas.

Para terminar, diremos que os pontos principais da doutrina espírita se encontram nitidamente em muitos sistemas filosóficos contemporâneos.

A grande hipótese do transformismo impõe-se mais ou menos a todos os pensadores e é muito curioso observar os esforços que se fazem em todos os campos para conciliar as velhas doutrinas espiritualistas com o evolucionismo.

No domínio religioso, teólogos eminentes se esforçam para pôr de acordo as tradições bíblicas com as ciências naturais.⁴² Esque-

⁴² Ver o artigo do sr. d'Hults, *Cristianismo e Ocultismo* (correspondência de 25 de agosto de 1891).

cem cada vez mais os anátemas do *Syllabus*, evitam falar do inferno e das penas eternas e não se pronunciam acerca da doutrina da pluralidade dos mundos habitados. Pode-se entrever o momento em que o Papa “infalível” decretará a crença na multiplicidade de existências e colocará o paraíso e o inferno no extremo da série das vidas sucessivas.

O exemplo dado por raros teólogos é bem ultrapassado pelos católicos que passam as suas crenças pela fieira do raciocínio. Pode-se afirmar que o dogma puro já não é aceito em toda a sua plenitude, nem sequer pelas pessoas mais crentes.⁴³

Um exemplo evidente desse estado de espírito está no notável discurso pronunciado na Academia de Lyon, na sessão de 9 de julho de 1895, pelo sr. Isidoro Gilardin, conselheiro decano do Supremo Tribunal.⁴⁴ O orador, publicamente ligado ao catolicismo, chega a fazer tais concessões à ciência, que transforma inteiramente uma religião que nos habituáramos a considerar imutável.⁴⁵

Eis algumas linhas desse interessante discurso:

“Temos de admitir que a passagem desta vida *para uma vida supraterrrestre só poderá verificar-se pela evolução, isto é, pelo desenvolvimento natural do ser* e que deve operar-se, não em virtude de milagres individuais, mas em virtude das leis gerais estabelecidas por Deus.

⁴³ Para esse efeito, basta recordar a indignação que, até nos católicos fervorosos, provocou a afirmação do dogma da expiação, a propósito de uma catástrofe recente.

⁴⁴ *Memórias da Academia de Lyon*, 1896.

⁴⁵ Resta saber o que pensaria a Igreja de semelhante liberdade, relativamente aos dogmas; e como, na hipótese de a aprovar, poderia ela combater em seguida a teoria protestante do livre exame.

O método que nos deveria conduzir à concepção racional da vida futura tem de fundar-se *na observação* de todos os fenômenos, quer físicos, quer psíquicos.”

Mais adiante, Gilardin admite o corpo psíquico, as transformações progressivas da alma e até a reencarnação!...

Como se vê, são os principais elementos do Espiritismo que, entretanto, o sábio lionês parece não ter nomeado no seu discurso.

Além disso, Gilardin afasta-se deles em certos pontos, negando, por exemplo, a passagem dos animais ao homem, como faz a tradição católica.

A doutrina espírita encontra-se quase integralmente em certos sistemas estabelecidos *a priori* e de simples intuição, a saber, na “Palingenesia Filosófica”, de Charles Bonnet, e na “Terra e Céu”, de Jean Reynaud.

Elementos importantes de Espiritismo descobrem-se também na filosofia de Henri Martin, Flammarion e na de Pezzani (“Pluralidade das Existências da Alma”).

Também não é difícil encontrar algumas dessas idéias em grande número de sistemas filosóficos antigos e modernos.

– O monismo de Haeckel

O *monismo*, tal como foi concebido por Haeckel,⁴⁶ concorda admiravelmente com a doutrina espírita, na qual tem o seu complemento natural. A noção da evolução anímica, junto à noção da evolução orgânica e ao conhecimento da unidade panteísta, *explica tudo, abarca tudo, sintetiza tudo*.

⁴⁶ Haeckel, *O Monismo*, traço de união entre a religião e a Ciência. Profissão de fé dum naturalista. Prefácio e tradução de V. de Laponge, de 1887.

É pena ver-se Haeckel, depois de ter exposto as suas idéias grandiosas, negar a possibilidade da sobrevivência, sem ter em conta os estudos da psicologia experimental.

Para reforçar as suas idéias, escreve esta frase:

“Não podemos, de maneira alguma, separar a alma individual do cérebro, da mesma forma que o movimento voluntário dos nossos braços não pode ser separado da contração dos músculos.”

Ora, os fenômenos de exteriorização, tão cientificamente estabelecidos (de Rochas), assim como os nossos conhecimentos de fisiologia e antropologia, mostram a possibilidade dessa separação, mesmo durante a vida.

“Um espírito vivo imaterial – acrescenta Haeckel – é tão inconcebível, como matéria sem espírito e sem vida.”

É verdade; mas isso é precisamente um dos princípios fundamentais do espiritualismo moderno. Na seguinte passagem, o grande pensador oferece-nos, por si próprio, argumentos contra a teoria do nada:

“É freqüente combaterem o nosso monismo, dizendo que nega absolutamente a imortalidade. Todavia, isso não é verdade. O Universo, no seu conjunto, é imortal. E do mesmo modo que é impossível que a mais ínfima partícula de matéria ou de força pereça jamais no Universo, também é improvável que o mesmo suceda nos átomos do nosso cérebro, ou nas *forças* do nosso espírito.”

Não existe, pois, qualquer prova de que essas forças não continuem a existir, após a destruição do nosso corpo, como forças individualizadas; e os fenômenos espíritas parecem provar que subsistem, realmente, intactas.

O sistema de Herbert Spencer oferece igualmente muitas aproximações dignas de nota.

Esse filósofo admite que o mundo é a *totalidade das manifestações da força* e que a lei universal a que está submetido é a *lei da evolução*.

A *felicidade* universal será o resultado definitivo da evolução.

Spencer, por outro lado, opõe-se à *distinção entre Materialismo e Espiritualismo*.

Para ele, matéria e espírito são as manifestações da força única, que os contém a ambos.

Na filosofia de Hegel, encontram-se claramente as idéias de evolução e involução.

O *absoluto*, que é apenas um ideal puro, sem realidade, desenvolve-se para chegar à plena consciência de si mesmo. Isso dá origem à evolução, a que Hegel chama o *devenir* (tornar a ser). O desenvolvimento exerce-se em três tempos: estado de pura virtualidade, a que Hegel chama *a tese*; estado de delimitação e divisão, isto é, *a antítese*; depois, desaparecimento das delimitações e identificações dos contrários numa *síntese* superior. Esta síntese, por sua vez, torna-se em ponto de partida de um movimento análogo.

Tese, antítese e síntese reaparecem constantemente em todos os momentos do desenvolvimento do ser, o qual, na sua evolução, realiza todos os progressos e chega assim à *plena consciência* de si mesmo.

A teoria da harmonia pré-estabelecida, de Leibniz, aproxima-se naturalmente da doutrina evolucionista.

Finalmente, analogias evidentes com esta doutrina se encontram também na filosofia de Plótino. Este filósofo admite, no conjunto do mundo, dois movimentos em sentido inverso: um movimento de desenvolvimento e ao mesmo tempo de decadência e um

movimento de sentido inverso, de regresso à causa primária, a que se pode chamar involução e evolução. Menos clara é a sua teoria das três hipóstases; e, sobretudo, menos satisfatória é a sua conclusão, segundo a qual é preciso buscar a felicidade no aniquilamento do pensamento e da personalidade para chegar ao êxtase. Estas são, quase intactas, as velhas doutrinas da Índia, que se reencontrariam em muitos outros sistemas dos Alexandrinos (o *Fédon* de Platão é mais conforme com a doutrina do espiritualismo evolucionista).

Enfim, não há necessidade de discutir aqui as velhas teorias acerca da transmigração das almas (Pitágoras).

Os espíritas pretendem que os principais elementos da sua doutrina estão contidos em todas as grandes religiões da antiguidade, dissimulados sob os símbolos e as manifestações exteriores do culto. Esses elementos constituiriam ensino secreto, reservado aos iniciados superiores. Esses mesmos elementos encontram-se nas religiões dos Druídas, nas da Índia e principalmente nas do Egito (teoria do duplo).⁴⁷

De resto, em todos os tempos têm sido observados os fenômenos espíritas, espontâneos ou provocados.

A evocação dos mortos na antiguidade pagã, os oráculos das sibilas e das pitonisas e, mais tarde, os fatos de feitiçaria e de *posseção*, as alucinações e aparições históricas, etc., mostram bem que as investigações atuais se não baseiam em novidades.

⁴⁷ Veja-se a interessante obra de Maspero, *História Antiga dos Povos Orientais*, tomo I, onde estão expostas as velhas crenças dos egípcios acerca da existência do duplo. Maspero: *Estudos de Mitologia e Arqueologia Egípcia*.

Conseqüências da Doutrina

Transformação das idéias religiosas, filosóficas, morais, sociais e individuais – Comparação entre a opinião tradicional e a opinião nova acerca dos nossos destinos – Compreensão perfeita do mal e das desigualdades humanas – As recompensas e os castigos são conseqüências matemáticas das nossas ações e consistem apenas no estacionamento do ser em encarnações dolorosas ou na sua passagem para estados superiores – A felicidade, resultado natural e necessário do progresso evolutivo – A moral nova: trabalho, amor, solidariedade – Necessidade do livre desenvolvimento individual – Liberdade moral proporcional à evolução do indivíduo – Perigo das restrições e imposições inúteis – Injustiça dos juízos humanos – Muita ignorância e pouca culpa na Terra – Prazeres da vida – Influência do evolucionismo na vida social – Extinção das divisões fictícias da humanidade – Socialismo e anarquia – A sociedade futura deverá reduzir ao mínimo as restrições e as imposições – Anarquia relativa – Deveres para com os animais.

“A ciência é incapaz de nos dar explicação ou interpretação aceitável do Universo, bem como de fundar qualquer moral ou de substituir a religião na evolução social da humanidade.” (Brunetiére – *Revue des Deux Mondes* de 15 de outubro de 1896).

Nesta extraordinária série de afirmações gratuitas, contentar-nos-emos em considerar algumas das conseqüências que resultarão da comprovação rigorosamente científica dos princípios fundamentais da doutrina espírita, ou sejam, a *persistência do eu consciente depois da morte e a evolução progressiva da alma pelos seus próprios esforços*.

É evidente que esta ciência nova dará origem a uma revolução completa na filosofia, na moral, na vida social e individual.

No *domínio da filosofia*, permitirá impugnar definitivamente obscuridades sistemáticas, doutrinas incoerentes e caducas que seriam depressa esquecidas ante a luminosidade da idéia nova e ante a satisfação que dá aos nossos instintos de felicidade, aos nossos desejos de imortalidade, à nossa esperança, finalmente realizada, de conhecer o Além.

A idéia espírita fará ao mesmo tempo desaparecer as idéias do nada, tão deprimentes como desesperantes, e os dogmas religiosos, tão pouco satisfatórios. Por último, restabelecerá as *crenças impostas pela convicção raciocinada*.

Desembaraçará o espiritualismo dos ouropéis, sob os quais durante tantos séculos se escondeu e disfarçou, com o nome de diversas teocracias.

Libertar-nos-á dos deuses antropomórficos, amiúde caprichosos ou cruéis, que intervêm constantemente na criação por meio de milagres, pela graça ou pela predestinação; que reservam os seus favores a raríssimos eleitos; que exigem sacrifícios sangrentos e que entre as suas melhores criaturas escolhem as vítimas destinadas a *aplacar a sua cólera*; que semeiam a tentação nos nossos passos e que, à menor falta, castigam para a eternidade; e que, finalmente, nos esmagam, durante a nossa miserável existência, com provas e dores, que são a antecâmara de castigos mais bárbaros e cruéis...

Com a idéia nova, desaparecerão essas prescrições dogmáticas que nos impõem crenças irracionais, reduzindo e quase aniquilando o nosso livre-arbítrio e o nosso desenvolvimento consciente; desaparecerá, em suma, essa interpretação incrivelmente mesquinha do Universo, que reduz toda a criação à humanidade terrestre.

Desaparecerá o dogma do pecado original, com suas conseqüências injustas e bárbaras.⁴⁸

Desaparecerá a noção da *salvação* pela oração e pelos sacramentos.

Desaparecerão, sobretudo, essas aberrações ferozes acerca do inferno com suas legiões de demônios e seus suplícios eternos.

Como esses dogmas infantis parecem verdadeiramente pequenos, comparados com os ensinamentos da nova filosofia: dupla idéia de involução e evolução que tudo abraça num panteísmo grandioso!⁴⁹

Evolução progressiva dos mundos e dos seres por suas próprias forças, sem intervenções caprichosas da divindade!

“A idéia mais elevada que podemos fazer de um ordenador – diz muito bem Léon Denis – é a de supô-lo criador de um mundo susceptível de desenvolver-se por suas próprias forças e não por contínuos milagres...”

⁴⁸ Conseqüências que, na opinião de certos teólogos, chegam até à condenação de crianças que morrem sem batismo.

⁴⁹ A propósito dessas magníficas concepções panteístas, não quero deixar de citar aqui algumas belas palavras de Marius George (*Humanidade Integral*), janeiro de 1896: “Parodiando uma frase célebre, eu disse uma vez: – Sou homem e tudo o que se relaciona com os homens me interessa; mas o que não se referisse ao destino dos meus semelhantes não me poderia interessar. Se há um ou mais deuses, anjos ou arcanjos que jamais conheceram o esforço, a luta e o sofrimento; que nunca atravessaram a noite angustiosa da ignorância, estes seres, que nada têm de humano, não me interessam para nada. Como seres superiores ou meus irmãos maiores e por muito altos que estejam na sua glória, eu não posso, nem quero honrá-los mais do que aos seres que têm vivido as nossas próprias misérias e que, pequenos como nós, souberam elevar-se à força de amor, de luta e de sofrimento.”

A divindade não poderia ser concebida fora do Universo.

“A idéia de Deus – diz ainda Denis ⁵⁰ – já não exprime, para nós, a idéia de um ser qualquer, mas sim a idéia do ser que contém todos os seres... Nada de criação espontânea, nascida milagrosamente. A criação é contínua, sem princípio nem fim... O mundo renova-se incessantemente em suas partes; no conjunto, é eterno.

A Terra, sobre a qual as religiões pretendem concentrar todo o pensamento do Criador – segundo a expressão de Flammarion –, é um ponto insignificante no Universo.

Por outro lado, uma só existência neste planeta é um momento insignificante na série de encarnações inumeráveis do ser vivente.

A alma individual não é criada com todas as peças, com as faculdades que lhe quis outorgar o capricho do Criador.

Forma-se e desenvolve-se por si mesma, pelos seus esforços, pelos seus trabalhos e pelos seus sofrimentos.

Desse modo, é por si mesma que a alma se liberta, pouco a pouco, do mal, necessariamente ligado às fases inferiores da sua evolução; ela própria chega à compreensão da verdade, da beleza e do bem e por seu próprio esforço chegará a adquirir os elementos lentamente conquistados da sua felicidade futura.

Daqui resulta a compreensão perfeita das desigualdades humanas e a solução completa do problema do mal, duas condições da vida terrestre que dificilmente se conciliam com a noção de uma Providência ativa.

As *desigualdades* humanas, do ponto de vista da inteligência, da consciência e do coração, desigualdades que *nem a hereditarie-*

⁵⁰ Léon Denis – *Depois da Morte*.

dade, nem a influência do meio explicam suficientemente, têm fácil explicação na diferença evolutiva dos seres.

“A pluralidade das existências é a única coisa que pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, numa palavra, todas as desigualdades que nos ferem a atenção.

(...)

Sem a lei da reencarnação, seria a iniquidade que governaria o mundo.”⁵¹

A explicação do mal não é menos satisfatória.

O mal não é produto das forças cegas da Natureza que às nossas personalidades efêmeras impõem sofrimentos sem compensação, nem tampouco consequência de pecado original, nem prova e muito menos castigo ou vingança da divindade.

O mal é simplesmente a medida da inferioridade dos mundos e a condição necessária ao seu aperfeiçoamento.

O mal é o grande aguilhão da atividade dos seres e necessário para que se não imobilizem no seu estado presente. Mesmo na humanidade adiantada, a dor física ou moral desempenha papel importante.

A dor impõe o trabalho e impede que nos detenhamos muito tempo nos prazeres inferiores.

Alguns privilegiados da existência poderão perder vidas inteiras na ociosidade; mas, cedo ou tarde, receberão o aviso do mal, que os obrigará a caminhar e a sofrer. A enfermidade, uma grande tristeza, a dor, enfim, sob qualquer dos seus múltiplos aspectos, far-lhes-á compreender a inanidade dos prazeres materiais, lamen-

⁵¹ Léon Denis – *Depois da Morte*.

tar o tempo perdido e lhes dará idéia mais alta da vida e o desejo da verdadeira felicidade.

Em virtude das condições evolutivas, o mal é inevitável. Os seus próprios excessos, as grandes catástrofes e as infelicidades imerecidas são a consequência do *livre desenvolvimento* dos mundos por suas próprias forças e não se deveriam atribuir à divindade.

O mal diminui cada vez mais, devido aos progressos da evolução. A história da Terra, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, é disso prova evidente.

E nessa nova interpretação do Universo não há lugar para as idéias de paraíso ou de inferno.

Os castigos e as recompensas vêm de nós mesmos e são a *conseqüência natural e obrigatória* de nossas faltas ou de nossos esforços.

“A vida atual – diz Denis ⁵² – é a consequência direta, inevitável, de nossas vidas passadas, como a nossa vida futura será a resultante de nossas ações presentes.” ⁵³

Somos apenas o que fizemos de nós próprios ao longo da nossa vida.

⁵² Léon Denis – *Depois da Morte*.

⁵³ Isso não significa que se possa negar em absoluto a possibilidade de exceções acidentais que imponham encarnações dolorosas imerecidas. Esses acidentes são inevitáveis, precisamente porque nenhuma providência intervém na nossa evolução. Mas é indubitável que tais reencarnações terão, no futuro, a devida compensação. É preciso considerar o conjunto e não os pormenores e que uma única existência pouco representa no curso da nossa evolução. Por outro lado e amiúde, as provas e os sofrimentos foram previstos e livremente escolhidos pelo espírito, antes da sua reencarnação, para seu bem e pelo bem dos seus semelhantes.

Assim, devemos repelir de uma vez para sempre o terrível pesadelo dos castigos eternos.

A sanção das nossas faltas será simplesmente o estacionamento em encarnações sucessivas inferiores, segundo as condições que resultem, matematicamente, para cada existência, das existências vividas.

A recompensa e a compensação que devemos esperar dos nossos esforços, isto é, a recompensa das nossas virtudes, das nossas dores, dos nossos trabalhos, será a passagem para reencarnações superiores, e esta recompensa resultará das leis evolutivas e não de julgamento divino.

Mas essa felicidade só poderemos obter tornando-nos dignos pelos nossos esforços.

Para se poder apreciar um estado superior é preciso saber elevar-se para ele, porque não se poderia gozar um bem que se não compreendesse.

Não vemos nós, afinal, mesmo sem sair da vida ordinária, multidões incapazes de fruir os prazeres estéticos, de apreciar a beleza, de sentir as emoções elevadas?

Não busquemos, pois, o porquê e em que consistirá a felicidade futura.

O nosso prévio desenvolvimento é a condição necessária, não só para obter, mas também para compreender essa felicidade.

Baste-nos saber que ela resultará, *necessariamente*, dos progressos evolutivos.

Conseqüências morais

As considerações filosóficas que precedem dão origem a conseqüências morais de grande importância.

A moral nova constituirá uma *verdadeira ciência*, cujos princípios serão rigorosamente deduzidos dos conhecimentos adquiridos acerca do nosso destino e, como tal, a sua influência será enorme.

Mas, também como tal, a nova moral sacrificará implacavelmente todo o conjunto de preconceitos, de obrigações fictícias, de restrições inúteis que deprimem a moral tradicional e que os homens parecem ter acumulado gostosamente para se atormentarem uns aos outros.

A moral nova apoiar-se-á em três bases ou princípios fundamentais:

- o conhecimento das leis e das condições evolutivas;
- a necessidade do livre desenvolvimento individual;
- a noção da relatividade da liberdade moral, apoiada na compreensão do mal e das desigualdades humanas.

1º – Do conhecimento das leis evolutivas deduzir-se-á:

A necessidade do trabalho pessoal.

A necessidade de cultivar, acima de tudo, as nossas faculdades intelectuais e afetivas e de nos afastarmos, quanto possível, das sujeições materiais.

A forçada solidariedade humana, como conseqüência das existências sucessivas a que estamos submetidos, nos mais diversos meios e condições.

Daí a necessidade do *altruísmo* que, segundo a frase do Doutor Gibier, será o verdadeiro egoísmo. Auxiliando o aperfeiçoamento

do próximo e da sociedade, o indivíduo auxiliará o seu próprio avanço e atenuará as suas novas reencarnações.

2º – *A necessidade do livre desenvolvimento individual é uma lei que se deduz, necessariamente do conhecimento do livre desenvolvimento do mundo.*

Em nós, tudo o que seja necessário ao nosso melhoramento, ao nosso avanço ou progressão, deve resultar dos nossos esforços pessoais.

Assim, pois, nos limites do possível, a moral humana deve deixar o indivíduo em liberdade.

*É inútil e prejudicial impor deveres que o indivíduo não considere como tais.*⁵⁴

O ideal da moral seria *instruir sem impor*, deixando o indivíduo advertido do mal e das conseqüências de suas ações. A luta é necessária para o desenvolvimento da sua inteligência.⁵⁵

Cedo ou tarde, as faltas e os erros cometidos serão compreendidos e julgados pelo próprio culpado, quer pelas advertências da

⁵⁴ Não é preciso dizer que nos referimos à educação da infância. Muito teríamos que dizer, em face da nova filosofia, mas isto levar-nos-ia demasiado longe.

⁵⁵ Um exemplo fará compreender melhor o meu pensamento: suponhamos dois adolescentes de nível psíquico proporcionalmente igual. O primeiro encerrar-se-á num convento, entregue à oração, sem nada saber dos trabalhos, dos prazeres, das dores, das tentações e das faltas da humanidade. Este primeiro indivíduo terminará a vida sem pecados mortais a pesar-lhe na consciência. O segundo, vivendo na sociedade, lutará, trabalhará, conhecerá prazeres e dores e, sem ter chegado a ser criminoso, terá cometido grande número de faltas.

É evidente que este último estará mais adiantado na hora da morte e muito melhor preparado para a vida futura.

dor, quer pelo desenvolvimento intelectual; como consequência disto, a sua liberdade moral aumentará um grau.

Note-se que esse respeito completo pelo livre desenvolvimento do ser é apenas ideal.

Praticamente, o indivíduo deve estar subordinado em justa medida à *segurança e à liberdade* dos seus semelhantes.

Mas todas as restrições e imposições que não visem exclusivamente este objetivo são prejudiciais e devem ser rejeitadas.

3º – O terceiro princípio que servirá de base à moral futura, ou seja, o da *relatividade da liberdade moral*, apóia-se nas condições precedentes e prova também o perigo das restrições mundanas e sociais.

Segundo a lei da evolução, o livre-arbítrio é sempre proporcional ao avanço do ser.⁵⁶

Por consequência, a gravidade de uma falta não pode ser apreciada por si mesma, nem sequer pelas circunstâncias, mas, antes de tudo, pelo grau de elevação do culpado.

Daí conclui-se que os juízos humanos baseados no princípio da igualdade moral são sempre evitados de injustiça.

É, pois, prudente e sábio abstermo-nos de julgar.

Por outro lado, basta pensarmos no nosso passado, para nos convenceremos da necessidade de completa indulgência para com as faltas dos outros.

Em nossas anteriores encarnações, todos fomos criminosos e miseráveis; e se soubermos elevar-nos até o conhecimento da

⁵⁶ Esta solução do problema da liberdade moral constitui um dos mais belos ensinamentos da doutrina espírita.

beleza e do bem, veremos que seria rebaixar-nos de novo ao nível dos culpados, se os castigássemos com o nosso desprezo.

As faltas e os crimes, as conseqüências do vício, as manifestações da maldade e do egoísmo, do ódio, do ciúme e da inveja, do espírito de vingança, de todos os baixos sentimentos, enfim, que constituem a desgraça da humanidade, considera-os o ser elevado como produtos inevitáveis de um estado inferior, pois sabe que no mundo há muito menos culpabilidade do que ignorância.⁵⁷

Por isso, o ser verdadeiramente superior buscará instruir os culpados e prevenir as suas más ações. Mas jamais se rebaixará a castigar e a vingar-se.

Sabe que os castigos inventados pelos homens são inúteis para o melhoramento do culpado e que as más ações levam em si mesmas a sanção.

O alcance desses princípios verifica-se na atividade humana. Ao contrário da moral clássica, a moral evolucionista será sobretudo positiva e *reduzirá ao mínimo o número e a importância das restrições, o número e a importância dos deveres.*⁵⁸

⁵⁷ O fato de certos grandes criminosos terem sido pessoas instruídas e inteligentes em nada desmerece desta teoria. Semelhantes exceções não se opõem à regra geral.

Além disso, é provável que esses desgraçados, apesar de algumas faculdades brilhantes, fossem, no fundo, seres inferiores. Um ser realmente superior tem de ser bom e nobre e não pode portar-se como criminoso.

⁵⁸ Em uma humanidade suficientemente evolucionada, isto é, suficientemente inteligente e boa, o princípio de obrigação será substituído pelo princípio de liberdade. A noção do dever desaparecerá quase por completo e será substituída pela noção do amor.

E então será prazer praticar o bem e sofrimento praticar o mal.

Na *vida individual* a moral nova aconselhará primeiro o *trabalho* intelectual e o cultivo de nossas faculdades emotivas e afetivas.

Podemos desenvolver-nos em qualquer dos ramos da atividade psíquica: o que importa é aumentar a nossa capacidade intelectual e não conhecer muitas coisas. O que se aprende é menos importante em si, do que pelo exercício intelectual que nos facilita a ampliação dos nossos conhecimentos sucessivos.

É, pois, inútil querer, em uma única existência terrestre, atingir demasiados conhecimentos. Evitando sempre especializações estreitas, deveremos cultivar as nossas disposições inatas e adquirir os maiores conhecimentos neste sentido.

Esta é a melhor regra, tanto para a sociedade, como para nós próprios.

Ao mesmo tempo em que trabalha para si, mercê da lei do altruísmo, imposta, como vimos, pela noção das vidas sucessivas, o indivíduo tem de trabalhar para o aperfeiçoamento dos seus semelhantes.

Fará o bem, sem cuidar do resultado imediato, nem do reconhecimento que lhe for devido pelas suas boas ações, cuja recompensa nunca exigirá.

Desprezará as injúrias pessoais e esforçar-se-á por repelir todo sentimento de ódio e de inveja.

Nunca se vingará.

Saberá desculpar e compreender nos outros os vícios e defeitos que ele não tenha e, na medida do possível, evitará julgar.

O ser deverá, pois, trabalhar e dar provas de bondade ativa para com os semelhantes, amando-os e auxiliando-os.⁵⁹

⁵⁹ Os limites em que deverá fixar-se e manifestar-se esse amor ao próximo não podemos indicar por agora. Neste ponto, também o evolu-

E nada fará, já se vê, que possa redundar em prejuízo deles.

Aproveitando o mais possível a sua encarnação atual, o ser deverá cuidar, atender e dirigir o corpo, que é o instrumento da sua atividade.

Evitará, portanto, os excessos de fadiga, os perigos inúteis e o suicídio.

O ser não deverá repelir jamais os prazeres da existência terrestre, nem os deve considerar como “pecados”.

Simplesmente, nunca esquecerá que só os prazeres elevados da inteligência são úteis ao seu aperfeiçoamento, que gozos puramente sensuais são apanágio dos seres inferiores, acompanhados muitas vezes de desilusões e dores, e que podem, em certo grau, atrasar a sua evolução.

Pensará, sobretudo, que deve renunciar a qualquer prazer que possa causar dano a outrem.

Na *vida social* as conseqüências práticas da nova ciência serão consideráveis.

Os homens compreenderão, individualmente, a necessidade de trabalhar para o progresso geral da humanidade.

Por outro lado, o conhecimento das vidas sucessivas, nas mais diversas condições, levará ao mais profundo desprezo pelas *divisões fictícias* da sociedade e à *desaparição completa dos preconceitos de casta, de religião, de raças e de fronteiras*.

A pátria e a família serão consideradas de um ponto de vista mais amplo e generoso.⁶⁰

cionismo apenas estabelecerá leis gerais, deixando toda a liberdade às interpretações individuais.

⁶⁰ Sobre isto poderíamos fazer amplas considerações. Mas o momento não nos parece oportuno. Parecer-nos-ia prejudicial atacar agora sen-

O papel da sociedade perante o indivíduo será estabelecido de acordo com os três princípios há pouco citados. Será um simples papel de proteção.

O Estado *obstará o menos possível à iniciativa individual* e contentar-se-á com assegurar a liberdade e a vida dos cidadãos.

Como se vê, estamos longe da concepção atual da sociedade, com suas múltiplas leis, restringindo em limites estreitos toda a atividade humana e esforçando-se por canalizar através das áridas sendas dos Códigos a torrente dos sentimentos afetivos!...

Nesta época de pretensão liberalismo, é verdadeiramente extraordinário que a sociedade civil imponha princípios particulares rigorosamente definidos, os quais, segundo a opinião de Sebastião Faure, no seu livro *A Dor Universal*, constituem o “prolongamento da legislação na ordem moral – espécie de guarda espiritual junto de cada indivíduo com o encargo de impedir a infração da lei, enquanto a Pandora temporal é encarregada de prendê-los, sempre que a lei infrinjam.”⁶¹

timentos muito respeitáveis, que se modificarão, necessariamente, embora com enorme lentidão, a que temos de nos resignar.

⁶¹ A contradição entre as concepções sociais e as pretensões liberais da humanidade moderna, mais do que em qualquer parte, é evidente na nossa França, centralista, hierarquizada e militarizada. Em nenhum país do mundo se observa melhor esse estado de liberalismo aparente e de real intolerância. Para a grande maioria, a palavra liberdade é um belo vocábulo desprovido de senso prático. O espírito de iniciativa individual e de independência é aqui excepcional.

Escutai dois franceses de certa idade, condição ou sexo, discutir acerca de qualquer assunto, seja político, religioso, artístico, científico ou industrial. Inevitavelmente ouvireis sair de seus lábios, como eterno estribilho, estas palavras: “O Estado deveria fazer...!”, “O Estado deveria defender!”, “O Estado deveria impor...!”

O evolucionismo, que nos fornece argumentos contra a organização atual da sociedade, impede-nos igualmente de adotar as teorias socialistas ou anarquistas, que se apóiam numa verificação demasiado justa, ou seja, a de que a maior parte dos males que afligem a humanidade vem hoje, não da Natureza, mas sim dos próprios homens.

E, todavia, a sua conclusão é inteiramente falsa: o socialismo reforça ainda mais os poderes do Estado, impõe aos cidadãos a aceitação rigorosa da sua doutrina igualitária e conduz à supressão completa da iniciativa individual.

Esta concepção é simplesmente monstruosa, vista à luz do evolucionismo. Além disso, é absurda, pois que *as desigualdades humanas são a própria essência da humanidade evoluída* e a igualdade material nunca poderia coincidir com as desigualdades físicas, morais ou intelectuais, tão consideráveis.

A doutrina anarquista não é mais lógica, embora seja menos extravagante. Parte do princípio de que *todos* os males humanos vêm da sociedade; mas não atende aos antecedentes evolutivos do ser, ao atavismo, nem às condições naturais que obrigam os homens a auxiliar-se mutuamente.

A anarquia só seria possível e realizável com uma *humanidade perfeita*, o que está bem longe de ocorrer sobre a Terra. A filosofia da evolução prova-nos que a legislação deve ser proporcionada ao grau de adiantamento dos homens e diminuir de rigor e de extensão

E, entretanto, pergunta-se: “Que haverá ainda por ordenar ou regulamentar?”

“O francês dos nossos dias – diz admiravelmente E. Drumont – é simples invólucro humano que, ao nascer, se registra num livro, se matricula, se arremonta, se taxa, se faz circular e que, por último, se depõe administrativamente num cemitério.”

à medida que o progresso seja mais extenso e geral. Tal filosofia só permite aspirar a uma espécie de *anarquia relativa, reduzindo ao mínimo o número e a importância das restrições ou das imposições*.

Há uma derradeira conseqüência que se deduz da doutrina espírita: a noção de certos deveres do homem para com os animais.

Se é certo que o homem tem passado pelos organismos inferiores e que os animais estão destinados, um dia, a fazer parte da humanidade, todos nós temos o dever de auxiliar o cumprimento dessa lei natural, evitando tudo o que possa contrariá-la.

É preciso, pois, que desprezemos os prazeres cruéis, a expensas dos animais. Devemos evitar-lhes todos os sofrimentos inúteis, não lhes dando morte sem necessidade absoluta de os sacrificar; finalmente, os animais domésticos devem ser tratados com doçura e sincero carinho.

De resto, esta regra nada tem de novo para os homens de coração. É inútil insistir na grande verdade que encerram estas admiráveis palavras de Schopenhauer:

“Pode-se afirmar, sem receio de equívoco, que aquele que se mostrar cruel para com os animais nunca poderá ser bom homem.”

Tais são as profundas modificações que podemos esperar do futuro.

Mas esse futuro – doloroso é confessá-lo! – não está próximo. Seria loucura esperar mudança brusca na vida das sociedades ou dos indivíduos. *As grandes transformações hão de fazer-se com a ajuda do tempo*; por isso é que, fiel à lei do evolucionismo e apoiada em bases científicas, a idéia nova não pode ter o aspecto intolerante das religiões.

Não pretendendo explicar tudo, mas limitando-se a lançar um pouco de luz no caminho da verdade, a doutrina espírita não impedirá que as inteligências impregnadas de misticismo atávico preferam, ao conhecimento das grandes leis do Universo, as crenças adequadas ao seu grau de adiantamento.

Diz Renan, nos seus *Ensaio de Moral e de Crítica*:

“Cada um constrói a fé à sua medida. Defender um dogma é provar que se tem necessidade dele.”

O medo de um Deus-polícia e a crença nas penas eternas ainda hoje revelam a bitola de muitas consciências e esses preconceitos são difíceis de se extinguir bruscamente.

Em compensação, a idéia nova impor-se-á imediatamente a muitas inteligências elevadas que se ligaram cegamente às velhas religiões, em virtude da repugnância que lhes inspira o materialismo.

Mas ela será acolhida com entusiasmo por almas eleitas que se dizem e até se julgam materialistas, por desdenharem dos dogmas religiosos.

No seu conjunto, a humanidade seguirá pouco a pouco o movimento iniciado.

Sabendo inevitável a lentidão do progresso e resignado à dilatação das suas esperanças, pela certeza da imortalidade, o filósofo pode, em virtude do pensamento, elevar-se acima das condições do espaço e do tempo e realizar pelo sonho as transformações do porvir.

Na embriaguez dessas concepções grandiosas, encontra ele distração para os cuidados da vida e consolação para as grandes dores, encarando com profunda piedade e ao mesmo tempo resignação serena as infelicidades ligadas inevitavelmente à nossa pobre

humanidade inferior, assim como os ódios públicos e particulares, a opressão dos povos e dos indivíduos, as guerras e os massacres.

E não concede mais do que vago desdém às pequenas paixões, às pequenas disputas, à inveja dos indivíduos e às pequenas agitações dos diplomatas e dos políticos.

Para o filósofo esquecer todas essas misérias, basta-lhe entrever, não já como quimera, mas como probabilidade futura, a realização da *felicidade* no seu ideal sublime de *Amor* e de *Liberdade*.

Conclusão

Esforcei-me por examinar fielmente a parte essencial do Espiritismo.

Fi-lo sem me pronunciar nem pró, nem contra; e embora não dissimulasse de forma alguma a minha simpatia pela nova ciência, não quero que esta simpatia me incline a conclusões terminantes, temeroso de me iludir perigosamente.

Contentar-me-ei, pois, à laia de epílogo, com algumas reflexões que me parecem racionais.

Os fenômenos espíritas têm sido observados por muitíssimas testemunhas conscientes e por muitíssimos sábios ilustres que os controlaram, para que hoje se possam negar *a priori*. E mais ainda: *ninguém tem o direito* de combater sem prévia contra-experimentação, as conclusões experimentais dos Crookes, Wallace, Zoellner, Aksakof, Oliver Lodge, Myers, Lombroso, Richet, De Rochas e tantos outros não menos ilustres.

Justificada ou não, a doutrina espírita é suficientemente grandiosa para suscitar discussão profunda aos pensadores, aos sábios e aos filósofos.

E muitos deles, depois de sério exame, concluirão certamente que uma doutrina baseada em fatos experimentais tão numerosos e precisos, de acordo com todos os conhecimentos científicos dos diversos ramos da atividade humana; que dá solução clara e satisfatória dos grandes problemas psicológicos e metafísicos; que uma doutrina assim, repito, é verossímil. Chegarão até a afirmar que deve ser verdadeira, que é, muito provavelmente, verdadeira.

Em todo caso, não se trata já de quimeras, de se deixar embalar por “velhas canções” ou de dormir sobre a “fofa almofada da dúvida”.

Devemos saber. Queremos saber. Podemos saber.

A ciência já destruiu para sempre as concepções ancestrais do Universo:

- Distinção essencial entre os animais e o homem, único ser provido de alma imortal;
- Criação antropocêntrica e geocêntrica, relativamente recente;
- Divindade exterior ao Universo, céu, empíreo, etc.

Todas essas noções desapareceram ante o progresso das ciências naturais e da Astronomia. Da mesma forma, as velhas idéias do inferno eterno e de um Deus vingativo e cruel se tornaram inadmissíveis para a consciência moderna.

Queiram ou não queiram, o evolucionismo impõe-se a quem pense e raciocine; e o espiritualismo *evolucionista* é a única doutrina que hoje pode opor-se, cientificamente, ao niilismo.

É evidente que a evolução, encarada sob *os seus dois aspectos*, é infinitamente mais satisfatória do que a evolução orgânica pura, visto responder aos nossos desejos de imortalidade e felicidade e oferecer-nos sanção moral, além de satisfazer ao mesmo tempo o coração e a razão, reunindo em síntese única a ciência, a filosofia e a religião.

– Mas esta doutrina tão bela será verdadeira?

A ciência é que no-lo há de dizer. O que se pode, desde já, afirmar, alto e bom som, é que a ciência não mais poderá desinteressar-se dos estudos psíquicos.

Trate-se de ilusões, de quimeras, ou do início de completa transformação da atividade humana, a ciência tem o dever de nos dar uma conclusão precisa a esse respeito.

Nenhum sábio, nenhum pensador, nenhum homem um pouco elevado pode desinteressar-se destes aliciantes problemas. “A

imortalidade – diz Pascal – importa-nos tanto, interessa-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido todo o sentimento para sentir indiferença por ela.⁶²

– 0 –

⁶² Pascal – *Pensamentos*, artigo 9º (edição Havet, pág. 137, tomo 1º).

Segunda Parte ⁶³

Introdução ao estudo prático da Mediunidade

A fase “heróica” da metapsíquica parece chegar ao fim. Não há dúvida de que a realidade dos fenômenos mediúnicos suscita ainda muitas discussões e reservas. Mas já não é negada sistematicamente.

As experiências demonstrativas levadas a efeito nos últimos anos, em especial as de Schrenck-Notzing na Alemanha e as do Instituto Metapsíquico Internacional de França, têm sido decisivas.

Pouco a pouco foram desaparecendo algumas resistências e dia a dia novos sábios se dedicam resolutamente às nossas investigações.

É preciso generalizar os estudos metapsíquicos, que só poderão contribuir para que bons médiuns apareçam e se tornem conhecidos.

Assim, creio fazer obra útil, ao chamar a atenção dos novos investigadores para as dificuldades particulares que enfrentarão, na empresa a que se abalancarem.

Não esqueçam que *a experimentação metapsíquica é coisa delicada, não sujeita a improvisação.*

Para ser bem sucedida, é necessário conhecer profundamente as contingências da mediunidade e os métodos inéditos que elas impõem.

⁶³ O presente trabalho foi extraído do livro *L’Ectoplasmie et Clairvoyance*, do Doutor Gustave Geley, e trata especialmente dos fenômenos físicos de mediunidade. (N.T.)

O manejo de um instrumento humano – o médium – é tão complicado e difícil como o manejo habitual dos instrumentos de física e das substâncias químicas.

De resto, poucas coisas sabemos ainda. Os conhecimentos que temos acerca da mediunidade foram obtidos por empirismo e após inúmeras pesquisas.

Portanto, algumas regras e noções precisam se apresentar, desde já. São estas regras e noções que tentarei expor claramente.

1 – Caráter geral das experiências

As experiências mediúnicas realizam o tipo das “experiências coletivas”, visto que os fenômenos são fruto de colaboração psicofisiológica inconsciente do médium e dos experimentadores.

Se não tivermos bem presente no espírito esta noção primordial, pouco ou nada compreenderemos, quer da teoria da mediunidade, quer da sua prática.

Na colaboração dos experimentadores e do médium, é este último que desempenha a função principal, por ser o “*Deus ex-machina*”, sem o qual nada se obteria. Mas, abandonado a si próprio, o médium é quase impotente.

As suas faculdades, quase sempre latentes, raras vezes se exercem com espontaneidade e isoladamente; e, quando se exercem, é através de manifestações irregulares, “catastróficas” e medíocres.

Para que as atividades supranormais se manifestem ativamente na mediunidade intelectual, é indispensável, pelo menos, a colaboração de dois psiquismos; na mediunidade de efeitos físicos impõe-se a associação das forças psicofisiológicas, que permitem o ambiente das sessões.

Assim, tanto num caso como noutro, o médium é o centro original das manifestações, embora não seja a causa única.

Na ectoplasmia, a demarcação dos fenômenos é necessariamente provocada pela exteriorização dinâmica e material de parte do organismo do médium.

Mas se tudo se restringir a essa exteriorização elementar, os fenômenos obtidos serão limitadíssimos, levemente perceptíveis e muitas vezes nulos.

Pelo contrário, tudo mudará se o ambiente favorável permitir que as forças emanadas do médium façam uma espécie de apelo às forças latentes dos experimentadores.

As faculdades do médium são logo reforçadas e multiplicadas por esta associação, pois a sua própria exteriorização dinâmica e material se torna incomparavelmente mais acentuada, permitindo que os fenômenos de telecinesia e de materialização se produzam imediatamente.

Baseado em numerosas experiências dinamométricas, Ochorowicz calculou que, depois de cada sessão, os assistentes perdiam parte da sua força.

A soma das perdas individuais – concluía – corresponde à força média do homem, como se se tratasse de criar um organismo dinâmico especial, à custa dos assistentes, incluindo o médium.

Do que precede, se infere que o primeiro termo do problema da experimentação mediúnica consiste na criação de *ambiente favorável*. *Sem esta condição essencial não há, por assim dizer, possibilidade de êxito.*

Eis porque é inútil e absurdo esperar qualquer resultado de “concursos”, de “desafios” ou de “prêmios” oferecidos aos médiuns.

Por muito fortes que estes sejam, ficarão reduzidos à impotência, se os isolarem ou contrariarem, mercê da vontade de um júri hostil ou divergente. Da mesma firma, o exame do médium por “Comissões de Estudo” compostas por sábios mal preparados para a missão de que se investem é das coisas mais aleatórias. Se a Comissão não demonstrar grande interesse pelo seu encargo, se não experimentar em atitude amistosa para com o médium, só obterá resultados medíocres ou quase nulos.

É, pois, errado fazer depender exclusivamente do médium o mérito de uma sessão feliz ou um possível fracasso.

O mérito e a responsabilidade são sempre coletivos e esse critério aplica-se também às próprias experiências.

Quando se empreende seriamente o estudo prático da mediunidade, é necessário considerar igualmente o médium e os experimentadores, pois que as duas partes (nunca é demasiado insistir neste ponto) têm a mesma responsabilidade no sucesso ou no insucesso.

2 – O médium

Que é um médium? O médium é um ser *cujos elementos constitutivos (mentais, dinâmicos, materiais) são susceptíveis de descentralização momentânea.*

Nestes casos especiais, a tendência inata para a descentralização é reforçada pela prática da mediunidade, que vai tornando cada vez mais fácil e normal um estado primitivamente excepcional e anormal.

Falei em tendência inata. Na verdade, a mediunidade é *hereditária.*

Em todos os grandes médiuns que estudei até hoje, assim como nos clarividentes e nos passivos de ectoplasmia, nunca deixei de encontrar a hereditariedade, que é tanto mais direta quanto mais oriunda dos antepassados ou dos colaterais. Mas existe sempre; e de tal forma precisa, que não pode ser negada.

A mediunidade pode, então, descrever-se como “dom” hereditário condicionado por tendência à descentralização dos princípios constitutivos do médium.

Esta noção da hereditariedade do “dom” mediúnico permite compreender, até certo ponto, a razão pela qual a mediunidade é tão rara no Ocidente.

É esta, pelo menos, a tese que eu ouvi sustentar na Polônia. Para os polacos, a Inquisição e os processos de feitiçaria usados na Europa Ocidental extinguiram ali, em grande parte, a raça dos médiuns. Entre centenas de milhares de pessoas condenadas à fogueira, durante muitos séculos, havia numerosos históricos e poucos verdadeiros médiuns...

A mediunidade subjetiva escapou, de certo modo, à destruição; mas a mediunidade objetiva, por mais fácil de revelar e mais impressionante para a imaginação, deveria ter sido pouco a pouco extirpada.

Nesse ponto, a obra da Inquisição e dos processos de feitiçaria teriam obtido resultados importantes, nefastos para a ciência e para a verdade.

Na análise desse “dom” mediúnico surgem duas questões importantes, do ponto de vista prático e do ponto de vista teórico:

- a) A mediunidade costuma revelar-se muito cedo e espontaneamente, como as faculdades artísticas.
- b) A mediunidade é de essência única, não obstante a diversidade de suas manifestações.

Quando à primeira, podemos dizer que assim o prova a observação. Todos os grandes médiuns têm sido médiuns desde tenra idade e assim permanecem durante a vida. Abaixo deles, há passivos de faculdades psíquicas mais atenuadas, os quais se contam em grande número. A evolução dessas faculdades dependerá da prática e de suas tendências especiais, quer se trate da criança médium ou da criança artista.

Quanto à segunda, vê-se que, aparentemente, nada há de comum entre a clarividência e a ectoplasmia. Contudo, elas são da mesma essência.

Em primeiro lugar, todos os médiuns, subjetivos ou objetivos, têm a mesma psicologia: sugestibilidade, hipersensibilidade, instabilidade de gênio, caráter caprichoso, cólera, etc.

Além disso, a observação demonstra que as faculdades de clarividência e de materialização podem às vezes coexistir e alternar com freqüência. Um exemplo de faculdades físicas e psíquicas simultâneas é o médium Frank Kluski, cuja clarividência, manifestada pela escrita automática, chega a causar espanto. Frank é o que se pode chamar um médium universal, o rei dos médiuns contemporâneos.

Todavia, essa coexistência é rara. Na maioria dos casos, há *alternância* nítida entre a mediunidade intelectual e a mediunidade física, de que passo a citar três exemplos típicos:

1º) A médium Eva C.⁶⁴ tem obtido fenômenos intelectuais notabilíssimos, em determinadas épocas da sua existência. Chegou a “ler”, automaticamente, páginas de filosofia num quadro imaginário, como se fosse num *ecran* (tela) de cinema; e estas produções automáticas não tinham ligação com a sua capacidade mental e os seus conhecimentos normais, visto que os ultrapassavam exuberan-

⁶⁴ O autor refere-se a Eva Carrière (N.T.)

temente. Era interessantíssimo; mas durante essa fase da sua mediunidade as faculdades de ectoplasma desapareceram por completo.

2º) O grande clarividente Stephan Ossowiecki, quando era adolescente, produziu fenômenos extraordinários de telecinesia; mas a sua clarividência sofreu grande eclipse, em todos esses períodos de tempo.

3º) Madame Silbert, de Graz, tinha sido sempre uma verdadeira clarividente, sem, todavia, revelar qualquer faculdade física. Pois, há coisa de 5 ou 6 anos (1918-1919), freqüentou sessões espíritas durante alguns meses e tornou-se admirável médium de efeitos físicos. Mas, ao mesmo tempo, perdeu a clarividência.

A verificação desses fatos tem grande importância:

Sob o aspecto teórico, provam que, no princípio, a mediunidade é única. Qualquer médium na flor da idade é médium universal, susceptível de todas as potencialidades.

Depois, especializa-se: Mercê de afinidades pessoais ou de tendência hereditária, é levado a exercer apenas esta ou aquela faculdade e perde virtualmente as outras. Mas esta especialização nunca é absoluta, nem definitiva.

Contudo, é raro que a mediunidade de efeitos físicos e a mediunidade intelectual se manifestem simultaneamente no indivíduo. É necessário escolher uma ou outra, pois ambas parecem absorver todas as forças do passivo.

Sob o aspecto prático, as verificações citadas podem habilitar-nos a educar racionalmente os médiuns.

A mediunidade intelectual é muito mais freqüente do que a mediunidade de efeitos físicos, pelo menos no Ocidente.

Como acabamos de ver, é possível transformar um médium clarividente num médium de materializações, trabalho esse que é

tanto mais fácil quanto mais novo ele for, o que não quer dizer que seja impraticável em um indivíduo já idoso. É questão de paciência e de tempo. A primeira condição de êxito parece residir na supressão do exercício da clarividência.

Não falo da educação racional dos médiuns, por me faltarem ainda os elementos indispensáveis a esse estudo.

O engenheiro Lebiedzinski, de Varsóvia, que examinou muitos passivos, atribui grande importância às suas tendências especiais. Crê que a maior parte deles costumam repetir os fenômenos que observam noutros passivos. As sugestões indiretas e inconscientes desempenhariam, assim, um grande papel.

Lebiedzinski está convencido de que futuramente se poderiam obter fenômenos novos, cada vez mais fortes e variados, utilizando médiuns jovens e inexperientes.

O futuro dirá o que há de verdade nesses aspectos teóricos.

Poder-se-á também estudar a influência do regime e do gênero de vida no desenvolvimento da mediunidade.

Parece que os orientais submetem os passivos a regime vegetariano puro e lhes impõem uma existência que faz lembrar a das vestais na antiguidade; e chegam mesmo a pretender que os experimentadores observem certas condições de vida e certos processos empíricos!...

3 – Condições para o bom rendimento do médium

a) O médium deve gozar boa saúde.

Qualquer indisposição, mesmo ligeira, atenua ou suprime momentaneamente as suas faculdades. O grande médium Kluski já eu

vi completamente paralisado, em virtude de coriza ou dor de dentes.

A fadiga muscular ou mental, o esgotamento nervoso (abuso de sessões, excessos genitais, uso imoderado do álcool, uso de estupefacientes, insônia, etc.), produzem a mesma ação inibitória.

b) O médium deve ser alegre.

O médium é sensitivo. Sente as menores impressões morais, com intensidade excessiva. Por isso, os experimentadores devem esforçar-se por captá-lo, testemunhando-lhe a maior e mais dedicada atenção, tratando-o como colaborador e amigo.

Se os experimentadores o maltratam, duvidando da sua honestidade ou desprezando-o, como se ele fosse instrumento de laboratório ou animal de experiências, criam ambiente deplorável e arriscam-se a nada conseguir. Repito: a simpatia entre o médium e os experimentadores é condição indispensável, ou quase, para o bom êxito dos trabalhos.

A ironia e o escárnio ainda são mais prejudiciais do que a malevolência e a falta de diplomacia.

Os cuidados materiais e morais, bem como a tristeza e as preocupações, são igualmente prejudiciais.

c) O médium deve ter confiança nos experimentadores.

Podem propor-se ao médium todos os controles imaginários, mas é conveniente explicar-se-lhe tudo com clareza e fazer-lhe compreender o objetivo e as modalidades.

O médium é desconfiado por instinto e tem a impressão desagradável, angustiosa e perfeitamente justificada de que, durante o transe, *será abandonado, sem defesa, aos experimentadores*; e por isso receia medidas intempestivas ou maldades capazes de feri-lo ou de fazê-lo sofrer, sobretudo quando os não conhece bem.

Se vê em torno de si instrumentos estranhos de investigação e exame ou qualquer material de laboratório, receia experiências dolorosas para ele, cuja desconfiança aumentará na razão direta da sua ignorância.

Um exemplo muito simples mostrará quanto é legítima essa desconfiança.

A coisa mais freqüente numa sessão de ectoplasma é um experimentador inadvertido tirar bruscamente uma lâmpada elétrica do bolso e projetar a luz sobre o médium.

Que sucede, neste caso? O médium desperta, arrancado brutalmente do seu transe. Se houvesse ectoplasma, isto é, substância exteriorizada do organismo do médium, seria absorvida bruscamente e sem transição.

Essa reintegração brusca é sempre acompanhada de grande abalo nervoso, doloroso e esgotante.

Qualquer incidente dessa ordem fatiga infinitamente o médium e muitas vezes chega a suprimir-lhe as faculdades, durante meses.

Note-se que o choque doloroso é função, não da intensidade da luz projetada, mas *da sua duração*. Um relâmpago forte de *magnésio* que apenas dura uma fração de segundo, abala muito menos o médium do que a projeção duma lâmpada de algibeira, destinada a observar o passivo. Eis o que é preciso saber! Os experimentadores novatos ignoram-no completamente.

Com mais forte razão, as explorações brutais, o ato de agarrar formas materializadas, etc., repercutem no sistema nervoso do médium, dando a impressão de golpes ou pancadas, extremamente dolorosos.

Se o médium, com razão ou sem ela, tem medo destas coisas ou de outras semelhantes, adormece mal ou não adormece. O transe é incompleto ou nulo e a sessão é defeituosa.

d) *O médium deve estar à vontade.*

Desde que o controle seja efetivo e absolutamente satisfatório, não deve prejudicar o médium e nada o impedirá de adormecer.

O estado de transe ectoplásmico consiste num *estado hipnótico pouco profundo e instável*, que as ações intempestivas ou desastradas dos controladores podem aniquilar ou esterilizar.

Tanto para o controle como para a comodidade do médium (as duas considerações vão aqui juntas), é sempre bom que este, antes da sessão, troque o vestuário habitual por outro, quente e amplo. A temperatura da sala deve ser relativamente elevada, mas sem exagero.

As outras condições podem variar, segundo os hábitos do passivo. Uns adormecem melhor em jejum e outros após a refeição. Em todas as condições secundárias e quando se examine o passivo, é preciso não esquecer a sua maneira natural de produzir os fenômenos.

4 – Os experimentadores

O *número* dos experimentadores pode variar um pouco, segundo os médiuns. A média é de 4 a 7.

A *idade* e a *saúde* desempenham papel importante. É indispensável que metade dos assistentes não sejam muito idosos. Uma assistência de velhos seria absolutamente defeituosa. Quanto mais novos forem os assistentes, melhores serão as experiências.

Todos os experimentadores devem ser saudáveis e ter boa disposição.

Se qualquer deles estiver indisposto, fatigado ou grandemente preocupado, deve afastar-se dos trabalhos. Os assistentes, por seu

lado, devem simpatizar entre si e com o médium. A presença ali de elementos antagônicos e divergentes causará perturbações e estorvo.

Essa simpatia recíproca dá origem à harmonia coletiva favorável. O mesmo sucede, relativamente à homogeneidade constante do grupo.

Os assistentes devem ser passivos – Pouco importa que sejam crentes ou cépticos.⁶⁵ Mas é muito mau que sejam hostis. Pelo contrário, é conveniente haver desejo de bom êxito, antes da eclosão dos fenômenos. A mesma regra se aplica à concentração de pensamentos ou à sua divergência excessiva.

O melhor é que os assistentes conversem a meia voz acerca de coisas indiferentes, mas nunca provoquem discussões ou controvérsias.

Com um pouco de treino, consegue-se a passividade necessária, sem nada abdicar do esforço do controle e de atenção.

Os assistentes devem ser pacientes – É preciso saber esperar, passando muitas horas e sessões inteiras sem poder observar coisa alguma.

Quando um fenômeno começa, evitar qualquer exclamação ou intervenção, *deixar que ele se desenvolva livremente e adquira toda a sua importância*. É preciso saber expressamente que o melhor e mais seguro controle é o que os fenômenos trazem em si mesmos.

⁶⁵ Contudo, não é conveniente que todos os experimentadores ou a maioria deles estejam prevenidos contra a realidade dos fenômenos. Não há nada mais prejudicial do que o ambiente sistemático de suspeição.

Os fenômenos elementares ou em esboço podem muitas vezes ser facilmente imitados, o que não sucede com os fenômenos complexos.

Para melhor compreensão, vou expor alguns exemplos:

Se se tratar de telecinesia, basta o leve deslocamento de um objeto que esteja ao alcance dos membros do médium, para deixar entrever a fraude, seja qual for o controle empregado; mas um grande deslocamento, como o transporte da mesa a muitos metros de distância do médium, ou a mudança de uma cadeira (colocada primitivamente fora do alcance deste último) para cima da mesa das experiências, passando sobre a cabeça dos assistentes, não serão susceptíveis de reproduzir por qualquer truque.

Tratando-se de ectoplasma, é lícito incriminar a regurgitação ou outro processo de fraude, desde que não se trate da ectoplasma esboçada. No dia em que o ectoplasma revestir a forma de mão viva, de rosto com três dimensões, a hipótese fraude será repentinamente eliminada, *se o médium de que dependem os fenômenos for incapaz de representar o papel do fantasma e se não houver possibilidade de comparsaria.*

Os grandes fenômenos de ectoplasma trazem consigo o seu controle, porque só poderiam ser imitados pela ação de um comparsa e nada é mais fácil do que prevenir esta fraude.

Para mim, o método que uso é muito simples:

Despreocupo-me sistematicamente de todos os fenômenos elementares; não me ocupo de nenhum deles. Não perco o tempo a investigar se, apesar do controle, teriam ou não sido fraudulentos. Desde que um fenômeno elementar desse origem a que o julgassem susceptível de ter sido produzido fraudulentamente, seria como se não existisse.

Só me preocupo com fenômenos que não podem ser imitados por qualquer truque, nas respectivas condições de controle.

Os experimentadores devem saber controlar – É preciso não imaginar que isto se aprende sozinho ou que se improvisa. Os experimentadores “inexperientes” devem sempre submeter-se à direção de um colaborador competente.

Ora, *os sábios novos que vieram à metapsíquica têm deplorável tendência para desprezar o trabalho dos seus antecessores.*

As conseqüências desse erro de lógica são desastrosas.

É desnecessário dizer que em nenhum ramo de ciência se procede assim.

Em toda parte e sempre, quando se trata de fatos que ainda se não conhecem, o sábio começa por estudá-los; e se deseja experimentar, submete-se a rigorosa aprendizagem, guiado pelos seus predecessores.

Em metapsíquica, verdadeiro “mundo às avessas”, gira tudo de outra maneira: os sábios começam a experimentar sem nada querem conhecer. Não só ignoram – e às vezes totalmente – a obra dos seus antecessores, mas ainda chegam a pronunciar-se contra eles!

Resultado fatal: mau êxito retumbante ou perda de tempo em incessantes tentativas.

Isto não é erro que os principiantes não possam cometer. Na maioria dos casos, felizmente, esses erros só podem prejudicar as sessões. Mas não me admirarei se, uma vez ou outra, tais erros produzirem conseqüências mais graves, que se refletirão na saúde e até na vida do médium.

Chego agora a dois parágrafos particularmente importantes: o das *medidas de controle* e o das *fraudes mediúnicas*.

5 – O controle

a) A iluminação das sessões

Uma das grandes dificuldades das experiências de ectoplasmia diz-se que provém da ação nefasta da luz sobre a produção dos fenômenos.

A luz parece causar dano de duas maneiras:

- 1ª) Incomodando e perturbando o “trance” do médium;
- 2ª) Contrariando o *processus* da materialização.

Por esses dois motivos, a ectoplasmia é tanto mais difícil de se obter quanto mais intensa for a luz.

Essa ação prejudicial acentua-se mais nas primeiras fases do fenômeno. Quando a materialização é organicamente completa, digamos “epidermizada”, suporta muito melhor a iluminação do que durante as suas primeiras fases, isto é, as fases da exteriorização da substância amorfa e da passagem do estado amorfo ao estado organizado.

Desse modo, os experimentadores são postos ante um grande e espinhoso dilema: ou operam na obscuridade ou com iluminação demasiado fraca, para que a observação satisfaça plenamente, e podem, assim, obter belas manifestações; ou então exigem luz forte e os fenômenos diminuem consideravelmente de importância, quando se não extinguem completamente.

Sem dúvida, com muita paciência e treino prolongado do médium, chega-se a experimentar com claridade suficiente. É o que Mme. Bisson, por exemplo, chegou a obter com Eva Carrière. Mas, em todo o caso, há relação inversa entre a intensidade da iluminação e a perfeição das materializações.

A ação prejudicial da luz sobre as formações ectoplásmicas nada tem de surpreendente. Sabe-se que a luz é nitidamente abiótica para os microorganismos e que parece até estorvar a organização das formas primordiais de vida.

Os germes em evolução são, geralmente, mais ou menos subtraídos à ação da luz, pelas condições naturais em que se desenvolvem. Os primeiros estados da vida embrionária exercem-se na obscuridade relativa ou completa. Uma função da clorofila nos vegetais parece ser precisamente a proteção dos tecidos delicados contra a luz. Mais ainda: todos sabem que o crescimento dos vegetais se realiza em grande parte durante a noite.

Se a luz prejudica os *processos biológicos* nos primeiros estados da formação orgânica, embora eles, em regra, se desenvolvam lentamente, compreende-se bem que os paralise durante as sessões de materialização, quando se desenvolvam com rapidez vertiginosa.

O embrião humano, por exemplo, leva semanas a formar-se no seio materno, ao abrigo da luz. Durante uma sessão metapsíquica, bastam alguns segundos para se formar um ser humanóide ou um órgão humano completo.

Para compreender a ação nefasta da luz nas sessões mediúnicas, é preciso atender à rapidez dos *processos* das materializações. Se a luz é abiótica na fase normal da organização embrionária, sê-lo-á mil vezes mais, quando a duração desta fase seja apenas de alguns segundos, em vez de levar dias, semanas ou meses.

Logo, para as experiências de ectoplasmia, nada absolutamente existe de mais lógico e natural do que a nocividade da luz.

Como conciliar então as justas exigências de uma boa observação que requer controle simultâneo dos dois sentidos principais – a vista e o tato – com a necessidade primordial de experimentar ao abrigo da luz?

Até hoje, todas as tentativas feitas nesse sentido têm falhado.

Primeiro, pensou-se utilizar a luz vermelha, por analogia com as condições de manipulação dos produtos fotográficos.

Mas esta pretensa analogia é duvidosa.

Tem-se verificado que a luz vermelha é tão prejudicial às materializações como a luz branca. Se parece ser menos prejudicial, é simplesmente por ser menos forte. Para a mesma intensidade, a luz vermelha não é preferível à luz branca, pois tem a grande desvantagem de deformar ou alterar a visão. A sua única vantagem é permitir deixar abertos os aparelhos fotográficos, prontos a receber a impressão da explosão de magnésio (relâmpago artificial) para registro do fenômeno.

Têm-se feito experiências no sentido de tamisar a luz com vidros diferentemente coloridos, mas em vão. Nos últimos anos, tem-se servido de pantalhas de sulfureto de zinco ou de cálcio, que irradiam luz fria e não parecem muito prejudiciais. Estas pantalhas iluminam pouquíssimo, salvo se forem muito grandes. Além disso, a intensidade da sua fosforescência diminui rapidamente. Iluminam fortemente, quando irradiadas pelo sol ou pelo magnésio, mas a sua intensidade atenua-se em menos de um quarto de hora e acaba por extinguir-se dentro de pouco tempo. É verdade que existe no comércio sulfureto de zinco ou *radium*, que mantém a fosforescência intacta durante muitas horas; todavia, é altamente provável, *a priori*, que a sua nocividade seja tão acentuada como a luz quente.

Mas, então, o problema da iluminação das sessões é insolúvel? Não. Há de encontrar-se um meio racional de iluminação.

A experiência mostra que a luz menos prejudicial à ectoplasma é a *luz fria desprovida de radiações químicas*.

A claridade da lua satisfaz otimamente esse ideal; e, de fato, podem obter-se magníficas sessões ao luar, como William Crookes teve ocasião de observar.

A *luz viva*, fabricada por certos animais, vegetais e micróbios, parece geralmente favorável, como expus na *Revue Metapsychique* de março-abril de 1922 e verifiquei claramente desde essa data. Infelizmente, é difícilimo conseguir uma iluminação prática. Os boiões de cultura de micróbios fotogênicos são dos mais instáveis. O professor Rafael Dubois descobriu em 1900 um bacilo fotogênico, cujas culturas duraram um mês. Apesar dos seus ensaios recentes e numerosos, não conseguiu reencontrar o bacilo.

Os insetos luminosos podiam ser e têm sido ensaiados com êxito em certas regiões privilegiadas, como no Brasil. Enfim, determinados vegetais pareceriam utilizáveis.

Enquanto se não encontrar o meio ideal de iluminação, podem usar-se grandes pantalhas de sulfureto de zinco, ou então realizar essas sessões, eventualmente, ao luar.

Demais, repito, é preciso saber que se obtêm fenômenos à luz ordinária. Essa luz deve ser o mais fraca possível, de modo que permita boa observação.

Para isso, é indispensável treinar previamente o médium.

Quando se não dispõe de médium bem treinado, pode-se ensaiar ligeira iluminação à luz vermelha, comandada por um reostato.

Espera-se que o transe seja completo, para aumentar a luz, lenta e progressivamente, até se obter suficiente visibilidade. Em todo caso, é preciso não dirigir a luz para o médium, que só deve ser iluminado por raios refletidos (luz indireta) e cuja região dorsal deve ficar sempre na sombra.

No caso de ter-se de experimentar na obscuridade, não se esqueçam de que se pode conseguir um controle perfeito, que satisfará inteiramente.

b) As medidas de controle

Estas medidas têm por fim libertar os experimentadores dos truques de prestidigitação.

Quais são, pois, as condições necessárias para boa prestidigitação? São três:

- 1^a) Liberdade de movimentos do prestidigitador;
- 2^a) Sala ou aparelhagem simuladas;
- 3^a) Compadrio, ou seja, conivência no truque.

As duas últimas condições são eliminadas, visto que o médium trabalha com sábios numa sala de laboratório autêntica.

Um truque improvisado, como fios estendidos, etc., não é fácil de simular e só poderia dar resultados medíocres.

Em todo o caso, o médium só deve entrar na sala de experiência no momento da sessão e com os experimentadores.

O controle pessoal do médium é muito simples, quando não há receio de truque, nem de compadrio.

Antes de tudo, é preciso despir o médium e mandar-lhe vestir um traje pertencente aos experimentadores e que tenha sido examinado por eles. Não é absolutamente necessário que seja um “maillot”. Qualquer pijama sem bolsos, amplo e quente, parece-me suficiente.

O médium deve vestir-se no meio de dois experimentadores, pelo menos.

Na sala de sessões, o controle principal, essencial, do médium está em *prender-lhe as mãos*. Digo as mãos e não os pulsos. Isto, por duas razões:

Com os dedos livres, pode-se executar movimentos fraudulentos, sobretudo o famoso truque da substituição das mãos, que é irrealizável quando o médium é seguro pelos dedos. Com efeito, o

médium fraudulento pode facilmente levar os assistentes a tomar o punho direito pelo punho esquerdo e vice-versa.

Mesmo que os controladores descurem um pouco a fiscalização dos fenômenos, é impossível fazer-lhes tomar a mão direita pela mão esquerda ou o polegar pelo dedo mínimo.

A prisão das mãos do médium torna impossível qualquer fraude importante.

Seja qual for a prática que um passivo tenha de acrobacia ou prestidigitação, com os pés ou com a cabeça só produzirá fenômenos elementares, os quais, em caso de dúvida, devem ser postos de reserva.

Contudo, é sempre bom controlar as pernas e os pés, o que se consegue, geralmente, sem grandes dificuldades.

Deve-se notar que não falo de medidas de controle instrumental, isto é, de gaiolas, ligaduras, grilhetas, sinetes, chumbagens, sacos e cordéis para meter e atar o médium, fios elétricos, etc.

Em meu entender, esses controles instrumentais devem ser rejeitados, a não ser em sessões de pura demonstração, como as do Instituto Metapsíquico Internacional, com o médium Guzik.

Na experimentação metapsíquica e como medida geral, repilo sempre todos os processos de constrangimento. Baseio-me nas duas razões seguintes:

- a) Por constituírem, para o médium, incômodo muito sério, susceptível de impedir ou limitar o transe. Do ponto de vista moral, deprimem e enervam: a suspeição manifestada brutalmente pode inibir as delicadas faculdades supranormais.
- b) Nenhum desses meios, à exceção das ligaduras *seladas a chumbo* ou dos cordéis igualmente selados, consegue verdadeira segurança (é sabido que muitos prestidigitadores

se desembaraçam até dos liames mais sutis). E nenhum se compara ao simples maniar das mãos.

6 – As fraudes

Chegamos agora à questão primordial das fraudes mediúnicas.

É absolutamente indispensável que os experimentadores conheçam bem este assunto.

Os médiuns podem fraudar de duas maneiras: *consciente* e *inconscientemente*.

O controle, tal como o descrevemos atrás, coloca-nos seguramente ao abrigo da fraude consciente.

Como escreveu Ochorowicz, “a fraude consciente não pertence à ciência. É geralmente fácil de verificar, quando não se trata de representação pública observada de longe. Basta rigorosa fiscalização, antes e depois dos trabalhos, eliminação de compadrios e ativa vigilância dos movimentos do prestidigitador, desde que se conheçam os truques profissionais. Nos casos simples que dispensam aparelhagem, a fraude consciente pode, entretanto, confundir-se com a fraude inconsciente”.

Afirmo que nas minhas experiências com Eva, com Kluski e Guzik, a fraude inconsciente era impossível e nunca existiu.

A questão da fraude inconsciente é mais complexa, porque o seu estudo é um duplo estudo de psicologia.

Todos os metapsiquistas sabem o que é a fraude inconsciente; mas, para os inexperientes e profanos que me lerem, devo entrar em mais pormenores.

Primeiramente, pode-se afirmar que a fraude inconsciente não é fraude. É fruto do automatismo, que constitui a fase primária e a própria condição da mediunidade.

Eis alguns exemplos de fraude inconsciente (é preciso usar esta designação, à falta de outra mais adequada) vulgar e elementar que levarão à compreensão do caso, melhor do que qualquer explicação teórica.

Numa sessão de Kluski, em Varsóvia, produziu-se um dia o fato seguinte: uma lâmpada elétrica vermelha estava acesa. Em regra, o primeiro fenômeno obtido era a extinção dessa luz, por ação telecinética exercida no comutador. Nessa noite, o fenômeno demorava a produzir-se. Um experimentador impaciente dirigiu-se à força e ordenou:

– Interrompe a lâmpada!

A lâmpada continuou acesa. Repetiu três vezes a mesma ordem, com crescente energia, e logo o médium em transe se levantou imediatamente, arrastando consigo os dois controladores, surpresos e interessados. Dirigiu-se, sem hesitar, para a lâmpada, interrompeu o comutador... e voltou para o seu lugar, satisfeito do dever cumprido.

Eis o tipo da “fraude” inconsciente, que ninguém de bom senso poderia censurar ao médium. Este último tinha obedecido, simplesmente, à sugestão. Como o fenômeno esperado se não produzia pelos meios anormais, produziu-o ele pelos meios normais. *O médium estaria também inocente se, em condições análogas, deslocasse um objeto com as mãos ou com os pés, erguesse a mesa, etc.*

Eis outro fato elementar, contado por Ochorowicz:

“Vi médiuns bater com o punho na parede, em frente de testemunhas, pretendendo insinuar que era o “espírito” quem batia.

Um estudante de direito, médium insignificante, deu a si próprio uma bofetada, à vista de toda a gente. Não estava em transe permanente e obstinava-se em convencer-nos de que fora o espírito de Xântipa, mulher de Sócrates, quem lhe infligira a admoestação.

Na verdade, são coisas bem desempenhadas; mas são *fatos psicológicos* que é preciso conhecer, antes de entrar no estudo do “mediunismo superior”.

A fraude inconsciente é simplesmente a conseqüência da anulação, pelo transe, da vontade e da consciência do médium e do automatismo que daí resulta.

Não vale a pena dizer que a fraude inconsciente pode ser complicada e hábil; mas, na maioria dos casos, é infantil.

As fraudes inconscientes podem ter *duas causas* que importa conhecer e necessitam de *uma condição* que os experimentadores devem evitar. São as seguintes essas causas:

- princípio do menor esforço no automatismo;
- sugestões intempestivas, verbais ou mentais, dos assistentes.

a) *A fraude por princípio do menor esforço no automatismo* compreende-se bem: como escreveu Ochorowicz, todo o *processus* de desdobramento, de separação fisiológica entre o organismo e o dinamismo exteriorizado implica dor e requer excesso de forças nervosas:

“Quando o médium está esgotado ou somente quando ele opera com indolência, isto é, *sem esforço especial* da vontade sonambúlica, franqueará a mão no sentido de fraudar e pro-

cederá o mais habilmente que puder, *porque é muito menos fatigante e porque lho permitem...*

Tal é a lógica do inconsciente do médium que, sem ser moral, é inteiramente fisiológica. Também é preciso saber, uma vez por todas: sem qualquer excitação especial contrária, própria ou estranha, o médium fraudará sempre, automaticamente.”⁶⁶

Sem dúvida que há grande exagero nesse raciocínio de Ochorowicz. Mas também há nele fundo de verdade.

b) A segunda causa das fraudes inconscientes reside na sugestão verbal ou mental dos assistentes.

Servimo-nos, mais uma vez, de Ochorowicz, nesta citação:

“Depois de ter reconhecido que o médium é simples espelho que reflete e dirige as idéias e as forças nervosas dos assistentes para um fim ideoplástico, não se admirarão de ver a sugestão desempenhar aí papel importante... Com controladores imbuídos da idéia de fraude... o médium ficará sob o domínio da sugestão de fraude.”

Mais ainda: *o médium será levado a realizar esta ou aquela fraude, em que pense um ou outro experimentador.*

Disto há exemplos típicos.

Donde se conclui que, durante as sessões, é conveniente desconfiar das sugestões mentais de fraude.

Será possível evitar as fraudes inconscientes?

⁶⁶ Ochorowicz referia-se, sobretudo, a Eusápia Paladino, cujas fraudes inconvenientes eram notadas com mais frequência.

Sem dúvida alguma. É possível e é fácil. Efetivamente, toda fraude inconsciente requer uma condição *sine qua non*: a *insuficiência do controle*.

Quando o controle é bom, especialmente quando as mãos do médium estão bem seguras, nem há fraude consciente, nem tentativa de fraude inconsciente.

Depende dos experimentadores, e só deles, o médium fraudar ou não.

Além disso, para dar origem a uma fraude inconsciente, basta, às vezes, que um dos controladores das mãos descure a sua tarefa, casualmente ou com idéia preconcebida.

Chega-se, pois, a esta verdade, axiomática para os que conhecem bem a questão:

Quando o médium fraudar, a culpa é dos experimentadores.

Claro que é rematada ingenuidade exigir proibidade científica a um médium geralmente estranho às preocupações da ciência e, além disso, privado de responsabilidade durante o transe.

Do que acabo de escrever ressalta um ensinamento preciso: os experimentadores devem ser muito prudentes nas suspeições ou acusações de *fraude voluntária* contra os médiuns.

Ora, a ligeireza com que se formulam acusações dessa espécie ultrapassa os limites permitidos.

Não quero citar exemplos conhecidos, porque devo abster-me de questões pessoais.

Em metapsíquica, a grande regra de justiça para muitos observadores é esta: o *“onus probandi”* não incumbe ao acusador, mas ao acusado.

Com a malevolência ou a inépcia, dá-se o mesmo caso: à menor suspeita, desonra-se, sem escrúpulo, um médium honesto.

Que dizer a isto? A suspeição substitui a prova: “O médium, em rigor, pôde fraudar. *Não está demonstrado que não fraudou. Portanto, fraudou!*”

Eis o habitual sofisma que se esconde sob os nove décimos das acusações feitas aos médiuns, não só pelos inimigos dos nossos estudos, mas também por observadores inexperientes e até por metapsiquistas. E estes últimos admiram-se, depois, de ser difícil encontrar médiuns!

Pois nós repetimos: *a fraude consciente é sempre fruto da negligência ou da incompetência dos experimentadores e a fraude inconsciente não é fraude.*

Por outro lado, os experimentadores devem saber expressamente que *a aparência de fraude não é, de modo algum, prova de fraude.*

Muitas vezes, o médium esboça movimentos reflexos ou associados, em sincronia com os deslocamentos de objetos sem contato.

Para os novatos, esses pequenos movimentos sincrônicos poderiam parecer duvidosos.

O mesmo vale para todos os deslocamentos do corpo ou das pernas do médium, deslocamentos incoerentes ou sem objetivo, com tanta importância como os movimentos inconscientes de um dorminhoco no sono natural.

Mencionemos, também, o aspecto bizarro da substância ectoplásmica, como susceptível de dar a ilusão de fraude. É assim que ela pode aparentar filamentos mais ou menos visíveis, dando ao observador desprevenido a impressão de fios destinados a mover fraudulentamente os objetos.

Veremos ainda que outras vezes reveste a forma de tecido leve de musselina, e a fotografia permite, em certos casos, distinguir-lhe a urdidura.

Algumas pessoas julgavam encontrar nesta aparência uma prova de fraude, desde que se tratasse de fenômeno metapsíquico autêntico.

De resto, em princípio, *um documento fotográfico não provaria, jamais, por si próprio, a realidade ou falsidade de um fenômeno*, visto que tal documento só valeria pelos testemunhos que o acompanhassem.

Citemos agora algumas particularidades que, sem razão, podem dar a aparência de fraude:

As imperfeições dos órgãos ectoplásmicos, freqüentemente chatos, irregulares, mal formados ou formados incompletamente.

Como explicarei, a propósito das materializações defeituosas, estas imperfeições não provam a fraude; pelo contrário, militam em favor da veracidade do médium.

Consideração paradoxal mais importante ainda: a perfeição dos órgãos materializados ou a sua imperfeição podem dar aos experimentadores inexperientes ou mal intencionados a mesma ilusão de fraude.

Esses observadores vêem um objeto ser removido por mão perfeitamente formada e viva: a sua primeira impressão é, naturalmente, que se trata da mão do médium.

Enfim, é uma circunstância de fato que os experimentadores devem conhecer bem, visto que podem coexistir na mesma sessão fenômenos autênticos e fenômenos inconscientemente fraudulentos.

A verificação dos segundos não prova, de maneira nenhuma, a inexistência dos primeiros.

Melhor, ou pior ainda, é ver uma sessão começar por movimentos de “fraude” automática e inconsciente do passivo e acabar por fenômenos de bom quilate.

Ochorowicz aconselhava que não se forçasse demasiadamente o controle no *princípio da sessão* (com a médium Eusápia, não se fazia caso dos primeiros fenômenos; entendia-se que esses primeiros fenômenos, de treino e seleção, não tinham importância).

A razão disso é fácil de compreender:

A primeira fase da mediunidade é constituída por automatismo ativo (psicológico e muscular).

Consideremos, por exemplo, um indivíduo com faculdades mediúnicas deficientes e não desenvolvidas, a treinar-se nas sessões, e ver-se-á que as primeiras manifestações que obtiver serão sempre e em todos os casos movimentos automáticos inconscientes. Assim, colocando a mão sobre a mesa das experiências, imprimir-lhe-á movimentos que ele afirmará, categoricamente e de boa fé, não produzir. E, contudo, pela contração dos músculos e elevação dos tendões, todos verão que é ele, sem dúvida, o autor incontestável dos movimentos.

Mas, se essa pessoa continuar os exercícios, a mediunidade desenvolver-se-á e a exteriorização torna-se possível. O automatismo muscular dará lugar à telecinesia.

Da mesma forma, em sessões com bons médiuns, essa regressão pode observar-se (muitas vezes) na primeira fase da mediunidade, sobretudo no início dos trabalhos. Nesse momento e desde que se suprima o automatismo inicial, o desenvolvimento natural dos fenômenos poderá ser impedido por controle absoluto que imobilize inteiramente as pernas e os braços.

Daí o erro tão frequente das pessoas não familiarizadas com os nossos estudos e até numerosos metapsiquistas, o qual consiste em acusar a boa fé do médium e suspeitar da realidade dos fenômenos baseados no efeito inibitório do controle, em muitos casos severíssimo. Ouvem-se, então, repetir estas frases tremendas:

Sem controle – belos fenômenos;

Controle incompleto – fenômenos intermitentes;

Controle absoluto – nenhum fenômeno.

Ora, isto é falso, radicalmente falso.

Todos os metapsiquistas têm obtido magníficos fenômenos, sob absoluto controle.

Mas, o que é verdade, o que é preciso saber, é que o controle não deve ser cego, idêntico em todos os casos e em todos os períodos. O controle deve ser inteligente, flexível, racional e adequado às circunstâncias.

Um controle rígido, que despreze as modalidades psicológicas e fisiológicas da mediunidade, é quase sempre esterilizante, não porque suprima a fraude, mas porque suprime o automatismo inicial.

Se alguns observadores não obtêm fenômenos sob controle absoluto, a razão não está no controle, mas na sua má aplicação.

Se, como dissemos acima, o primeiro termo da experimentação mediúcnica reside na necessidade de criar *ambiente coletivo favorável* ao desenvolvimento dos fenômenos, o segundo e o terceiro termo são relativos à *fraude*. Por um lado, impedir os truques de prestidigitação e, por outro, *atender, em justa medida, ao automatismo, principalmente inicial*. Se for preciso, deve expor-se esta maneira de ver. Eis a chave do bom êxito. Mas tudo isso requer muita destreza e grande prática no manejo dos médiuns.

A possível coexistência de bons ou maus fenômenos causa divertimento aos adversários ignorantes do assunto e não simplifica lá muito a tarefa dos metapsiquistas. Mas se tal coexistência pode ter grande importância prática, não lhe vemos qualquer valor teórico.

O fim que os observadores devem objetivar não é, certamente, colocarem-se ao abrigo de toda fraude possível e imaginável (este

desiderato é difícil de se conseguir), mas, repito, *obter fenômenos suficientemente fortes e complexos para que eles próprios, dentro das condições estabelecidas de controle, possam dar o seu testemunho indiscutível.*

Se os experimentadores perdem o tempo à procura de fenômenos elementares e medíocres, ser-lhes-á difícilimo obter controle que os satisfaça absolutamente.

Tendo o bom senso de não ligar importância aos fenômenos elementares e às pequenas fraudes automáticas que podem ser desculpadas; deixando desenvolver as manifestações, em vez de as paralisar desde o início com exigências intempestivas, decerto que obterão fatos importantes e variados e, por vezes, de grande beleza, susceptíveis de radicar definitivamente a sua convicção.

Terceira Parte ⁶⁷ **A Reencarnação**

Annecy, julho de 1912.

Meu caro amigo:

O inquérito que a vossa feliz iniciativa provocou acerca da idéia reencarnacionista seria de enorme interesse, se pudesse ser levado a bom termo, em virtude da indiferença, ignorância ou hostilidade preconcebida com que se depara freqüentemente.

Para isso, seria necessário que os sábios, pensadores ou filósofos, a quem pedistes a opinião, se dessem, por um lado, ao trabalho de dar resposta meditada e refletida, e, por outro, resumida, não deixando de ser completa. Infelizmente, tais condições são difíceis de preencher: alguns dos vossos colaboradores que não conhecem, conhecem mal ou fingem desconhecer a doutrina palingenésica, talvez não façam o esforço necessário para se documentar seriamente ou responder com imparcialidade.

Quanto aos partidários dessa doutrina, terão muita dificuldade de juntar os inúmeros argumentos que reforçam as suas idéias em todas as modalidades do conhecimento humano, sem os enfraque-

⁶⁷ O Dr. Innocinzo Calderone, diretor-fundador da revista *Filosofia della Scienza*, de Palermo, autor de *Livre-arbítrio*, *Determinismo* e *Reencarnação*, publicou em 1913, em Milão, o resultado de um vasto inquérito internacional acerca da Reencarnação. O presente trabalho constitui a resposta que o Dr. Geley enviou a Calderone. Documento notabilíssimo que revela um pensador excepcional, completa a trilogia que constitui a presente obra. (N.T.)

cer demasiado nos limites necessariamente estreitos de um inquérito. Por mim, confesso que me sinto particularmente embaraçado.

Já tenho exposto a minha opinião em muitas publicações, entre elas, numerosas obras de tomo. Não quero, evidentemente, esquivar-me agora ao vosso amável convite; mas desde já peço desculpa de não poder deixar de me repetir e de pouco me ser possível juntar aos argumentos conhecidos.

Examinando as diversas questões que me propondes, esforçar-me-ei por nenhuma delas esquecer, embora as não estude segundo a ordem estabelecida. Deixai-me, pois, expor o pensamento à minha vontade.

Mau caro amigo: sabeis que sou reencarnacionista e a isso fui levado por três razões fundamentais:

- 1^a) porque, sob o aspecto moral, a doutrina palingenésica me satisfaz plenamente;
- 2^a) porque, sob o aspecto filosófico, é absolutamente racional;
- 3^a) porque, sob o aspecto científico, é verossímil e, mais ainda, provavelmente verdadeira.

É, pois, no triplo aspecto, moral, filosófico e científico, que a devo analisar e comentar.

A moral palingenésica

A moral palingenésica é demasiadamente conhecida, para que necessite aqui de exposição pormenorizada.

Baseia-se na célebre fórmula da *justiça imanente*, que é o resultado do movimento normal e regular da vida terrestre.

Se, no decurso da sua evolução, na série das suas vidas sucessivas, o ser é o produto de suas próprias ações e reações, segue-se que a sua inteligência, o seu caráter, as suas faculdades, os seus

bons ou maus instintos são obra sua e cujas conseqüências terá de sofrer, infalivelmente.

Todos os seus atos, trabalhos, esforços, angústias, alegrias e sofrimentos, erros e culpas têm repercussão fatal e reação inevitável, numa ou noutra de suas existências.

Assim, não há qualquer necessidade de julgamento divino, nem de sanções sobrenaturais.

Como se disse com muita propriedade, somos recompensados ou punidos, não pelo que fizemos, mas simplesmente pelo que tenhamos feito.

A sanção natural da palingenesia não é somente individual, mas também coletiva. Estende-se aos povos, às raças, às famílias, etc., porque íntima solidariedade liga, necessariamente, grupos de seres unidos, numa ou em muitas existências. Em geral, a justiça imanente começa a manifestar-se no próprio lapso de uma existência terrestre, tomada isoladamente; mas, nesse caso, é muito raro que ela seja verdadeiramente equitativa; encarada de forma tão restrita, parece quase sempre falível e verdadeiramente desproporcionada.

Pelo contrário, numa série suficientemente grande de encarnações, torna-se perfeita, matematicamente perfeita, visto que as contingências felizes ou infelizes são compensadas e apenas resta, como resultado indubitável, o produto do nosso comportamento.

Como se vê, a moral palingenésica assenta em uma base admirável de clareza e simplicidade.

As suas conseqüências práticas são fáceis de conceber. Antes de tudo, ela impõe o trabalho e o esforço; não o esforço isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo o que favorece ou retarda a evolução de outrem e a evolução geral favorece ou retarda a evolução de qualquer membro da coletividade.

Os sentimentos baixos e inferiores, como o ódio, o espírito de vingança, o egoísmo e a inveja, são incompatíveis com esta noção de evolução solidária e de justiça imanente. O reencarnacionista elevado evitará muito naturalmente prejudicar quem quer que seja, auxiliando a todos na medida de suas posses.

Confiante na sanção natural, perdoará facilmente as maldades que lhe tenham feito. Além disso, nos imbecis, nos maus ou nos criminosos, deve ver apenas seres inferiores, a não ser que sejam doentes.

Resignar-se-á perante as desigualdades naturais e passageiras, que são a resultante da lei do esforço individual na evolução; mas fará o possível para suprimir desigualdades desproporcionadas, divisões fictícias e preconceitos maléficos.

Estenderá, finalmente, aos animais, a sua bondade e a sua piedade, evitando-lhes, sempre que possa, o sofrimento e a morte.

Têm-se feito algumas objeções à moral palingenésica. Essas objeções, que estão fora do aspecto filosófico e científico, que examinaremos mais adiante, são as seguintes:

a) Diz-se que o esquecimento das vidas anteriores suprimiria as pretensas sanções.

Isso era impossível, pois o esquecimento de um fato não suprime as conseqüências desse fato.

Além disso, o esquecimento não é completo, nem definitivo; pelo contrário, é relativo e momentâneo.

Nos seres suficientemente evoluídos, o esquecimento desapareceu, provavelmente, durante as fases da desencarnação. Têm, então, consciência mais ou menos nítida do passado, noção do caminho percorrido e previsão das conseqüências futuras, quer boas, quer más, das suas ações. Podem assim preparar, segundo o

grau de aperfeiçoamento, a sua próxima reencarnação, nas condições mais favoráveis.

Demais, o esquecimento não é definitivo, mas é indispensável ao ser, como a própria morte, para o obrigar a trabalho constante, a numerosas experiências, a contínuo aperfeiçoamento, nas mais diversas condições. É também necessário ao ser, para evitar o sofrimento que lhe causaria a memória do passado, como, por exemplo, a saudade de uma existência feliz ou o remorso de uma vida atormentada ou criminosa.

Concebe-se, pois, que, numa fase superior de evolução, o esquecimento já não exista, por inútil e prejudicial. O passado, desde então inteiramente conservado na consciência superior, tornar-se-á, pouco a pouco, acessível, em toda a integridade. O consciente e o subconsciente deixarão de ser isolados e distintos: tudo o que este último contém (memória do passado ou faculdades transcendentais) será, diretamente, regularmente e normalmente, acessível ao indivíduo.

b) Outra objeção feita à teoria palingenésica baseia-se na existência da dor em seres que são muito pouco evoluídos, para que possa ser considerada uma sanção.

Dir-se-á: Que crime poderia ter cometido, numa existência anterior, o cavalo chicoteado por um bruto alcoólico ou o cão torturado pela vivissecção? ⁶⁸

Nesse raciocínio, há um erro fundamental: o mal não é necessariamente a sanção do passado; pelo contrário, no atual estado evolutivo, é a consequência do nível inferior geral desse mesmo estado. Para os reencarnacionistas, seria enorme falta de lógica ver, sistematicamente, no sofrimento de qualquer ser, a consequência

⁶⁸ *Vivissecção* – Operação feita em animais vivos para estudo de fenômenos fisiológicos (*Dic. Aurélio Eletrônico Século XXI*).

de atos anteriores. O que se pode afirmar é que a sanção verdadeira, a da justiça imanente, é sempre rigorosamente proporcional ao grau de livre-arbítrio, isto é, ao nível de elevação intelectual e moral do ser.

Tal sanção apenas se exerce nos seres suficientemente avançados, e tanto mais quanto mais elevados forem, visto que o seu procedimento refletido irá acompanhando, cada vez melhor, o seu progresso, a sua condição de vida.

Agora, passo a examinar a *filosofia palingenésica*.

A filosofia palingenésica

Menos familiar e mais abstrata que a moral, a filosofia palingenésica é ignorada mais freqüentemente, embora não seja menos satisfatória.

Podemos sintetizá-la numa frase, dizendo que *suprime todas as dificuldades que o materialismo opõe ao idealismo, todas as objeções feitas, em nome da lógica, à noção da sobrevivência*.

A primeira grande objeção, feita desde sempre às esperanças do idealismo clássico, baseia-se na *verificação do mal*.

Conta-se que os japoneses respondiam assim aos missionários cristãos, tentando convencê-los:

“Como poderíamos nós acreditar no que nos dizeis acerca dos atributos da divindade? De duas uma: ou Deus não quis impedir o mal, ou não o pôde impedir. Se não quis, é porque não é soberanamente bom; se não pôde, é porque não é onipotente.

Esse raciocínio simplista é, na realidade, irrefutável, apesar de todas as sutilezas do espírito teológico.

O problema do mal tem sido sempre fonte de embaraços intrincáveis para as doutrinas deístas e providenciais. Em vão elas se têm esforçado para o resolver, desde a concepção ortodoxa e infantil do pecado original, até à concepção herética e audaciosa do criador maléfico dos maniqueus. O desastre foi completo.

Para a filosofia palingenésica, o problema do mal é extremamente simples. Ela já não coloca na base da evolução a soberana justiça e a soberana bondade, incompatíveis com a verificação do mal universal; já lá não coloca mais a soberana inteligência que, na morosidade infinita, não reconheceria as tentativas e os erros evidentes, acumulados para chegar a resultados ainda medíocres e imperfeitos. Não faz, portanto, da soberana inteligência, da soberana justiça e da soberana bondade uma síntese divina extrínseca e criadora. Ela apenas concebe esta síntese divina como conquista progressiva, coroamento esplêndido de lenta e dolorosa evolução.

Assim, a idéia divina, em potência em todas as manifestações físicas e psíquicas da vida universal, tenderia a realizar-se no decurso da evolução, primeiro de forma latente, em seguida esboçada e obtusa, e depois cada vez mais evidente e ativa.

O mal não tem, pos, origem na vontade, na impotência ou na imprevidência de um criador responsável.

O mal é simplesmente a medida da inferioridade dos seres e dos mundos ou a sanção do passado.

Em ambos os casos, é obrigado a diminuir na medida do progresso evolutivo e proporcionalmente a esse progresso. De uma forma ou de outra, é útil, por ser o principal fator do nosso adiantamento. O mal é aguilhão que não deixa imobilizarmo-nos no presente estado e que nos conduz ou nos restitui ao bom caminho, em virtude das suas reações dolorosas.

Mas é preciso não esquecer que o mal assim compreendido tem apenas caráter relativo, transitório e sempre reparável.

Se essas concepções são verdadeiras, já não há mal real, no sentido absoluto que damos a esta palavra; já não há injustiça no universo, mas um ideal superior de bondade, de justiça, de solidariedade e de amor, em toda parte realizado ou em via de realização; ideal que dá a todos os indivíduos a certeza da felicidade futura no desenvolvimento indefinido da consciência eterna.

Em face da doutrina palingenésica, as outras objeções filosóficas feitas ao espiritualismo dogmático não têm mais valor do que a objeção do mal.

Delas próprias se deduz:

1º) A objeção baseada na concepção extraordinária e absurda de uma alma imortal com princípio, saída do nada e destinada, após curta existência, a recompensas ou penas eternas.

Para a palingenesia, não há penas eternas, mas sanções fatais e passageiras asseguradas pelas leis inexoráveis da evolução.

Para a palingenesia, enfim, a felicidade suprema não será privilégio dos “eleitos”, mas apanágio de todos. Não será efeito de graças sobre naturais ou vãs práticas de qualquer rito: consequência inelutável da diminuição progressiva do mal, coincidindo com o aumento indefinido do campo da consciência, deverá conquistar-se pouco a pouco, em luta cada vez menos difícil.

2º) A objeção baseada na idéia, não menos extraordinária e absurda, de alma imaterial.

Para a palingenesia, a inteligência, a força e a matéria não podem ser concebidas isoladamente, pois são apenas modalidades da substância universal no caminho da evolução.

3º) A objeção baseada na concepção grosseira do geocentrismo e do antropocentrismo, tão explorada pelas correntes materialistas.

Neste ponto, a palingenesia está de acordo com a astronomia, que nos mostra a Terra como astro medíocre sem importância especial e é levada a admitir a pluralidade inumerável dos mundos habitados.

A palingenesia está também de acordo com a anatomia e a fisiologia comparadas, que provam que nada distingue essencialmente o homem dos animais e que a idéia de uma alma reservada ao homem é cientificamente insustentável.

Evidentemente, a “imortalidade” não poderia ter começado em uma fase particular da evolução: a da aparição do gênero humano. O *processus* de encarnação e desencarnação não é privilégio do homem; é a consequência de *uma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que é.*

Eis porque a oposição feita à doutrina palingenésica, por certos representantes da filosofia monista, é irracional e insustentável.

Sem querer desenvolver aqui concepções de alta metafísica, ainda, evidentemente, prematuras, não posso deixar de assinalar a concordância possível e fácil da palingenesia com o monismo naturalista, que ela, felizmente, completa.

A alma, isto é, o que há de *essencial* no ser, seria mônada individualizada do princípio único. Parcela divina em via de conquistar a divindade, ou seja, a consciência perfeita de si própria e do todo, elevar-se-ia através dos reinos inferiores para adquirir, pouco a pouco, o máximo desenvolvimento, nos estudos humanos e super-humanos que ignoramos ainda.

O universo manifestado seria apenas composto de mônadas eternas e de agrupamentos efêmeros dos mundos eternos. Os processos de encarnação e desencarnação corresponderiam à constituição ou à ruptura dos agrupamentos efêmeros.

Nestes e por estes agrupamentos sucessivos é que a evolução se tornaria solidária, donde resultaria a passagem de energias potenciais a energias realizadas e a aquisição e o desenvolvimento da consciência, que resume e condensa todas as potencialidades.

Vê-se, pois, que a doutrina palingenésica suprime todas as dificuldades opostas ao idealismo, quer em nome da moral, quer em nome da filosofia.

Chegamos agora ao *ponto de vista científico*, que é o mais importante.

Por belas e satisfatórias que sejam as concepções palingenésicas, não poderiam dispensar o apoio das provas científicas, porque assim convém à consciência moderna.

A principal atração da idéia reencarnacionista reside na circunstância de ela não ser considerada, ou pelo menos não dever ser hoje considerada, como produto de revelação ou ensinamento *a priori*, mas como resultante de probabilidade científica que, cedo ou tarde – disso estou convencido – se tornará magnífica certeza. Antes de tudo, e como tenho feito com relação às presunções morais e filosóficas, resumirei nos termos a seguir as provas científicas.

A palingenesia é provavelmente verdadeira pelos seguintes motivos:

- 1º) porque está de acordo com todos os conhecimentos científicos atuais, sem os contradizer em coisa alguma;
- 2º) porque nos dá a chave de inúmeros enigmas de ordem psicológica;
- 3º) porque se apóia em demonstrações positivas.

Estudemos agora, sucessivamente, as três afirmações.

1ª – A filosofia palingenésica está de acordo com todos os conhecimentos científicos atuais.

Não insistirei neste ponto. Já mostrei a concordância desta filosofia com a astronomia, a história natural, a geologia, a paleontologia, a anatomia e fisiologia comparadas, etc. No conjunto dos nossos conhecimentos, em vão se buscaria um argumento sério para lhe opor.

Mas o que há de mais surpreendente nesta comprovação é o acordo da palingenesia com o evolucionismo, acordo tão perfeito que muitas dificuldades inerentes ao transformismo serão prestes resolvidas, de modo verossímil, pelo conhecimento da teoria reencarnacionista.

Os naturalistas já se vêem forçados a admitir fatores desconhecidos mais poderosos na evolução. Esses fatores ser-nos-ão revelados pelo estudo da evolução anímica e orgânica, pelo conhecimento da verdadeira natureza do ser, bem como dos seus princípios constitutivos ainda ocultos.

2ª) – A filosofia palingenésica dá-nos a chave de inúmeros enigmas de ordem psicológica.

Eis os enigmas mais notáveis:

- as principais faculdades e capacidades inatas;
- o talento e o gênio;
- as desigualdades psíquicas consideráveis de seres vizinhos pelas condições de nascimento e de vida, especialmente entre compatriotas e parentes, criados em condições idênticas;
- as diferenças enormes, paradoxais, entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica, etc.

Que explicações tentou dar a psicofisiologia clássica a esses enigmas? Explicações derrisórias reduzidas a *meias-hipóteses sem indícios de demonstração*, visto ter invocado variações imperceptí-

veis e inapreciáveis do tecido cerebral, bem como causas inapercebidas, influências diversas, patológicas ou quaisquer outras durante a vida intra-uterina, condições ignoradas da geração ou da hereditariedade, formações genealógicas complicadas, etc. Enfim, nada de preciso, nada de positivo. Falência completa da biologia clássica.

Com a teoria palingenésica, a obscuridade desaparece instantaneamente.

Os enigmas citados têm a sua explicação na pluralidade das existências.

As idéias e faculdades inatas são aquisições do passado, acessíveis ao ser, melhor ou pior e, mais cedo ou mais tarde, conforme o estado das condições orgânicas.

É possível que exista a hereditariedade psíquica; mas, se assim for, deve ser conseqüência muito atenuada da hereditariedade física. Na realidade, o caráter e as faculdades que o indivíduo traz ao nascer constituem o somatório da sua própria evolução. Desde então, compreende-se o motivo pelo qual as faculdades e as idéias inatas podem às vezes manifestar-se muito cedo, mesmo antes do completo desenvolvimento do órgão cerebral.

Assim se explicam imediatamente as *crianças-prodígio*.

Eu sei que têm objetado, afirmando que as crianças-prodígio não passam de precocidades, pois raras vezes dão, em adultos, o que prometiam em crianças. É perfeitamente exato, mas não prova coisa alguma. As crianças-prodígio são, necessariamente, crianças geniais; mas a noção de aquisições anteriores, manifestando-se plenamente – repito-o – antes do desenvolvimento completo do cérebro, é a explicação mais simples, ou talvez única, da sua precocidade. De resto, se a precocidade nem sempre é a marca do gênio, é, por vezes, a sua indicação. Mozart e Pascal, para citar apenas os exemplos mais conhecidos, foram crianças-prodígio, antes de se tornarem homens de gênio.

“Havia um homem – escreve Chateaubriand, no *Gênio do Cristianismo* – que aos dois anos, com *linhas e círculos*, tinha criado as matemáticas; que aos dezesseis tinha feito o mais sábio tratado das seções cônicas que existia desde a antiguidade; que aos dezenove reduzia a máquina uma ciência; que aos vinte e três demonstrou os fenômenos do peso do ar e destruiu um dos grandes erros da física antiga; que na idade em que os outros homens começam a desabrochar, já ele tinha percorrido o ciclo dos conhecimentos humanos, reconhecendo a sua insignificância e voltando-se então para a religião; que desde esse momento até à morte, tinha ele trinta e nove anos de idade, sempre doente e a sofrer, aprendeu a linguagem de Bossuet e Racine, forneceu o modelo da mais perfeita galantaria e do mais forte raciocínio; e, finalmente, nos curtos intervalos dos seus males, resolveu por abstração um dos mais altos problemas de geometria e escreveu pensamentos que têm tanto de Deus como do homem. Esse gênio surpreendente chamava-se Pascal.”

Os psicólogos oficiais, por mais que impinjam as suas pequenas hipóteses fisiológicas, invocando as “causas despercebidas” e as “influências obscuras”, não conseguirão explicar aquele gênio espantoso, nem o gênio em geral.

Por mais que apelem para as causas mórbidas, só lhes restará o opróbrio de haverem introduzido ou tolerado, na ciência contemporânea, a hipótese mais inútil, tola e monstruosa que se pode imaginar. Por mais que procurem condições hereditárias, na maioria dos casos desproporcionadas, condições que não podem encontrar-se por estarem realmente ausentes, só conseguirão ser induzidos em erro.

Em nome do bom senso, em nome da evidência, responder-lhe-emos:

– “A existência e a importância das vossas pretensas “influências obscuras” são tão mal demonstradas, que nem sequer as podeis definir exatamente. A hipótese da morbidez nada mais fará do que amarrar-vos à contradição insustentável de encarar a pujança física como função da saúde e a pujança intelectual como função da doença.

“Quanto à hereditariedade, é tanto mais apagada e secundária em psicologia, quanto mais importante e predominante for em fisiologia. O gênio e as altas faculdades intelectuais não provêm dos ascendentes, visto que se não transmitem aos descendentes.

“São fatos e fatos de observação diária. É em vão que vos insurgis contra eles. E se vos afastardes preconcebidamente da hipótese palingenésica, só a podereis substituir por um grande ponto de interrogação.”

3ª) Resta-me discutir o terceiro argumento de caráter científico: o das *demonstrações positivas*.

A doutrina palingenésica não vai buscar essas demonstrações à psicologia, a exemplo das presunções antecedentes, mas à psicologia resultante das descobertas e investigações mais modernas, à *psicologia integral*, que abrange, ao mesmo tempo, a psicologia normal, anormal e supranormal.

A psicologia integral prova duas coisas:

- a) a possibilidade teórica das reencarnações;
- b) a sua probabilidade.

A *possibilidade teórica das reencarnações* ressalta com evidência dos trabalhos modernos *acerca da subconsciência e da criptomnesia*.

Há muito que se conhecia a importância do subconsciente nas manifestações intelectuais mais elevadas. Conhecia-se também a existência da *criptomnesia* e sabia-se que numerosas recordações,

aparentemente olvidadas, não estavam perdidas e podiam reaparecer bruscamente, sob influências diversas, tais como a emoção, o perigo, a doença, etc.

Mas as últimas descobertas psíquicas provam que a importância do subconsciente e da *criptomnesia* era infinitamente maior do que se julgava. As investigações relativas ao mecanismo do gênio e o estudo dos casos de personalidades múltiplas no mesmo indivíduo puseram em relevo a espantosa complexidade do inconsciente.

Depois, o estudo do hipnotismo e do sonambulismo e, principalmente, nos fenômenos mediúnicos, estabeleceu a sua função predominante na psicologia anormal e supranormal.

Hoje está demonstrado que uma parte essencial do ser pensante, a qual se apresentava cada vez mais vasta e complicada, escapa grandemente, na vida normal, à consciência e à vontade, e permanece latente e oculta.

Desde então, cai por si própria a principal objeção que se opunha, antigamente, à palingenesia: *a objeção do esquecimento*. Que a *criptomnesia* se estenda para lá da existência atual, é hoje coisa fácil de compreender, pois não há nada mais lógico e racional do que este subconsciente, tão misterioso e tão profundo, conter em si a recordação e as aquisições das vidas passadas.

Assim, ser-nos-á fácil estabelecer que a palingenesia não só é possível, como também provável.

Digo provável, não digo certa. Até agora, não se demonstrou, diretamente e suficientemente, a realidade das existências anteriores.

As experiências do coronel De Rochas acerca da regressão da memória apenas encorajam os estudiosos a prosseguir as investigações nesse sentido, visto não se ter chegado ainda a conclusões definitivas, em virtude de se não ter podido eliminar a parte da

sugestão mental do operador, relativamente ao passivo, nem a auto-sugestão deste último.

Nas experiências de De Rochas há pelo menos uma demonstração precisa a deduzir: é a unanimidade dos passivos, quanto à afirmação da palingenesia. Todos eles, seja qual for a sua origem, a sua educação, o seu nível intelectual ou os seus princípios religiosos, declaram *espontaneamente* que tiveram outras vidas. Em torno desses dados, engendram muitas vezes romances vários, quase sempre de impossível verificação; mas a unanimidade e a espontaneidade das suas afirmações relativas à pluralidade das suas existências não é coisa de somenos importância. Quanto mais não seja, prova a realidade de um instinto profundo, de uma intuição que repousa, sem dúvida, em base séria.

Além das experiências de regressão da memória, têm-se publicado recentemente algumas observações tendentes a provar a reencarnação. Os leitores das revistas metapsíquicas conhecem-nas bem e algumas são verdadeiramente impressionantes, embora, pelo seu escasso número, não consigam convencer.

Ainda maior reserva devemos ter relativamente aos fatos do “já visto”, às impressões pessoais, às vagas reminiscências que muitos sensitivos pretendem haver conservado de existências anteriores.

É certo que essas reminiscências têm a sua importância para aqueles que as experimentam; mas o seu valor objetivo e demonstrativo é, evidentemente, nulo.

À falta de demonstração direta, que será obra do futuro, a palingenesia baseia o seu caráter de *probabilidade* em provas indiretas, solidamente estabelecidas, as quais se podem resumir assim:

O estudo da psicologia integral e especialmente do metapsiquismo demonstra a presença, no ser, de princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior, ao mesmo tempo subconscientes e

exteriorizáveis. *Esses princípios apresentam-se nitidamente como independentes do funcionamento orgânico* e constituem uma síntese complexa, cujos elementos constitutivos só em mínima percentagem provêm das aquisições da personalidade consciente e da existência atual.

Esses elementos devem ter origem em dupla evolução, isto é, numa evolução terrestre, em sucessivas existências, inerentes à evolução orgânica, a fim de desenvolverem as faculdades chamadas normais, e numa evolução extraterrestre para as fases de desencarnação, desenvolvendo as faculdades supranormais, como leitura de pensamento, clarividência, etc. Estas últimas faculdades ficam quase sempre em estado latente nas fases de encarnação. É a chamada hipótese da *consciência subliminal* ou do *ser subconsciente*.

É-me impossível recordar aqui, mesmo sucintamente, as bases lógicas dessa teoria, ou fazer de novo a sua demonstração. Por isso, aconselharei o leitor a ler os trabalhos originais e lembrarei que essa concepção é lógica, que decorre naturalmente dos fatos sem os contradizer, que apresenta a seu favor muitas provas fortíssimas e impressionantes, que explica todos os fenômenos obscuros da psicologia integral, enfim, que nunca foi refutada.

O professor Morselli, apesar de hostil à teoria, não teve receio de declarar:⁶⁹

“Esta hipótese (do ser subconsciente) está apresentada com grande habilidade dialética; é, nesse sentido, a mais séria tentativa que eu conheço.”

Estamos, pois, autorizados a perguntar por que o ilustre psicólogo não tentou refutar, ponto por ponto, esta tentativa “tão séria” de explicação.

⁶⁹ *Annales des Sciences Psychiques*, de maio de 1907.

Limitar-se a indicar, *a priori*, a origem orgânica das forças inconscientes e exteriorizáveis, quando os fatos, o raciocínio lógico e as induções racionais protestam contra essa afirmação gratuita, não é refutação.

Em suma, a ciência oficial, pelo órgão dos seus representantes e em face dos fenômenos obscuros da psicologia anormal, comporta-se ainda como se se tratasse dos fenômenos obscuros da psicologia normal. Apóia-se em meias-hipóteses, em meias suposições vagas, imprecisas e indemonstradas.

Morselli fala-nos de “forças ignoradas, de faculdades indeterminadas do organismo humano, de faculdades indefiníveis e incompreensíveis, etc”.⁷⁰

Essas nebulosas teorias, bem como outras puramente verbais, não poderiam opor-se, sem prévia e formal refutação, à teoria nítida, precisa, documentada e completa da consciência subliminal ou do ser subconsciente.

Poderemos, pois, concluir, logicamente:

Existe uma hipótese que, de harmonia com todos os dados da ciência contemporânea e com a única condição de ser aceita integralmente, *explica todos os fenômenos obscuros da psicologia normal, anormal, supranormal e até da psicologia patológica.*

Além disso, essa hipótese suprime todas as dificuldades de ordem moral e até de ordem metafísica que se erguem perante a consciência e a inteligência, desde a origem da humanidade.

Portanto, é seguramente fecunda e provavelmente verdadeira, pelo menos nas suas linhas gerais, segundo o critério de Russel Wallace:

⁷⁰ Ibidem.

“Não há prova mais convincente da verdade de uma teoria geral do que a possibilidade de nela incluir fatos novos e de poder, por seu intermédio, interpretar fenômenos tidos anteriormente como anomalias inexplicáveis.”

É compreensível, natural e humano, que os psicólogos oficiais não admitam, entusiasticamente, a teoria palingenésica, tão revolucionária, apesar da sua luminosa simplicidade, e que se mantenham em expectativa; mas o que não se pode admitir de forma alguma é que eles a desprezem sistematicamente e se recusem a discuti-la, mesmo como hipótese de estudo, não obstante os trabalhos conscienciosos feitos a tal respeito e o montante de provas estabelecidas. Dentro de pouco tempo, terão de mudar de atitude, visto que, segundo uma frase célebre, *a verdade está em marcha e nada poderá detê-la*.

*

Resta-me tratar de uma última questão. Perguntais aos vossos colaboradores a sua opinião acerca da importância social da doutrina palingenésica, das suas relações com o espírito religioso e da sua provável influência na evolução futura da humanidade.

Antes de responder, parece-me indispensável uma pequena exposição histórica. Para compreender bem o que lhe reserva o futuro, é necessário conhecer o seu papel no passado.

A história dessa doutrina resume-se assim nas suas linhas gerais: dos documentos que possuímos, infere-se que a idéia reencarnacionista foi geral nos primórdios da evolução humana e é a doutrina natural na infância das humanidades. Mas dentro em pouco a idéia se obscurece, se perde, e poucos indivíduos a conservam. Só mais tarde reaparece e predomina nas humanidades altamente evoluídas. Mais uma vez se verifica a teoria dos “extremos”.

Esse ciclo evolutivo é muito fácil de compreender:

A admissão da idéia reencarnacionista, mais ou menos exata ou mais ou menos deformada por superstições diversas, na infância da humanidade (e até nos povos selvagens da nossa época) é a consequência de um instinto que responde à realidade, de reminiscências ainda alheias a concepções teológicas ou filosóficas.

*Eu sinto vagamente que hei vivido sempre
e transmigrei também em formas incontáveis...*

dizia o poeta Jean Lahor.

O que um poeta altamente evoluído é susceptível de pensar por intuição, pensam-no os homens primitivos por instinto.

A sua ingenuidade psicológica permite-lhes sentir facilmente que viveram sempre e que transmigraram em formas inumeráveis.

Mas a idéia reencarnacionista é ao mesmo tempo demasiado simples na sua moral e demasiado complexa na sua filosofia, para que as humanidades em via de desenvolvimento mental a possam apreciar convenientemente.

Com efeito, a sua filosofia integral é, durante muito tempo, inaccessível ao público e a perspectiva mal encarada de uma evolução infinita, de esforços ilimitados, não satisfaz o homem medíocre ou de mediana cultura.

Por outro lado, a sua moral oferece-lhe apoio débil, porque a simples noção de justiça imanente não lhe poderia dominar suficientemente as paixões desordenadas e fortes.

O misticismo e as teorias sobrenaturais têm, então, maior domínio; e a concepção de um além misterioso com sanções de felicidade perfeita ou de sofrimentos sem fim influenciam muitíssimo, sobretudo quando se trata de verdade indiscutível e indiscutida, isto é, de verdade dogmática.

Por essas duas razões – uma filosófica e outra moral – os fundadores de religiões, os instrutores da humanidade e os profetas desviam-se rapidamente da idéia palingenésica, por reflexão consciente ou intuição subconsciente. Quando a não proscovem, evitam ensiná-la à multidão e *substituem-na* pela concepção grosseira e mais surpreendente da criação, *ex-nihilo*, de um deus ou de deuses onipotentes, do julgamento definitivo, do paraíso e do inferno.

Todavia, é preciso dizer que esses instrumentos foram úteis no seu tempo. A idéia reencarnacionista – repito – exige grande desenvolvimento da consciência e da inteligência *para ser bem compreendida e adquirir todo o valor prático*.

Note-se que isto não é qualquer fantasia do espírito, mas um fato de experiência. O seguinte exemplo, muito simples, tornará mais acessível esse raciocínio.

Um reencarnacionista elevado já não admite as divisões fictícias da humanidade e só vê nelas manifestações de civilização rudimentar destinadas a desaparecer. Para ele, o mal é, como já disse, o resultado da inferioridade evolutiva geral dos seres e dos mundos. Assim, em toda a parte que lhe seja possível, esforçar-se-á por suprimir ou atenuar o mal.

O reencarnacionista primitivo, pelo contrário, tirará da sua doutrina conclusão diferente, isto é, julgará que, se tal homem ou grupo de homens sofrem, em virtude de condições políticas e sociais defeituosas ou de qualquer outra provação, será devido unicamente a faltas cometidas em existências anteriores e não procurará extinguir essa situação dolorosa, considerada por ele como castigo merecido, inevitável a útil.

Compreende-se agora o fato dos reencarnacionistas hindus manterem rudemente o regime vergonhoso das castas, permanecendo tanto tempo na ignorância e na miséria.

Além disso, o exemplo da Índia é característico para mostrar a inferioridade relativa da idéia palingenésica nos indivíduos de nível inferior ou médio, pois vivem ali trezentos milhões de seres da mesma raça, submetidos às mesmas condições de vida, mas professando religiões diferentes. Ora, segundo os relatórios unânimes dos governadores ingleses, não há dúvida (para só falar das religiões predominantes) de que os hindus muçulmanos são muito mais numerosos do que os hindus bramânicos. Pois, a moral destes últimos é desfigurada caricatura da verdadeira moral encarnacionista e a sua filosofia é obscurecida e velada pelas mais supersticiosas e tolas práticas que se pode imaginar.

O exemplo é típico e concludente.

As religiões reveladas têm, portanto, desempenhado um papel indispensável na evolução, porque as suas concepções ingênuas e simplistas eram necessárias, na longa fase pré-científica dessa evolução.

Também não devemos admirar-nos do obscurecimento progressivo da idéia palingenésica, durante as primeiras fases da civilização humana.

Admitida ainda, como doutrina secreta, pelas religiões principais da antiguidade pagã, parece extinguir-se definitivamente com o advento do Cristianismo e do Islamismo e permanecer como satisfação moral e espiritual de reduzido número de pessoas. Os pensadores isolados que, apesar de tudo, a quiseram impor no Ocidente, foram incompreendidos ou martirizados, como Giordano Bruno.

Desde então, a idéia palingenésica só era transmitida aos iniciados, mais ou menos deformada e adulterada por ensinamentos espúrios ou símbolos misteriosos, como doutrina predominante das sociedades secretas.

Mas a evolução seguiu o seu curso; as primeiras generalizações da filosofia científica, bem como os progressos da consciência humana, chegaram aos nossos tempos, abalaram os dogmas e mostraram a sua inanidade.

O materialismo parecia triunfar, quando a idéia palingenésica reapareceu à luz do dia, imediatamente adotada por um escol de filósofos e de sábios. Durante o século dezenove, antes de qualquer tentativa de demonstração positiva, numerosos pensadores eram reencarnacionistas. Muitos, por razões pessoais, temiam confessar publicamente a sua crença; mas outros tiveram mais coragem. Entre os filósofos, contavam-se Fourier, Pierre Leroux, Esquiros, Godin, Pezzani, Charles Bonnet, Jean Reynaud e Schopenhauer; entre os escritores, Henri Martin, Michelet, Georges Sand, Lamartine, Théophile Gautier, Balzac, Gérard de Nerval, Victor Hugo e Sardou. Muitos outros, cuja lembrança me escapa neste momento, acreditavam firmemente na reencarnação e não ocultavam a sua maneira de pensar.

Após o início das investigações metapsíquicas, o número de partidários dessa doutrina cresceu continuamente (dispensamo-nos de citar nomes, que toda a gente conhece). Podemos dizer, com efeito, que estamos na aurora da terceira fase evolutiva, ou seja, a fase da filosofia científica.

Com seu cortejo de conseqüências metapsíquicas, morais e sociais, a palingenesia repousará, no futuro, em bases sólidas, para sempre inabaláveis.

Mas o que é necessário proclamar bem alto, sob pena de recuo cheio de nefastas conseqüências para a humanidade, é que ela deve eximir-se inteiramente à tirania de pretensos ensinamentos baseados em pretensas revelações ou iniciações.

Quanto mais se apoiar no método positivo, mais cedo triunfará do materialismo e do dogmatismo, visto que só aquele método é

capaz de realizar a união indispensável, harmoniosa e fecunda entre a intuição, de um lado, e a experimentação e a razão, do outro.

Portanto, na investigação da verdade, não se devem separar os fatores essenciais do progresso moral e material.

A observação, a experimentação e as deduções racionais são, em regra, de pouco valor, quando carecem de orientação intuitiva ou de idéias que lhes são correlativas. A maior parte das grandes descobertas estiveram no pensamento dos homens de gênio, antes de ser realizadas. As grandes hipóteses têm precedido sempre as demonstrações e as verificações.

Isto é verdade; mas, por outro lado, a intuição, por si só, nada pode fazer. Quando ela dispensa o auxílio da razão e da experiência, está fatalmente condenada à inutilidade, sem influência nem alcance, ou então a soçobrar nas contradições.

Os abusos da intuição são mais graves e difíceis de reparar que os abusos da razão. São responsáveis pela diversidade e inanidade das doutrinas ocultistas, em virtude do enfraquecimento dos sistemas filosóficos edificados *a priori*.

O método intuitivo e sistematicamente isolado conduz pura e simplesmente ao misticismo, ou, antes, não se distingue dele, apesar dos seus *ruidosos* e brilhantes paradoxos.

Ora, certas escolas reencarnacionistas – é preciso dizê-lo – encontram-se ainda lamentavelmente impregnadas desse misticismo, imbuídas das velhas tradições dos livros de magia ou do espírito atávico do método teológico.

Conservam ainda a sua doutrina secreta, os seus dogmas, os seus pontífices, os seus magos e os seus iniciados! Até no Além mantêm os seus “senhores do karma”, semideuses e anjos mais ou menos laicos!

Uma dessas escolas, pela boca da sua grande profetisa, acaba de anunciar solenemente ao mundo a vinda de um novo messias!

Desta vez, foi-se além dos limites e temos o direito e o dever de gritar: “Alto lá!”

Embora sujeitos a contristar os crentes, aliás eminentemente respeitáveis, dessas neo-religiões, e abstraindo amizades e simpatias pessoais, teremos a coragem de dizer:

– “Não queremos mais equívocos, nem compromissos! Não há conciliação possível entre o vosso método e o nosso! Dado que a propaganda insensata dos vossos “mestres” tivesse algum êxito, as extravagâncias em que mergulhais só poderiam retardar um pouco o futuro da filosofia palingenésica, que nos é tão cara!

A era das revelações, a era das profecias acabou para sempre! Na consciência moderna não há lugar para misticismos antiquados, que se tornaram inteiramente prejudiciais.

A obra definitiva de emancipação intelectual e moral só poderá depender de investigações exclusivamente científicas, acerca da verdadeira natureza do ser e do seu destino.

Assim, a filosofia do futuro será clara, simples e magnífica. Será a *filosofia da ciência!*”

Vocabulário Metapsíquico

Organizado por A. Lobo Vilela

- *Absefalesia* – Insensibilidade às queimaduras. O médium Home pegava em brasas e punha-as sobre a cabeça ou na palma da mão, segundo o testemunho de Alfred R. Wallace. Sinônimo de *apiropatia*.
- *Aeromancia* – Processo adivinhatório que se baseia na direção do vento.
- *Aerosoma* – Termo empregado por Lancelin para designar os corpos psíquicos do homem, mais ou menos equivalente a *perispírito* ou *corpo etéreo*.
- *Alectromancia* – Processo adivinhatório que se funda no vôo das aves.
- *Apiropatia* – vide *absefalesia*.
- *Apport* – Passagem da matéria através da matéria. Verifica-se esse fenômeno quando qualquer objeto material aparece ou desaparece, por meios supranormais, em um recinto completamente vedado.
- *Asinapsia* – Designação atribuída por Bret aos fenômenos metérgicos produzidos sem contato, mas por meio de um instrumento visível, como, por exemplo, a escrita produzida por uma forma ectoplásmica.
- *Assombramento* – Aparição ou qualquer outra manifestação metapsíquica ligada a determinado local onde se produz periodicamente.

- *Arúspice* – Adivinho que lia o futuro nas entranhas das vítimas (Tibulo, *Elegias*, II, 5).
- *Áugure* – Adivinho que interpretava o canto profético das aves (Tibulo, *Elegias*, II, 5).
- *Aura* – Nuvem mais ou menos luminosa que envolve todos os corpos e designadamente o corpo humano, a que Reichenbach deu o nome de *corpo ódico*, e que parece ser constituída de radiações etéricas em que se reflete a atividade psíquica. As colorações das auras deram lugar a notáveis investigações por parte de Leadbeater.
- *Autoscopia* – Termo empregado por Féré para exprimir a faculdade que certos sujeitos sonambúlicos apresentam de verem os seus órgãos internos (autoscopia interna de Du Potet) ou os de outros indivíduos (autoscopia externa de Sollier).
- *Bicorporeidade* (ou bilocação) – Aparecimento simultâneo do mesmo indivíduo em dois lugares distintos. Foram fatos desta natureza que contribuíram para a canonização de Antônio de Pádua e Afonso de Ligório.
- *Bilocação* – Vide *bicorporeidade*.
- *Catalepsia* – Um dos três estados que, segundo Charcot, caracterizam o “grande hipnotismo”. Abolição da sensibilidade e da motilidade.
- *Catoptromancia* – Adivinhação por meio de espelhos ou de uma bola de cristal. Parece que o espelho ou a bola de cristal têm por função excitar as faculdades supranormais (*criptestesia* ou *metagnomia*) ou provocar alucinações verídicas, isto é, que correspondem a fatos autênticos.
- *Clariaudiência* – Percepção nítida de palavras e sons, produzidos fora das condições normais de audição.

- *Clarividência* – Percepção de objetos ou de acontecimentos em condições que a tornam inexplicável por processos normais. Os antigos magnetizadores, que foram os primeiros a observar esse fenômeno, davam-lhe também os nomes de *lucidez* e *dupla vista* (veja-se *criptestesia*).
- *Coliminar* – Termo proposto por Hyslop, equivalente ao *supraliminar* de Myers.
- *Correspondência cruzada* (*cross-correspondence*) – Mensagem supranormal obtida por diferentes médiuns, cada um dos quais obtém parte dela que por si só não forma sentido e precisa da outra parte para se tornar inteligível.
- *Criptestesia* – Faculdade que, segundo Richet, permite adquirir conhecimentos supranormais. “Sensibilidade oculta, misteriosa, críptica”. Richet distingue duas formas de criptestesia: *pragmática*, que corresponde à *metagnomia táctil* de Boirac (veja-se *hilognosia*); e *espírita*, equivalente à *metagnomia* espírita de Sudre.
- *Criptestesia pragmática* – Designação proposta por Richet em substituição do termo *psicometria*, para exprimir a percepção do que há oculto nas coisas (veja-se *metagnomia*).
- *Cripto-estesia* – Termo criado por Flournoy (*Esprits et Médiuns*) para designar a sensação que se não converte em percepção, mas fica registrada na memória subconsciente (*criptomnesia*). Não confundir com a *criptestesia* de Richet.
- *Criptomnesia* – Nome pelo qual Flournoy designa a memória subliminar de Myers. Compreende tudo o que passou pelo sensorio sem afetar a consciência e tudo o que chegou a ser consciente mas se esqueceu (veja-se *metamnesia*).

- *Criptografia* – Escrita direta, isto é, escrita que se produz por via supranormal, como, por exemplo, a que se tem obtido em ardósias unidas e seladas.
- *Criptopsiquia* – Termo empregado por Boirac para designar os fenômenos em que “parece manifestar-se uma ação inteligente, uma ação psíquica, sem que, entretanto, o sujeito em que ela se manifesta tenha, em qualquer grau, consciência de exercer essa ação”. Binet emprega esse termo para designar os fenômenos espiritistas.
- *Diapsiquia* – Designação atribuída por Boirac aos fenômenos de *telepatia*. Leitura do pensamento.
- *Duplo* – Reprodução etérica dos corpos físicos. Perispírito. Para os egípcios, todos os seres vivos, bem como os objetos inanimados, tinham o seu *duplo*. “O duplo de uma cadeira ou de um leito é verdadeiramente uma cadeira ou um leito para o duplo de um homem” (Maspero: *Lectures Historiques*, pág. 155).
- *Ectoplasma* – Substância branca ou acinzentada, plástica, dotada de grande mobilidade, com que se produzem as materializações de entidades metapsíquicas. Schrenck-Notzing o denomina *teleplasma*.
- *Ectoplasma* (ou *ectoplasia* ou *ectoplastia*) – Nome pelo qual Richet designa as materializações fantasmáticas. O mesmo que *ectoplasia* (Myers) e *teleplastia* (Schrenck-Notzing).
- *Eletricidade animal* – Designação dada pelo Dr. Pététin ao magnetismo animal.
- *Eletro-dinamismo vital* – Hipótese formulada pelo Dr. Philips (Durand de Gros) para explicar os efeitos magnéticos.
- *Encorporação* (ou *incorporação*) – Apropriação do organismo físico do médium por uma entidade metanóica. Possessão.

- *Endometaplasia* – Termo proposto por Bret para designar os fenômenos de *transfiguração*.
- *Estocografia* – Impressão metapsíquica obtida em películas fotográficas (Scatcherd).
- *Escrita automática* – Escrita produzida inconscientemente. Também se lhe dá o nome de escrita mecânica. Bret criou o termo *metagrafia* para a designar.
- *Escrita direta* – vide *criptografia*.
- *Espiritóide* – Termo empregado por Boirac para qualificar os fenômenos que parecem produzidos por espíritos.
- *Estados hipnóticos* – Charcot (escola de Salpêtrière) distingue, no “grande hipnotismo”, três estados característicos: letargia, catalepsia, sonambulismo. Bernheim (escola de Nancy) nega a lei dos três estados, atribuindo estes à sugestão.
- *Estigma* – Fenômeno cutâneo produzido por sugestão. Algumas religiosas apresentam os estigmas da paixão do Cristo e chegam a exsudar sangue pelas mãos.
- *Exteriorização da sensibilidade e da motricidade* – Experiências efetuadas por Albert de Rochas e confirmadas por outros experimentadores, entre eles o Dr. Joire.
- *Força psíquica* – Nome dado por Crookes ao magnetismo animal. O Dr. Baréty chama-lhe *força nêurica radiante*; o Dr. Morselli designa-a por *força biodinâmica*; o prof. W. Barret dá-lhe o nome de *força ectênica*.
- *Freno-hipnotismo* – Tentativa efetuada por Braid para associar o hipnotismo à frenologia.
- *Frenologia* – Sistema imaginado por Gall que procura conhecer as faculdades e aptidões, através da conformação do crânio.

- *Glossolalia* – Termo criado pelo prof. Flournoy para designar o automatismo vocal articulado de uma linguagem de fantasia, tal como a “linguagem marciana” de Helena Smith.
- *Gramatologia* – Termo empregado por Maxwell para designar a produção de frases soltas, por via supranormal.
- *Hidroscopia* – Percepção de correntes de água subterrâneas e de filões metálicos. Rbdomancia. Forma especial de hilognosia.
- *Hiloclastia* – Termo empregado por Sudre para designar “ações que se passam numa escala muito pequena, molecular ou talvez corpuscular, como no caso de certos *raps* interiores e na dissociação da matéria”.
- *Hilognosia* – Percepção de corpos inacessíveis aos sentidos, ignorados ou perdidos. Termo equivalente a *psicomетria*, *metagnomia*, *telestesia*, *criptestesia*, *clarividência*, *lucidez*, *dupla vista* (veja-se *hiloscopia*).
- *Hiloscopia* – Termo criado por Boirac para designar os “fenômenos em que a matéria parece exercer, sobre seres animados, principalmente sobre seres humanos, uma ação que não parece completamente explicável pelas suas propriedades físicas ou químicas já conhecidas e que parece, por conseqüência, revelar nela uma força irreduzível a todas as que a ciência tem estudado até agora”. Compreende os fenômenos de percepção de correntes subterrâneas (*rbdomancia*); a influência dos ímãs sobre os sujeitos hipnóticos, reconhecida pelos antigos magnetizadores e pela escola de Charcot; a influência dos metais, estudada pelo Dr. Burcq com os nomes de *metaloscopia* e *metaloterapia*, etc.
- *Hipotaxia* – Designação atribuída por Durand de Gros ao hipnotismo.
- *Hipóteses metapsíquicas*:

- *Hipótese alucinatória* – atribui a alucinações as supostas percepções *supranormais*, como a visão de fantasmas e a audição de vozes, ou ruídos, como os que se produzem em casas assombradas.
- *Hipótese das coincidências fortuitas* (com que Vaschide pretende explicar os casos de telepatia) – considera que entre a aparição e o fato a que ela se refere não há nenhuma relação de causalidade, mas de mera coincidência.
- *Hipótese da desagregação psicológica* – sustenta que as personalidades múltiplas observadas nos histéricos e nos médiuns são devidas à formação de centros psíquicos adventícios que, por circunstâncias ocasionais, tomam um desenvolvimento considerável e revestem o aspecto de novas personalidades.
- *Hipótese da latência* (imaginada por Gurney e Myers) – pretende explicar pela ação telepática dos moribundos as manifestações póstumas destes; supunha-se então que as impressões transmitidas pelo moribundo ficavam latentes durante algum tempo no espírito do percipiente, antes de tomarem a forma de alucinação.
- *Hipótese dos movimentos musculares inconscientes* (proposta por Chevreul) – consiste em supor que o movimento das mesas ou da vareta adivinatória (de que os vedores se servem para descobrirem leitos de águas subterrâneas) é devido a contrações musculares inconscientes.
- *Hipótese dos resíduos* (imaginada por Gurney para reforçar a hipótese telepática) – segundo a qual há uma certa base de manifestações físicas que sobrevive temporariamente à morte do corpo e seriam esses resíduos que produziam os fenômenos telepáticos relativos a pessoas falecidas muito tempo antes e que a hipótese da latência não poderia explicar.

- *Hipótese da ruminação* – imaginada por Dingwall para explicar os fenômenos de materialização (por exemplo, os produzidos por Marta Béraud (Eva Carrière), e supõe que o médium esconde no estômago ou no tubo digestivo as imagens ou objetos que aparecem nas sessões e os regurgita no momento próprio, voltando depois e ingurgitá-los.
- *Hipótese telemnésica (telemnésia)* – criada por Hyslop para atribuir as informações de caráter supranormal obtidas pelo percipiente a uma leitura feita por este no subconsciente de pessoas afastadas, com as quais esteja em “relação psíquica”. Difere da *telestesia* porque nesta última a percepção a distância é direta, isto é, não se socorre do subconsciente de nenhuma outra pessoa.
- *Hipótese telepática* – consiste em admitir que as aparições fantasmagóricas são devidas à transmissão de pensamento do cérebro do agente ao cérebro do percipiente e não correspondem a nenhum fenômeno de natureza objetiva.
- *Hipótese teleplástica* – segundo esta, os fantasmas são produzidos pela ação plasticizante do pensamento do médium ou dos assistentes, exercendo-se a distância.
- *Hipótese telérgica* – supõe que os fenômenos físicos da metapsíquica são produzidos por uma força (a que têm sido dados diversos nomes: psíquica, biodinâmica, nêurica, radiante, ectênica, ódica, magnética) que se exterioriza do médium e provavelmente dos assistentes.
- *Hipótese telestésica* – consiste em supor que o homem é dotado de uma sensibilidade especial (criptestesia) que lhe permite receber sensações ou adquirir conhecimentos a distância, sem ser por intermédio dos órgãos normais dos sentidos e sem que a fonte de informações seja o subconsciente de outras pessoas.

- *Incognosia* – Termo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal que se obtém por contato de um objeto que tenha qualquer relação com o acontecimento a que se refere. Equivalente a *psicometria* (Buchanan e Denton), *criptestesia pragmática* (Richet), *metagnomia tátil* (Sudre).
- *Ideoplastia* – Designação dada por Durand de Gros à impressão produzida pelas idéias nos sonâmbulos. Ochorowicz empregou esse termo para exprimir “a realização fisiológica de uma idéia”. Modernamente, dá-se ao termo *ideoplastia* um sentido mais lato, exprimindo qualquer ação plástica do pensamento sobre a matéria. Bret propõe o termo *ideoplasia*, que considera mais adequado.
- *Incorporação* – vide *encorporação*.
- *Karma* – Termo sânscrito, que exprime a lei de causalidade psíquica e estabelece o mecanismo da justiça imanente. Lei das provas.
- *Letargia* – Estado caracterizado pela abolição dos sentidos. Uma das fases da hipnose, segundo Charcot.
- *Levitação* – Elevação de um corpo no espaço, sem contato aparente, ficando suspenso, como se estivesse subtraído à ação da gravidade.
- *Licantropia* – Faculdade que se atribui a feiticeiros de se transformarem em lobos. Lobisomem.
- *Lucidez sonambúlica* – Percepção supranormal (veja-se *clarividência*).
- *Macrocosmo* – O Universo considerado como organismo vivo.
- *Magnetismo animal* – Expressão empregada pela primeira vez pelo jesuíta Kircher, para designar uma espécie de energia emitida pelo corpo humano e que produz efeitos fotoquímicos, tera-

pêuticos, mumificadores, etc. Fluido magnético. *Od* (Reichenbach).

- *Magnetografia* – Impressão produzida na película fotográfica pelo fluido magnético.
- *Magnetômetro* – aparelho inventado pelo abade Fortin para medir a intensidade do fluido magnético.
- *Materialização* – Fenômeno que consiste na passagem a um estado sensível, por um mecanismo desconhecido, de uma matéria anteriormente subtraída à ação dos sentidos. Corporificação de entidades metanóicas. O caso mais célebre de materialização completa foi o de *Katie King*.
- *Médium* – Indivíduo particularmente dotado para servir de intermediário entre os espíritos e o mundo físico. Conforme a natureza dessa aptidão, assim o qualificativo que se lhe junta: *médium auditivo*, *médium vidente*, etc. Para os fisiologistas esta designação deve ser substituída pela de *automatista*. Os metapsiquistas materialistas, desde que não admitem a existência dos espíritos, não aceitam a necessidade de um mediador e por isso preferem empregar a expressão “sujeito metapsíquico”.
- *Metabiose* – Designação proposta por Bret para os efeitos orgânicos ou biológicos produzidos sobre qualquer organismo vivo, por meios supranormais.
- *Metacromática* – Música supranormal direta.
- *Metacinesia* – Deslocamento de objetos sem contato (*telecinesia*) ou cujo contato é insuficiente para os produzir (*paracinesia*).
- *Metafonia* – Voz direta, produzida por entidades metanóicas (Bret).
- *Metafotismo* – Luzes metapsíquicas (Bret).

- *Metaglossia* – Mensagem oral de entidades metapsíquicas, obtida por meio dos órgãos vocais do médium.
- *Metagnomia* – Nome empregado por Boirac, equivalente à *criptestesia* de Richet, à *panestesia* de Wasielewsky, à *telestesia* de Myers e à *metagnosia* de Bret. Sudre reconhece o caráter especial dos fenômenos espíritas a ponto de os incluir numa classe à parte, a da “metagnomia espírita”.
- *Metagnomia tátil* – Expressão equivalente à *psicomетria* de Buchanan e do Dr. Denton.
- *Metagnosia* – Vide *criptestesia* e *metagnomia*.
- *Metagrafia* – Termo empregado por Bret para designar a *escrita automática*.
- *Metamnesia* – Resíduo mnésico que, segundo os metapsiquistas materialistas, sobrevive por algum tempo à morte orgânica, constituindo a fonte de informação a que os médiuns recorrem para tomarem conhecimento dos fatos ocorridos com o falecido (Bret).
- *Metanoísmo* – Encarnação ou incorporação espiritista, possessão (veja-se *prosopopese*).
- *Metanóico* – Relativo ao *metanoísmo*.
- *Metaporese* – Termo empregado por Myers para designar as ações supranormais que se exercem sobre a estrutura atômica da matéria.
- *Metaplasia* – Materialização de espíritos de vivos, bilocação, impressões mentais produzidas sobre a película fotográfica.
- *Metapsiquia* – Transmissão do pensamento, telepatia.
- *Metapsíquica* – Termo criado por Richet para designar a “ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos de-

vidos a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas, latentes na inteligência humana”.

- *Metapsiquismo* – Designação dada por Bret ao elemento supranormal do homem e dos animais. Equivalente à *força psíquica* de Crookes, à *força ectênica* do prof. Thury, ao *od* de Reichenbach.
- *Metapsiquista* – O que se dedica ao estudo da metapsíquica.
- *Metarsismo* – Elevação, no ar, de qualquer corpo, produzida por meios supranormais (Bret).
- *Metasoma* – Corpo astral, perispírito, aura psíquica (Bret).
- *Metatesis* – Termo empregado por Hartmann, equivalente a *metarsismo*.
- *Metempsicose* – Doutrina hindu, segundo a qual as almas transmigram de uns corpos para outros, em harmonia com as suas necessidades de aperfeiçoamento e as condições impostas pelo *karma* (lei das provas).
- *Metergia* – Termo criado por Bret para designar toda a ação supranormal que pode apresentar três tipos: *metideogenia*, *metacinesia*, *metabiose* (veja-se *telergia*).
- *Metestesia* – Designação dada por Bret à sensação produzida por um fenômeno metapsíquico de natureza material.
- *Meteter* – Nome dado por Myers ao meio próprio dos fenômenos telepáticos.
- *Metideogenia* – Nome dado por Bret à produção de formas materializadas. Ectoplasmia (Richet), aparição.
- *Moldagem* – Molde de gesso que reproduz mãos, pés ou o rosto de fantasmas materializados e se obtém através de um negativo produzido em parafina. O processo operatório consiste em pedir à entidade materializada que introduza a mão ou o pé numa tina

com água quente, tendo parafina fundida em suspensão. Quando se retira do vaso, a mão ou o pé fica coberto de uma delgada capa de parafina que toma consistência em contato com o ar e fica oca pela desmaterialização da forma que a produziu. Enchendo com gesso a luva assim obtida reproduz-se a forma ectoplásmica inicial.

- *Monição* – Advertência que ocorre acidental e subitamente a pessoas no estado normal, a respeito de qualquer acontecimento, passado ou presente. Quando se refere a acontecimentos futuros diz-se premonição.
- *Monoideísmo* – Idéia fixa.
- *Música transcendental* – Expressão empregada por Bozzano para designar a música que se ouve em certas ocasiões, como por exemplo em câmaras mortuárias, sem que seja produzida por nenhum instrumento (veja-se *metacromática*).
- *Necromancia* – Arte adivinhatória que tem por base a invocação dos mortos.
- *Neurodinamômetro* – Aparelho inventado pelo Dr. Planat para medir a força nêurica ou magnética.
- *Nous* – Nome pelo qual Platão designava o espírito.
- *Objetivação de tipos* – Nome dado por Richet aos fenômenos que consistem em fazer desempenhar um determinado papel a um sonâmbulo por meio de uma sugestão conveniente.
- *Obsessão* – Ação persistente, geralmente perniciosa e com caráter de idéia fixa, exercida por um espírito sobre uma pessoa, sem conseguir, aliás, apossar-se-lhe do corpo, como na *possessão*.
- *Ochema* – Designação dada por Platão ao veículo do espírito. Corresponde ao *ocheumata* dos neoplatônicos, ao *corpo astral* dos teósofos e ao *perispírito* dos espiritistas.

- *Od* – Nome dado por Reichenbach à *força psíquica* (Crookes).
- *Oniromancia* – Adivinhação pelos sonhos.
- *Oráculo* – Palavra que exprime, quer as mensagens transcendentais que as Pítias transmitiam, quer o local onde essas mensagens se obtinham, quer ainda os deuses a quem se atribuíam. O oráculo de Apolo Pítico, em Delfos, era considerado o mais célebre da antiguidade.
- *Palingenesia* – Doutrina segundo a qual as almas passam por diversos corpos para se aperfeiçoarem e depurarem. Transmigração das almas; reencarnação.
- *Pamnesia* – Termo criado por Myers, equivalente a *pantomnesia* (Richet) e *criptomnesia* (Flournoy).
- *Panestesia* – Designação dada por Wasielewsky à *clarividência* ou *lucidez* dos antigos magnetizadores; *metagnomia* (Boirac); *criptestesia* (Richet); *metagnosia* (Bret).
- *Panspermismo* – Doutrina que admite que em toda parte há germes orgânicos que aguardam condições favoráveis para se desenvolverem.
- *Pantomnesia* – Nome proposto por Richet para indicar que “a memória não esquece nada e tudo o que impressiona os nossos sentidos fica registrado no cérebro inconsciente”.
- *Parapsíquica* – Termo proposto por Boirac para designar a ciência a que Richet chamou *metapsíquica*.
- *Paraquinesia* (ou *paracinesia*) – Termo empregado por J. Maxwell para designar os deslocamentos de objetos com ligeiro contato do médium, quando esse contato não é suficiente para os produzir; *telecinesia* (Aksakof).
- *Pêndulo explorador* – Instrumento de que se servem alguns rbdomantes para descobrirem nascentes subterrâneas.

- *Perispírito* – Invólucro do espírito, de natureza semimaterial, que o corporiza. Termo equivalente ao *mediador plástico* de Cudworth, ao *arqueu* de Van Helmont, ao *evestrum* de Paracelso, ao *ocheumata* dos neoplatônicos e ao *ochema* de Platão. Lancelin chama-lhe *aerosoma* e Bret designa-o por *metasoma*.
- *Personalidades* – Entidades metanóicas que se revelam quer no sonambulismo (*personalidades sonambúlicas*), quer no transe mediúnico (espíritos). As personalidades sonambúlicas podem ser produzidas por sugestão ou corresponder a uma fase regressiva da vida do próprio sujeito, que assim revive uma época já passada (*ecmnesia*).
- *Personificação* – Produção de personalidades metapsíquicas. Objetivação de tipos (Richet).
- *Pluralização* – Produção ectoplásmica de entidades metanóicas que se manifestam independentemente e simultaneamente com o médium.
- *Pneumatofonia* – Mensagem verbal produzida diretamente pelos espíritos; *psicofonia*.
- *Pneumatografia* – Escrita direta; *criptografia*.
- *Polimorfismo* – Personificações subconscientes, objetivação de tipos por sugestão.
- *Polinoísmo* – Manifestação simultânea de várias personalidades que não revestem formas ectoplásmicas, pelo que difere da *pluralização* (Bret).
- *Polipsiquismo* – Conjunto de elementos psíquicos que, segundo Mackenzie, forma uma personalidade efêmera, à qual atribui os fenômenos supranormais de caráter subjetivo.
- *Possessão* – Domínio irresistível exercido sobre o organismo do sujeito, por uma entidade metanóica hostil.

- *Pragmagnosia* – Termo proposto por Bret para designar o conhecimento supranormal.
- *Prana* – Fluido vital.
- *Precognição* – Conhecimento antecipado de fatos; *premonição*.
- *Premonição* – Vide *precognição*.
- *Presságio* – Sinal que serve para adivinhar o futuro; conjectura que esse sinal sugere.
- *Profecia* – Predição das coisas que vão acontecer.
- *Progeneração* – Termo que Myers opõe a *degeneração*.
- *Prognosia* – Conhecimento antecipado do futuro.
- *Promnesia* – Recordação de fatos de que se tomou conhecimento antes de se terem produzido (Myers). Desse modo, a promnesia consta de duas fases:
 - 1ª) premonição de determinado acontecimento;
 - 2ª) lembrança de se ter sonhado o fato, quando ele se realiza (Bret).
- *Prosema* – Revelação de um acontecimento futuro. Sinônimo de *premonição*, *precognição*, *prognosia*.
- *Prosopopese* – Termo empregado por Sudre para designar “toda a modificação brusca, espontânea ou provocada, da personalidade psicológica”. Compreende os fenômenos de divisão e alteração da personalidade produzidos por sugestão ou de caráter patológico; possessão e encarnação.
- *Psicagogo* – Sacerdote que procedia à invocação dos mortos, nos mistérios gnósticos.
- *Psicode* – Termo proposto por Thury, equivalente ao *od* de Reichenbach. A *força ectênica* que, segundo Thury, produz todos os

fenômenos telecinéticos não é mais do que a exteriorização do psicode.

- *Psicodinamia* – Termo empregado por Boirac para designar os “fenômenos em que um ser animado parece agir sobre outros seres animados (*psicodinamia vital*) ou sobre a matéria bruta (*psicodinamia material*), por intermédio de uma força *sui generis*, distinta de todas as forças conhecidas, ainda que análoga às forças radiantes ou circulantes, tais como o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo”; *magnetismo animal*.
- *Psicofonia* – Manifestação metanóica, produzida através dos órgãos vocais do médium.
- *Psicofotismo* – Luzes que acompanham as aparições ou quaisquer fenômenos luminosos de caráter supranormal.
- *Psicognosia* – Conhecimento supranormal (Bret).
- *Psicografia* – Mensagem supranormal obtida por escrita mecânica ou semimecânica (Kardec).
- *Psicometria* – Termo criado por Buchanan, pseudônimo da esposa do geólogo norte-americano Denton, para designar os fenômenos que obteve de reconstituição de paisagens das épocas remotas da evolução terrestre, cujas descrições eram evocadas pela observação e pelo contato de fragmentos de terrenos daquelas épocas geológicas. Embora a imaginação tivesse desempenhado aqui um papel preponderante, o certo é que outros sensitivos têm conseguido reconstituir fielmente certas cenas passadas, limitando-se a tocar em objetos que com elas se relacionam. Richey propõe para esses fenômenos o nome de *criptestesia pragmática*. Na psicometria é freqüentemente incluída também a *clavividência* e a *lucidez*.
- *Psicopatia* – Termo empregado por Boirac para designar os “fenômenos que têm essencialmente por ponto de partida uma

certa modificação, tanto do estado mental como do estado nervoso dos sujeitos em que se produzem, e que consistem ora na exaltação ora na inibição anormal das faculdades psicológicas ou das funções vitais”.

- *Psicoplasia* – Materialização de entidades metapsíquicas, moldagens transcendentais, fotografia espírita.
- *Psicorragia* – Nome proposto por Myers para designar os fantasmas de vivos.
- *Quiromancia* – Arte adivinhatória que pretende interpretar as rugas das mãos.
- *Rabdomancia* – Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem veios de água, ou jazigos minerais subterrâneos. Uma forma de *metagnomia*.
- *Rabdomante* – Sujeito que possui a faculdade da rabdomancia.
- *Radiações psíquicas* – Emanações relacionadas com a atividade mental e impulsionadas pela vontade, susceptíveis de impressionar a chapa fotográfica.
- *Raios rígidos* – Designação dada por Ochorowicz aos filamentos ectoplásmicos que servem de veículos dos fenômenos de *metacinesia* e *telecinesia*. Schrenck-Notzing chama-lhes *eflorescências rígidas*; Morselli dá-lhes o nome de *neoplasmas* e Botazzi de *membros mediúnicos*.
- *Raios V* – Raios atribuídos ao fluido vital, pelo cel. Darget e pelo dr. Baraduc.
- *Raps* – Ruídos supranormais.
- *Reencarnação* – Regresso do espírito à vida corporal; *palingenesia*. Segundo a doutrina reencarnacionista, as almas aperfeiçoam-se, atravessando sucessivas fases de encarnação e desencarnação, e diferem uma das outras, não na sua essência, mas no seu grau

de desenvolvimento, como frutos da mesma árvore em diferentes estados de maturação. Desse modo, o problema do mal encontra uma solução compatível com os atributos de Deus e a vida pós-tuma é uma fase de evolução e não um estado último e definitivo que dependa dos acontecimentos de uma vida única e breve.

- *Regressão da memória* – Fenômeno que consiste em fazer retrogradar a consciência do sujeito de modo a fazê-lo reviver fases anteriores da sua vida e remontar até além do nascimento. As experiências de De Rochas têm sido verificadas e confirmadas por muitos outros experimentadores.
- *Ruminação* – vide *Hipóteses metapsíquicas: Hipótese da ruminação*.
- *Sarcosoma* – Designação dada por Lancelin ao corpo físico.
- *Sibila* – Adivinha que anunciava o futuro em versos de 6 pés (Tibulo, *Elegias*, I, 5).
- *Sonambulismo* – Estado especial em que se manifestam faculdades supranormais.
- *Sonâmbulo* – Indivíduo que apresenta sintomas de sonambulismo.
- *Subconsciente* – Departamento psicológico mais ou menos obscuro, formado por sensações que não chegam a converter-se em percepções e por outras que deixarem de ser conscientes. O subconsciente implica uma sensibilidade especial (*criptestesia*) e uma memória que registra as impressões colhidas por essa via (*criptomnesia*).
- *Subliminar* – Termo proposto por Myers para designar a atividade subconsciente, que produz certos fenômenos supranormais. Além do subliminar, Myers admitia mais dois departamentos psicológicos que eram o *supraliminar* e o *inconsciente*.

- *Supranormal* – Tudo aquilo que ultrapassa os limites do normal. Fenômeno que parece transgredir as leis conhecidas, ou que pelo menos se apresenta com caráter pouco vulgar.
- *Telemnésia* – vide *Hipóteses metapsíquicas: Hipótese telemnésica*.
- *Telepatia* – Termo criado por Myers para designar “a comunicação de quaisquer impressões de um espírito a outro, independentemente dos sentidos”. Transmissão do pensamento, de sensações e de imagens em que o sujeito desempenha um papel passivo.
- *Teleplasma* – Vide *ectoplasma*.
- *Teleplastia* – Vide *ectoplasmia*.
- *Telepsiquia* – Termo criado por Boirac para designar os “fenômenos em que a ação psicodinâmica se exerce a grandes distâncias sem intermediários visíveis”. Abrange a *telepatia* (telepsiquia passiva) e a *telestesia* (telepsiquia ativa).
- *Telequinetoscópio* (ou *telecinetoscópio*) – Aparelho inventado por Price para comprovar os deslocamentos de objetos.
- *Telergia* – Termo criado por Myers para designar a força material que intervém na telepatia. Sudre deu a esta palavra um sentido mais lato, aplicando-a a quaisquer efeitos mecânicos, físicos e químicos da força psíquica. Nesta acepção abrange os fenômenos de *telecinesia* e de *hiloclastia*.
- *Telestesia* – Termo criado por Myers para designar as percepções por via supranormal, quando a fonte do conhecimento é o próprio espírito do percipiente. Equivale à expressão *telepsiquia ativa*, de Boirac.
- *Tiptologia* – Mensagem transcendental obtida por meio de pancadas.

- *Transfiguração* – Modificação fisionômica que se observa em certos médiuns, quando se manifesta neles uma entidade metanóica.
- *Vidência* – Faculdade que têm certos indivíduos de perceberem formas e objetos normalmente invisíveis. Os indivíduos em estado sonambúlico apresentam freqüentemente esta faculdade.
- *Voz direta* – O mesmo que *metafonia*.
- *Xenoglossia* – Uso de uma língua que se não aprendeu e que se não conhece em condições normais, segundo a nomenclatura de Richet.
- *Xenonoísmo* – aparições espontâneas de fantasmas de defuntos.

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)